



# Bodleian Libraries

UNIVERSITY OF OXFORD

This book is part of the collection held by the Bodleian Libraries and scanned by Google, Inc. for the Google Books Library Project.

For more information see:

<http://www.bodleian.ox.ac.uk/dbooks>



This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 2.0 UK: England & Wales (CC BY-NC-SA 2.0) licence.

COELHO NETTO

JARDIM DAS OLIVEIRAS



**Lélo & Irma**

EDITORES

R. das Carmelitas, 144

**ÇA DE QUEI**

O Crime do Padre Amaro.  
O Primo Bazilio.  
O Mandarim.  
Os Maias.  
A Reliquia.  
Correspondencia de Fradiques.  
A Ilustre casa de Ramires.  
A Cidade e as Serras.  
Prosas Barbaras.  
Contos.  
Cartas de Inglaterra.  
Cartas Familiares.  
Ecos de Paris.  
Notas contemporaneas.  
Ultimas paginas (*manuscritos*).  
As minas de Salomão (*tradução*)

*Obras postumas publicadas :*

A Capital.  
O Conde d'Abranhos.  
Alves & C.<sup>a</sup>.  
Correspondencia.  
O Egipto (*Notas de viagem*).

*No prélo :*

A tragedia da rua das Flôres.  
Paginas esquecidas.

**ERNESTO RÉNAN**

*Historia das Origens do Cristianismo*

Vida de Jesus.  
Os Apóstolos.  
S. Paulo  
Anti-Cristo.  
Os Evangelhos e  
cristã.  
A Igreja cristã.  
Marco Aurélio e o Fim do  
tigo.

LOR  
UTION  
ARY



KFORD

447



300523405M

**DICCIONARIO PRÁTICO  
ILLUSTRADO**

**Diccionario encyclopedico  
luzo-brazileiro**

POR

**JAIME DE SÉQUIER**

2.ª EDIÇÃO

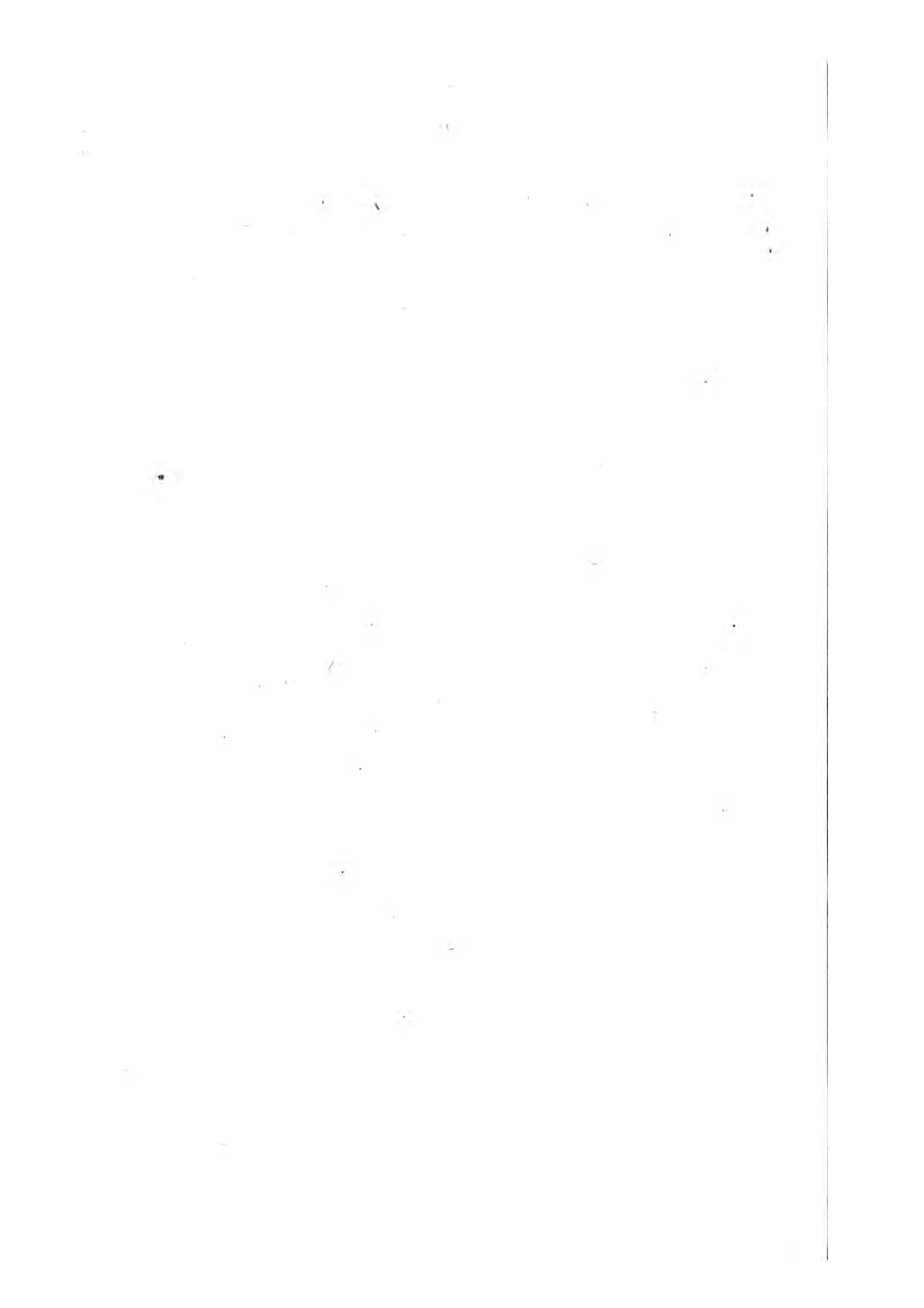
6.000 gravuras — 110 Quadros  
90 Mappas — 1.000  
retratos de individualidades celebres

Letras, sciencias, artes, definições, exemplos, synonymos, antonyms, proverbios e locuções proverbiaes, pronuncia, etymologias, termos brasileiros, locuções latinas e estrangeiras, historia, biographia, geographia, mythologia, noticias bibliographicas, monographias de obras de arte, personagens e typos, formulario orthographic, etc., etc.

O Diccionario Pratico Illustrado realisa plenamente o typo perfeito do diccionario manual; deveis, pois, ter sempre à mão

**O VERDADEIRO LAROUSSE  
PORTUGUEZ**





407.

# JARDIM DAS OLIVEIRAS



COELHO NETTO

Coelho Netto

---

# JARDIM DAS OLIVEIRAS

---

QUARTA EDIÇÃO

---



PORTO

Livraria Chardron, de Lello & Irmão, L.<sup>da</sup>  
editores — Rua das Carmelitas, 144

---

1928



## Obras de COELHO NETTO

---

- |   |   |
|---|---|
| 1 <i>O Meio.</i>                                    | 58 <i>Patria brasileira</i> (com O. Bilac).                                     |
| 2 <i>Rhapsodias.</i>                                | 59 <i>Vida mundana.</i>   |
| 3 <i>A Capital Federal.</i>                         | 60 <i>Scenas e perfis.</i>  |
| 4 <i>Praga.</i>                                     | 61 <i>Alma.</i>   |
| 5 <i>Balladilhas.</i>                               | 62 <i>Mysterio do Natal.</i>  |
| 6 <i>Bilhetes postaes.</i>                          | 63 <i>Palestras da tarde.</i>   |
| 7 <i>Fruto prohibido.</i>                           | 64 <i>Banzo.</i>  |
| 8 <i>Miragem.</i>                                   | 65 <i>Melusina.</i>   |
| 9 <i>O rei fantasma.</i>                            | 66 <i>Rei negro.</i>  |
| 10 <i>A colonia portuguesa no Brasil.</i>           | 67 <i>Contos escolhidos.</i>  |
| 11 <i>Sertão.</i>                                   | 68 <i>Versas.</i>   |
| 12 <i>Album de Caliban.</i>                         | 69 <i>O mar.</i>  |
| 13 <i>America.</i>                                  | 70 <i>Falando . . .</i>   |
| 14 <i>Pelo amor !</i>                               | 71 <i>A Politica.</i>   |
| 15 <i>Programma e commentario do Pelo amor.</i>     | 72 <i>Discurso ao Conde Pereira Carneiro.</i>                                   |
| 16 <i>Inverno em flor.</i>                          | 73 <i>Frutos do tempo.</i>  |
| 17 <i>O morto.</i>                                  | 74 <i>Athletica.</i>  |
| 18 <i>Romanceiro.</i>                               | 75 <i>O mysterio</i> (com A. Peixoto, Medeiros e Albuquerque e Viriato Corrêa). |
| 19 <i>A descoberta da India.</i>                    | 76 <i>A Portugal.</i>   |
| 20 <i>O Paraiso.</i>                                | 77 <i>Mandamentos civicos.</i>  |
| 21 <i>Seara de Ruth.</i>                            | 78 <i>Breviario civico.</i>   |
| 22 <i>O raja do Pendjab</i> (2 vol.)                | 79 <i>Conversas.</i>  |
| 23 <i>Artemis.</i>                                  | 80 <i>Vesperal.</i>   |
| 24 <i>Hostia.</i>                                   | 81 <i>O meu dia.</i>  |
| 25 <i>Lanterna magica.</i>                          | 82 <i>Discurso na Liga da Defesa Nacional.</i>                                  |
| 26 <i>A terra fluminense</i> (com Olavo Bilac).     | 83 <i>Encyclias.</i>  |
| 27 <i>A conquista.</i>                              | 84 <i>Frechas.</i>  |
| 28 <i>Por montes e valles.</i>                      | 85 <i>Carnaval.</i>   |
| 29 <i>Saldunes.</i>                                 | 86 <i>Orações.</i>  |
| 30 <i>Tormenta.</i>                                 | 87 <i>Fogo de vista.</i>  |
| 31 <i>A caridade.</i>                               | 88 <i>Oração dos Empregados no Commercio.</i>                                   |
| 32 <i>Memoria sobre arte.</i>                       | 89 <i>As quintas.</i>   |
| 33 <i>Apologos.</i>                                 | 90 <i>Mano.</i>   |
| 34 <i>A Bico de penna.</i>                          | 91 <i>Pelos cegos.</i>  |
| 35 <i>Contos patrios</i> (com O. Bilac).            | 92 <i>A vida além da morte.</i>   |
| 36 <i>Compendio de litteratura brasileira.</i>      | 93 <i>O polvo.</i>  |
| 37 <i>O arara.</i>                                  | 94 <i>O evangelho nas selvas.</i>   |
| 38 <i>Agua de Juventa.</i>                          | 95 <i>Immortalidade.</i>  |
| 39 <i>Theatro infantil</i> (com O. Bilac).          | 96 <i>Amor.</i>   |
| 40 <i>A palavra.</i>                                | 97 <i>Feira livre.</i>  |
| 41 <i>Pastoral.</i>                                 | 98 <i>Canteiro de saudades.</i>   |
| 42 <i>Turbilhão.</i>                                | 99 <i>Contos da vida e da morte.</i>  |
| 43 <i>Treva.</i>                                    | 100 <i>Os tres irmãos.</i>  |
| 44 <i>O fogo.</i>                                   | 101 <i>O sapato do Natal.</i>   |
| 45 <i>A agua.</i>                                   |   |
| 46-51 <i>Theatro</i> (6 vol.).                      |   |
| 52 <i>As sete dôres de N. Senhora.</i>              |   |
| 53 <i>Fabulário.</i>                                |   |
| 54 <i>Jardim das oliveiras.</i>                     |   |
| 55 <i>Esphynges.</i>                                |   |
| 56 <i>O Instituto de A. e protecção á infancia.</i> |   |
| 57 <i>Conferencias litterarias.</i>                 |   |
|   | No prélo :  |
|   | 102 <i>Bazar.</i>   |
|   | 103 <i>Vencidos.</i>  |
|   | 104 <i>A cidade maravilhosa.</i>  |
|   | 105 <i>Livro de prata.</i>  |
|   | 106 <i>Velhos e novos.</i>  |
|   | 107 <i>Fogo fatuo.</i>  |

# A JULIÃO MACHADO

Meu caro artista

Eu teria parado no primeiro conto se não me  
houvesses incitado a fazer o volume. Aqui  
o tens com a responsabilidade que assu-  
miste impellindo-me á aventura.

Teu  
COELHO NETTO.



## Alvorada

---

— Que horas são ?

— Quatro.

— Não é possível. Estou ouvindo os passarinhos.

— São quatro. Sempre dormiste um pouco.

— Não, não dormi. Não posso dormir ; ou antes — não quero dormir.

— Porque ?

— Emquanto a gente dorme as horas correm, aproveitam-se do nosso somno para fugir. Eu ouvi todas as horas da noite, todas. E como vibram no silencio da casa! Parece que sahem de um grande sino.

As horas da meia noite precipitam-se atropeladas. São as ultimas vencidas que abalam, de roldão, deixando o espaço livre ao novo tempo. Dão a impressão de um grupo que se houvesse refugiado

no vão obscuro de uma caverna e que, descoberto pelos invasores, arrancasse, em tropel desabrido, escapando á morte, com terror, aos gritos. Depois começa a ronda vagarosa — uma hora, duas horas, tres, quatro. São quatro ?

— Sim, quatro.

— Não tarda a manhan. Não imaginas como estou com medo. Parece que não chegarei a tempo de vêr o sol.

— Que sentes ?

— Nada. É justamente por isso que estou com medo. Até hontem, á tarde, eu tinha dôres cortantes. De repente tudo cessou. É a grande calma. No momento do crepusculo ha um largo silencio: as arvores aquietam-se, as aguas derivam sem murmuro, calam-se os animaes. Pouco a pouco vão desaparecendo do céu os ultimos lampejos e uma grande, uma infinita melancolia, feita de saudade, levanta-se de tudo. Não é assim ?

— Ha tardes tão alegres !

— Não ha. Todas as tardes são tristes.

— Quando se está triste.

— Que braços são aquelles ?

— É uma sombra que treme com os vasquejos da lamparina.

— Apaga a lamparina. Essa agonia da luz impressiona-me. Eu estava a vêr aquelle bracejar sinistro ha muito tempo. É a sombra do cabide ?

— É.

— Parece um vulto que avança e recua, ameaçador e mau.

— Sentes febre?

— Não. Porque perguntas? Julgas que estou delirando? Talvez esteja, porque continuo a ouvir os passarinhos. Não é possível que sejam apenas quatro horas. Emfim . . . E esse arrastar . . .? Que será que andam a arrastar lá fóra?

— É o vento nas arvores.

— O vento nas arvores . . . Deita-te. Deves estar cansada. Se eu sentir alguma coisa, chamo-te. Deita-te.

— Não te preocupes commigo.

— É o vento nas arvores . . .?

— É.

— Os que morrem de repente são bem felizes.

— Porque?

— Não pensam na morte. Não imaginas como tenho soffrido! Ha uma semana que soffro. Vejo-me morto, acompanho o meu proprio enterro . . . Sinto-me encerrado no caixão, ouço o bater soturno da terra que os coveros atiram a pásadas, e o ar me vai faltando. É uma agonia inenarravel, Heloisa. E tu? Que ha de ser de ti? Mais do que a minha morte preocupa-me a solidão em que vais ficar. Não pensas no teu destino?

— Eu? Se tenho certeza de que não morres.

Isto é uma crise, ha de passar. Ainda hevementos de ser muito felizes, verás. Que estás sentindo ?

— Apaga a lamparina. Essas sombras impressionam-me.

— Queres que accenda o gaz ?

— Não, uma vela. Uma vela, aqui perto.

— Estás sentindo alguma coisa ?

— Ansia. Não será hora do remedio ?

— Não : é ás cinco.

— Ás cinco . . . Cobre-me os pés.

— Não fales tanto.

— Nunca atravessaste uma floresta á noite; é por isto que me recommendas que não fale.

— Porque ?

— Porque ? Quando os sertanejos atravessam as florestas, cantam. É um meio de se acompanharem, de illudirem o medo. Assim estou eu — preciso ouvir-me, sentir-me acompanhado por minh'alma. Estou atravessando uma floresta assombrosa. Chegarei ao fim ? não creio. Foi o relógio que bateu ?

— Quatro e meia.

— Ainda caminhei meia hora. Parece-me que, se eu chegasse a vêr o sol . . . Os pés, agasalha-me os pés.

— Estão bem cobertos.

— Não os sinto. Estás chorando ?

— Não.

— Não chores. Vamos passar contentes os últimos instantes. Quero levar a impressão dos teus olhos luminosos. E, coisa estranha — não acredito na morte. Parece impossível que eu morra. Desaparecer para nunca mais! . . . Emfim . . . Sempre vivi de esperanças, foi o meu erro e foi a minha grande força. Nunca olhei para a terra, caminhei sempre de olhos levantados, fitos no céu, no longinquo, olhando o azul, as nuvens douradas, as estrellas riantes. Foi um erro. Ha tão pouco ar aqui dentro . . . ! Com que esforço respiro. Sinto, de quando em quando, um vivo calor no peito como se uma chamma se accendesse e morresse no mesmo instante. Que será ?

— Queres que mande chamar o medico ?

— Para que? São quatro e meia, o sol não tarda. Os medicos pedem tanto quando são chamados á noite . . . ! Cobram o somno interrompido. Esperemos que amanheça, é uma economia. Dá-me um pouco d'agua.

— Com assucar ?

— É indifferente. Sinto saibo a sangue.

— Não te levantes.

— É um peso . . . ! Parece que me estão comprimindo, espremendo o peito para fazer saltar o coração.

— Queres escarrar ?

— Tenho medo. Ah ! Heloisa . . .



— Não fales. Vê se podes dormir um bocado. O lenço? É o lenço que procuras? Está aqui.

.....  
— Não, para que has de vêr? É um bocadinho de sangue. Foi do esforço que fizeste. Queres mais um travesseiro? Ah! minha Nossa Senhora! Meu pobre Luiz...! Eu bem queria mandar chamar um medico. Queres levantar-te? Espera: Encosta-te a meu braço. Que sentes...? Minha Nossa Senhora...! Mas, meu Deus! Tanto sangue! Vê se podes conter-te.

Não te esforces assim. Tem coragem. Que hei de fazer, meu Deus! Luiz...! Não te sentes melhor? Meu pobre Luiz...! A janella? Queres que abra a janella? Mas ainda é noite e está muito frio. Luiz! Que sentes? Sou eu, a tua Heloisa! Mas não é possível! Luiz...! Todo este sangue... Queres que mande chamar o medico? É aqui perto. Eu peço ao visinho. Luiz! Mas, meu Deus...! O pulso, o coração... Não se move. Os olhos... Luiz! Como foi, meu Deus! Luiz! Luiz! Luiz! Que ha de ser de mim, Virgem da Conceição!

*Uma corneta vibra á distancia acordando o silencio com o toque da alvorada.*

## O pequeno

---

— É teu filho ?

— É.

— Que idade tem ?

— Vai fazer cinco annos. Não parece, não é verdade ? Nasceu entanguidinho, sem choro. Nunca pensei que chegasse a criá-lo. Foi um trabalho para pegar o peito. Até aos dois annos andou ao collo, sempre doente, o corpinho aberto em feridas. O pai acabou tísico. Dizem que essa molestia passa aos filhos. Ha de ser o que Deus quizer. Eu, por mim, faço o que posso. Tudo quanto ganho é para elle e esta vida não dá para muito; ás vezes mal chega para o pão. Durante a minha estada na Misericordia elle ficou com umas companheiras minhas. As perversas não contavam que eu me salvasse e quasi deixaram o pobresinho morrer á mingua. Quando sahi da San-

ta Casa e vi o pequeno, que era pelle e osso, com uns olhos muito grandes que não me conheciam e choravam á tôa, á tôa, fiquei como doida. Foi um milagre a sua salvação. Nem eu sei. Está ahí. É uma criança muito boa — passa os dias num canto, brincando quietinho. Só chora quando tem fome ou alguma dôr.

— E dorme aqui mesmo ?

— Pois então ?

— E se acorda ?

— Ora ! é um innocente, não tem maldade. O senhor pensa que o dinheiro é elastico ? Este cantinho que está vendo . . . eu é que sei quanto me custa. Às vezes estou que só Deus sabe e é ali, á janella, esperando a sorte, até ás tantas da noite, com chuvas. A gente vive como pôde e não como quer. O mundo é assim. Eu digo sempre : « Se elle tem de ser feliz, ha de ser ; se veio com má sina, nem que houvesse nascido em berço de ouro, havia de ser desgraçado. » Conheço tantos ! Eu . . . O senhor pensa ? Andei num collegio de fama, muitas das minhas companheiras estão ahí no galarim. Depois da morte de meu pai tudo mudou. Mamã tirou-me do collegio, levou-me para a sua companhia, metteu-se com um homem que comeu tudo quanto papai deixou e . . . perdeu-me. Eu era uma tola, tinha 15 annos. Foi uma vergonha. Andamos na policia, os jornaes falaram. Uma vergonha ! Fiquei depositada em casa de

uma familia, em S. Christovão. Falaram em recolhimento, em prisão . . . Tive medo e, uma noite, fugi. Já estava grávida de quatro mezes. Andei por ahi, aos trancos, em casa dum, em casa doutro, prestando-me a tudo. Quando o pequeno nasceu, esperei um mez e, ainda fraca — porque soffri muito — cahi nesta vida. Tire a sua roupa. Fique á vontade. O pequeno não acorda e, se acordar, é o mesmo, elle já sabe : vira-se para o outro lado. Eu não faço isto por devassidão, é por elle mesmo. O senhor não me vê em troças, não sou mulher de bailes nem de pagodes : é aqui no meu canto, daqui não saio. Quer que dê mais luz ?

— Não. Está bem assim.

— O mundo fala de nós. É, mas ninguem sabe como soffremos. Pensam que isto é semvergonhismo, que a gente faz estas coisas por deboche . . . pois sim! Nós é que sabemos quanto nos custa. Ás vezes, tarde da noite, apparece um homem que quer ficar. A gente precisa : abre a sua porta, recebe o desconhecido, fecha-se com elle . . . e depois? Póde ser uma criatura de bom coração e póde ser um malvado. Quem sabe lá ? Ninguem traz letreiro na testa. Ás tantas, como aconteceu com a Coralia, uma cearense muito bonitinha, que morava na travessa do Senado, o homem levanta-se, faz o que quer, furta o pouco que encontra e vai-se embora. Foi o que aconteceu com a coitada. De manhan, quando os visi-

nhos deram com a porta aberta e entraram na casa, acharam a infeliz núa, degolada, cahida numa pôça de sangue aos pés da cama. E o assassino? até hoje! O senhor tem cigarros?

— Olha o pequeno.

— Deita, Arthur. Mamã está aqui com um moço. Dorme.

— Quero agua.

— Espera um pouco. Olhe, vê? Eu não disse que elle se virava logo para o outro lado? Já sabe. Com licença. Toma a agua. Bebe e dorme. Mamã já vem. Dorme.

— Está fazendo muito frio.

— Está aqui o cobertor. Agora dorme. Quietinho. É uma boa eriança. Sempre assim. O senhor é solteiro? E esse anel? É uma alliança, não é? Ah! quer-me enganar? Está rindo! Pensa que sou tola! Prefiro assim, ao menos a gente sabe que trata com uma pessoa séria. Não sou dessas que gostam de pirralhos e pelintras. Deus me livre! Porque não se despe? Que noite fria! Estou com as mãos que nem gelo. Olhe. Que tempo aborrecido! Não é? Vamos?

— O pequeno está acordado.

— Está dormindo. Elle é assim: mal põe a cabeça no travesseiro, ferra logo no somno. Está olhando? Estou magra. Não vê que eu era assim! Tinha um corpo que fazia gosto. Molestias, trabalhos, noi-

tes perdidas . . . tudo. Isto aqui no braço? é uma lembrança. Maluquices ! Eu morava em companhia de umas moças, appareceu um homem offerecendo-se para fazer estas garatujas no corpo, ellas fizeram e eu, com a influencia, deixei tambem que elle me esfuracasse o braço. Pedi uma Nossa Senhora da Aparecida, elle fez isto : uma coisa que não se entende. As letras são as do meu nome : um C e um V. Algumas pessoas pensam que isto é bruxaria. É uma tolice. Não quer tirar as botinas? Desculpe a pobreza do quarto, não repare no desarranjo, onde ha criança é assim. Tambem . . . a demora é tão pequena. Como se chama o senhor ?

— João.

— João de quê ?

— João de Deus.

— De verdade? Os senhores têm medo de dar o verdadeiro nome é gente, não sei por que. Está frio ! Que é isto ? Ah ! um pedacinho de pão. Foi o pequeno que trouxe. Deixe ahi em cima do lavatorio. Parece que está chovendo. O senhor é o retrato de um moço que eu conheci. Não sei se é vivo ou morto. Era do Arsenal de Marinha. Bom rapaz ! Fez tudo para que eu fôsse viver com elle. Não quiz. Fui tola, máus conselhos.

— Não vá o pequeno acordar.

— Que coisa ! O senhor tem medo de uma criança ?

— Não é medo . . .

— Então que é? vergonha? e eu então que sou mãe? Não se importe. Elle está dormindo. Os senhores são muito engraçados — não fazem caso dos santos e é um tamanho luxo por causa de uma criança. Que está olhando? Ah! sou eu quando tinha dezesseis annos. Tirei esse retrato para fazer a vontade a um moço. Vê como eu era gorda? Nem pareço a mesma. E os cabellos? era uma tal quantidade, que eu só andava de tranças, por não me poder pentear. Um mundo! Foi cahindo. Foi-se tudo. Estou uma ruina. É brincadeira!? Ainda assim tenho resistido muito. Outras, que começaram commigo, já deram a casca por ahi. Esse homem é meu pai, coitado. Era doido por mim. Morreu de repente, do coração. Outros dizem que foi feitiço, por vingança. Não sei. Mas o senhor não está com frio? Nossa Senhora! Parece uma noite de S. João. Imagine lá fóra com o vento. Que horas serão? mais de onze, com certeza. Já está passando gente dos theatros. Está dormindo, não tenha medo. Ah! . . . Que frio! não sente? É mesmo. Então sou eu que estou assim. Estou batendo o queixo.

.....

— Que é?

— O pequeno. Eu não disse que elle não estava dormindo?

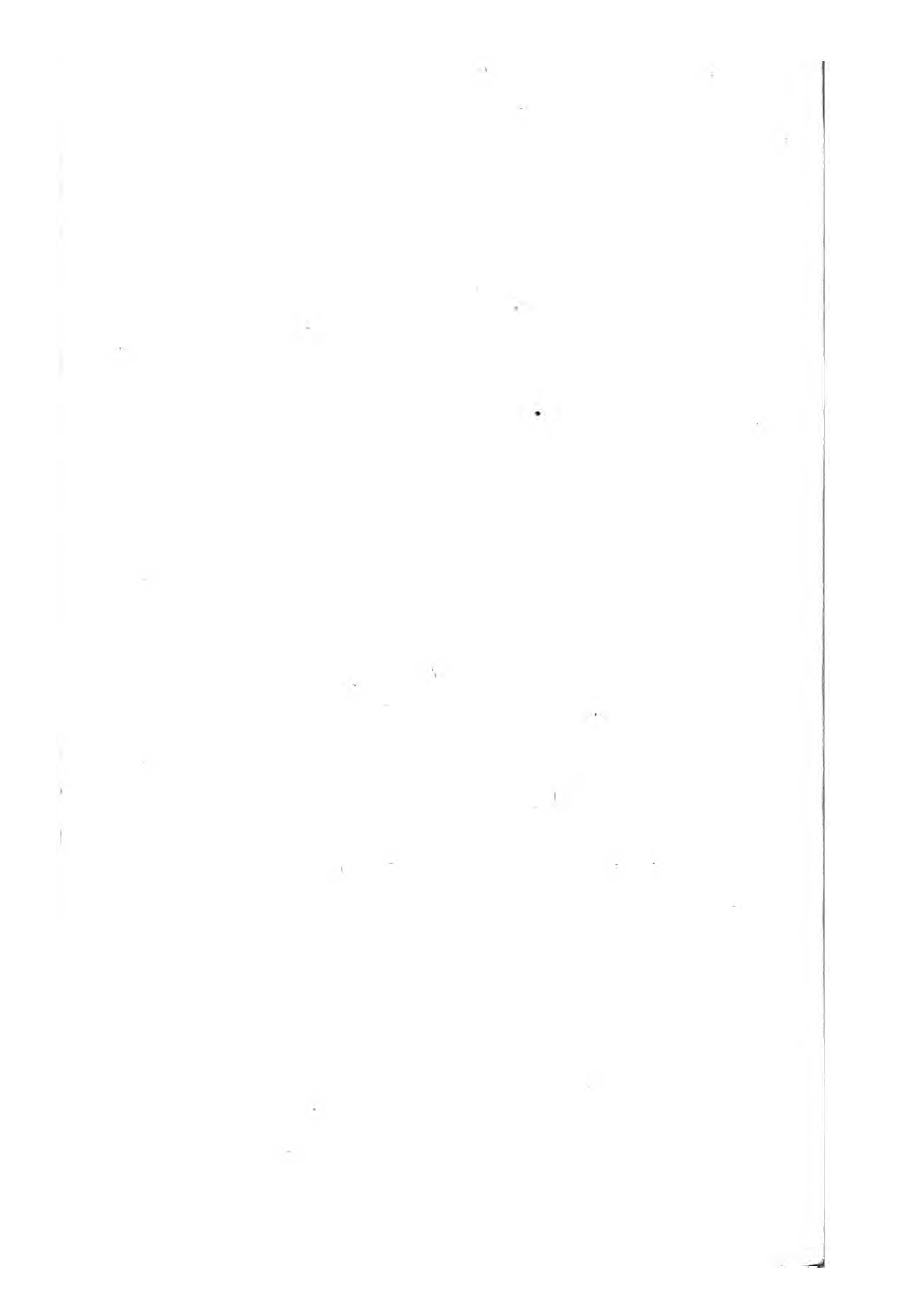
— Está dormindo.

- Está chorando.
- Chorando?! É... está... Que é, Arthur?
- É a dôr.
- Onde?
- No peito. Está doendo muito.
- Pois sim, espera um momento quietinho. Eu já vou fazer o remedio. Cobre-te.
- Eu não disse que elle estava acordado?
- Mas não se volta, fica assim toda a noite se eu não chamar. Não tenha medo.

*E a criança, abafando o rosto no travesseiro, soluçava e gemia.*







## Nocturno

---

— Vazio, inteiramente vazio. Não é a ideia que me falta, é a palavra. Já viste uma colmeia destruída em torno da qual o enxame esvoaça e zumba? Assim tenho eu a cabeça. Sinto as ideias: ellas vêm, chegam em dourado bando, mas logo fogem, dispersam-se como as abelhas assustadas vendo o panal esboroadado, mostrando os alveolos ainda filetados de mel, com a cera em postas como a massa do cerebro a escorrer pelas fendas de um craneo fracturado. Nunca mais! Nunca mais! Todas estas palavras, que inutilizam tantas folhas de papel, são como a terra dos cemiterios, que cahe formando comoros á beira dos tumulos, de onde a tiram os coveiros. De quando em quando, á medida que escrevo, encontro nos periodos novas phrases antigas. Repito-me. São restos de cadaveres que voltam á tona, como os os-

sos appareciam na pá do coveiro de Elsenor. É o fim, minha amiga. É o fim ! Começo a redundar. Os tumulos não têm sementes : têm ossos, só ossos.

— Estás desanimado sem causa. A imaginação é uma ave e as aves nem sempre guardam o ninho — também voam, correm os ares, vão á floresta e á ribeira, banham-se nas aguas frias das fontes e na claridade quente do sol. Deixa-a voar, ou, talvez, dormir. É bem possivel que esteja a dormir.

— A dormir ?

— Sim, a dormir. Tudo repousa. Se insistires com ella e a tirares do somno, pouco te aproveitará a sua companhia. Os estremunhados são como os ebrios ou como os que caminham na escuridão : vacillam, tacteiam inconscientes. Espera a inspiração, que é a luz que acorda a alma. O que não consegues com o esforço penoso a que te entregas, a inspiração fará apenas com a claridade. Tens a janella aberta. Que vês além ? a sombra estrellada. E sabes que ha ali campos verdes, collinas airosas, aguas que derivam, choças que vivem, arvoredos gentis. Teus olhos vêem apenas o negrume condensado. Se sahires com uma lanterna, verás com difficuldade trecho a trecho e será preciso que caminhes, ora levantando a luz, ora levando-a de rasto, para que então vejas a fronde da arvore e a flôr do arbusto, o cimo da collina e o lirio da ribeira ; amanhã, entretanto, sem te moveres daqui, verás tudo amplamente até a li-

nha profunda do horizonte e gosarás o espectáculo admiravel da natureza. Espera a manhan. É noite, a imaginação descança ; não a despertes. O que fazes é andar com uma lanterna pela treva. Espera o sol.

— Tenho medo. Parece que estou perdido para a minha arte.

— A noite faz medo, espalha assombro. A imaginação que dorme é como um lume abafado : de quando em quando lampeja e os seus fulgores apparecem como espectros : são os sonhos. A lua é o reflexo do sol num pantano. Esse medo é ainda imaginação. Se ella houvesse morrido não a lamentarias. Não dizes que a sentes ?

— Sinto-a.

— Como se sente a vida no que dorme. Não a despertes. Deixa-a em paz, a dormir. Levanta-te. O trabalho sem inspiração é como o noivado sem amor. Espera a madrugada. Ouvirás o canto intimo das ideias, mais alegre do que a voz dos passarinhos que festejam o romper d'alva ; sentirás o fino ar da alvorada e, sem esforço, como o que vê o caminho facil e alumiado, a tua penna irá pelo papel esparzindo cantares, á maneira do que trilha uma estrada branca e suave, orlada de um debrum de flôres, espalhando trovas no ar. Vem deitar-te.

— Não, hei de insistir.

— Insistirás em vão. Queres uma prova do que

affirmo ? vai despertar o pequeno, interroga-o, e verás como responde vagamente. O que julgas ser esgotamento, é apenas repouso. A arvore tem o seu periodo de florescencia — a primavera é a alvorada das flôres. És capaz de fazer com que uma arvore abotôe no inverno ? não. Entretanto vive, desfolhada, tiritando ao vento. A circulação continúa a fazer-se e o frio revigora-a. Dorme. O inverno é um somno profundo sob o lençol de neve. A côr branca é a apparencia do nada ; entretanto ha nella, como em palheta encantada, todas as côres. Onde se esconde o espectro ? nessa mortalha : o branco. A morte é o principio da vida, como o Nada foi o principio do Todo. Não perdeste o teu thesouro — o somno fechou-o ; has de revê-lo amanha, á luz do sol, talvez mais rico. Vem deitar-te.

— Juro-te que se acordar vazio, como me sinto agora, mato-me.

— Não te matarás. Has de concluir o poema com esplendor. Não penses que o espirito, com ser espirito, não cança. O proprio Deus repousou no settimo dia. Não dás treguas ao corpo ? porque has de exigir do espirito que trabalhe continuamente ? A fadiga é esteril. A noite é um repouso geral. Se Deus houvesse dividido o dia em duas partes, uma para o trabalho, outra para o descanso, sem afastar o sol do espaço, o homem ambicioso não se entregaria ao somno senão quando elle o prostrasse ven-

cido. Foi justamente por conhecer a alma que creara que o Senhor ordenou as coisas como as temos, voltando a terra para o sol e velando-a com a noite. Ainda assim o homem, sempre rebelde, ateou o lume para caminhar na escuridão, trabalhando dentro da noite como trabalha dentro da mina. Não te desesperes : a tua imaginação repousa. Não sentes as palpebras pesadas ? é o somno que as fecha, como nós fechamos as janellas quando nos recolhemos. Só o coração não repousa, como o mar — dia e noite ouve-se o seu bater marcando o rhytmo da vida. Já passaste a fronteira de um dia, as sombras que escurecem não envolvem um finado, — esse já mergulhou no tumulto — encobrem um infante. Já não é o enterro das horas mortas, é o mysterio do nascimento das horas novas. É o começo da alvorada, e estás aqui inutilmente desde o principio da noite, girando em torno de uma ideia como a mariposa em volta da chamma. Vem deitar-te. É quasi manhan. O ar que circula traz recados das flôres. Vem !

— Tenho a cabeça em fogo. Deixa-me ficar um pouco á janella, ao ar.

— Enche-te de silencio. Não ha rumor de vida, entretanto esta é a hora da fecundidade.

— Como o luar é branco !

— E triste.

— É a alma do silencio.

— Um fogo fatuo. A luz de um astro morto. E

todas essas estrellas, e toda essa poeira luminosa que fórma estradas no céu . . . Quanto mysterio !

— Quanta poesia !

— Quanto sonho !

— Os nossos olhos levam-nos tão longe !

— Que é ? Porque me olhas assim ?

— É que estou vendo a lua dentro dos teus olhos, como se elles fôsem dois lagos. É lindo o luar nos olhos . . .

— Quando os olhos são . . . amados.

*Beijos. A brisa da manhan refresca e enche a camara de aroma, como se andassem sylphos espalhando mysteriosamente essencias no ar.*

## A gloria

---

— Todas as crianças das escolas vão de branco, com flôres para enfeitar a estatua. E o hymno ! Se mamãe o ouvisse . . . ! É tão bonito. Ali no collegio do largo ensaiam-no todas as tardes. O menino aqui do lado perguntou-me hontem se eu ia. Elle vai, com uma grande fita a tiracollo e leva um ramo de flôres. Tu vais ; sei que vais. Ouvi o que disseste aos homens que aqui vieram. Tens até um logar de honra junto ao presidente, no palanque que armaram. Porque não me levas ?

— Estás ainda doente. O medico não quer que saias.

— Á noite ; mas a festa é de dia. Pois então os outros meninos vão levar flôres e eu, que sou seu filho . . . ?

— É justamente por isso.



— Por que ?

— Por seres seu filho. Hão de querer vêr-te, porque amanha, em homenagem a teu pai, teremos um momento de gloria. Todos nos hão de procurar e não quero que appareças aos olhos do mundo como um pobresinho. Ninguem dirá que vais mal vestido e com sapatos rotos porque não tenho : dirão que sou desmazelada, que não me vexo de apresentar em publico o filho de um grande homem como um mendigo. Eu vou, porque não me posso escusar. Todos dizem que devo ir.

— Então porque a minha roupa é velha não posso vêr meu pai ?

— Ve-lo-ás depois. Uma manhan, quando a estatua fôr esquecida, iremos juntos vê-la.

— Mas eu queria ir amanha que ha festa. Leva-me ! Ficarei a teu lado, ninguem dará por mim. Vou limpar os sapatos ; e a roupa, bem escovada . . . que tem ? Não vou á igreja com ella ? Pensas que não tenho saudade de papai ? Lembro-me tão bem delle . . . Ás vezes parece que o vejo com os seus cabellos muito louros. Era tão bonito ! Quando elle morreu a nossa rua ficou tão cheia que os carros não podiam passar. Parecia uma festa. Eu era pequenino, mas lembro-me. O seu caixão era todo de ouro e as corôas eram tantas que não couberam no carro. Um homem quiz levar-me ao cemiterio, tu não deixaste. Fiquei chorando. Pensas que não me

lembro ? Agora tambem não queres que eu vá vêr a estatua. Leva-me, sim ? Que tem que eu vá com os sapatos velhos ? Ninguem dará por elles, saberei escondê-los. Ficarei quietinho, a um canto. Nem é preciso que digas que sou seu filho. Quem poderá adivinhar ? Não me pareço com elle, não faço versos como elle fazia. Sou um menino. Tu sobes para o palanque, eu fico em baixo, entre os pequenos. Leva-me ; quero vê-lo, quero lembrar-me delle. Hontem passei por lá, mas a estatua ainda estava coberta. Havia muita gente olhando. Perto do coreto um homem perguntava a outro — « de quem era aquillo ? » Tive vontade de dizer que era de meu pai, quasi disse. E se dissesse ?

— Tu disseste . . .

— Disse, sim : disse.

— E o homem ?

— Parece que não acreditou, porque me viu pequenino.

— Não, não foi pelo teu tamanho que elle não acreditou, foi pela tua pobreza.

— Era um carroceiro.

— Todos pensam como elle.

— Leva-me, mamãi. É assim que queres que eu te faça as vontades ?

— Queres envergonhar teu pai ?

— Envergonhá-lo ? Como ?

— Queres que te vejam assim ? O mundo não

perdoa a pobreza, meu filho, ainda que ella seja a aureola de um genio. És filho de um grande poeta que cantou, em versos admiraveis, as bellezas da patria e a sua vida heroica. O seu nome é um patrimonio de orgulho da nação e nós devemos, como brasileiros que somos, respeitá-lo. Á festa de amanha concorrem delegações estrangeiras e não quero que os nossos hospedes saiam daqui levando uma impressão desagradavel. Que vejam a glorificação do poeta e não saibam da miseria em que vivem a sua viuva e o seu filho. Nós iremos ficar como um baixo relevo deprimente no monumento com que a Patria engrandece o genio do seu inspirado cantor. O brilhante que refulge na encarna das joias soffreu o polimento dos lapidarios — cada uma das suas facetas foi uma tortura. Deixou nos ferros a terra, o cascalho, as arestas, tudo quando o cercava, para resplandecer solitario. Nós empanariamos a gloria do grande homem. Eras muito amigo delle ?

— Muito !

— E queres que elle soffra por tua causa ?

— Soffrer ? por que ? . . .

— Vendo o seu filhinho humilhado entre as outras crianças, sem uma flôr, ao menos — a que lhe seria mais grata — para a sua imagem ? O seu espirito meigo soffrerá com isso.

— E não soffrerá se me não vir entre as crianças ?

— Não, porque sabe o motivo da tua ausência.

— Se elle sabe que é por pobreza que não vou, o seu soffrimento deve ser constante, porque desde que elle morreu . . .

— Soffremos. Tens razão ; mas soffremos calados, entre as paredes da nossa casa, escondendo ao mundo a nossa miseria.

— Talvez seja melhor que nos vejam, terão pena de nós e póde ser que nos soccorram.

— Tolinho ! Os filhos dos poetas são as suas obras, sua viuva é a Patria . . . os mais . . . Todos falam do *Equador*, o admiravel poema ; poucos sabem que existes. As edições succedem-se fazendo a fortuna de um livreiro, o monumento custou centenas de contos . . . e nós ? Tu não vais por falta de calçado e eu aqui estou serzindo o unico vestido que tenho para apparecer em publico. Vai deitar-te, são horas.

— Não tenho somno. E a estatua, mamãi, de que é ?

— De bronze.

— Quanto terá custado ?

— Não sei.

— Na casa em que elle nasceu vão pregar uma lapide de marmore com letras de ouro.

— Quem te disse ?

— Está no jornal, no jornal em que veio o re-

trato da estatua. Elle, quando fazia versos, cantava ?

— Chorava, ás vezes.

— E aquelle instrumento que elle tem na mão ?

— É a lyra . . .

— Eu nunca vi.

— É um symbolo, meu filho, como a cruz, como o coração de Nossa Senhora atravessado pelas sete espadas. Se elle cantava ! . . . Quantas vezes, coitado ! interrompeu o poema para escrever as futilidades que nos davam o pão. Os seus versos, os versos que são hoje acclamados, nunca nos deram uma migalha, nem um pouco de lan para agasalhar os teus pésinhos rôxos, que elle aquecia com beijos. O hortelão vive do que planta, o ephemero brota depressa, é como o trigo das searas : dá o pão e morre, as arvores fortes só darão fruto e sombra depois de seculos. Teu pai foi um semeador de florestas : morreu desagasalhado e com fome.

— Se elle morreu tão pobre, como foi levado em um caixão de ouro . . . ? Foste tu que lh'o déste ?

— Eu ? dei-lhe apenas lagrimas e flôres do meu jardim. O caixão foi de esmola.

— E o seu emprego . . . ?

— Não tinha. Pedia-o com ansia e sempre lh'o negavam.

— Porque ?

— Era poeta.

— É, então, crime ser poeta ?

— Não, é uma fatalidade. Dizem que os poetas vivem sempre no paiz do ideal.

— Onde é ?

— Por ahi além, perto das estrellas.

— Olha, mamãe . . . eu vou com o menino aqui do lado.

— Não, meu filho. Já te pedi. Não teimes.

— Ah ! assim tambem não. Não sei para que papai foi poeta. A gente não passeia, não vê nada. Os filhos dos outros vão a toda a parte, só eu . . .

— Não chores. Já te disse que iremos juntos vêr a estatua, sempre que queiras.

— Sim, quando não houver gente, nem musica, nem flôres. Assim não quero. Eu queria ir amanha, que ha festa.

— Amanhan não é possível.

— Então . . . não quero mais. Parece que mamãe tem vergonha de mim.

— Não é de ti que tenho vergonha, meu filho, é de todos, porque sou uma pobre mulher sem forças para dar ao filho de um grande homem um par de sapatos novos . . . e uma roupinha decente no dia em que se celebra a apothese de seu pai.

— Estás chorando ?

— Não. É a luz que me arde nos olhos. Se não fôsse o nome que herdei, poderia apresentar-me como as viúvas pobres, que atravessam a multidão

sem vexame. Ninguém dá por ellas, ninguém as conhece . . . mas eu ! Sou a herdeira de um grande nome e qualquer nodoa que appareça nos meus vestidos será logo notada pelos olhares que me seguem. Todo o mundo acompanha o meu viver, de sorte que nem posso fazer como as outras viúvas, que vão a todo o trabalho : hei de escolher o que seja digno do meu nome ou fazer o que faço, trabalhar ás occultas. O monumento veio pôr-nos em maior evidencia ; agora é que é preciso coragem, meu filho : a Gloria aponta-nos. Temos de soffrer calados e de fingir ventura. Deus te abençoe. Vai.

— Posso tirar um padecinho de pão ?

— Tira.

— Não chores mais. Eu ficarei brincando . . . E quando tiver sapatos novos, irei com mamãe, não é ?

— Sim. Vai dormir. Vai.

*Beijos, beijos, beijos . . . e depois, no silencio, soluços desesperados.*

## Confidencias

---

— Sim, o apartamento ha de custar-me, hei de sofrer a principio, mas o tempo tudo resolve. Meus pais tambem sentiram quando me pediste, mas attendendo á minha felicidade, e não ao seu egoismo, não se oppuzeram ao nosso casamento. Preferir vê-la morta . . . Pareces louco ! Pensas como o avarento, que é melhor esconder o thesouro em adoração esteril do que vê-lo em giro, a medrar. Revoltas-te porque a encontras trabalhando no seu enxoval, pensando nos arranjos domesticos, cuidando no lar futuro. Mas não é natural ? dize. Os proprios animaes assim procedem. Os passaros vôam sollicitos catando achegas macias para o ninho ; as fêras rondam a floresta procurando alfombras, cavernas socegadas, antros discretos, onde se encontrem. Não é um impulso de voluptia, é o appello do instinc-



to. Dizes que ella traz em constante exposição os linhos que hão de forrar o seu leito, as cambraias que lhe hão de vestir o corpo. Pondera, meu velho. O que te irrita, é a ideia de que a vais perder, de que outro homem vai levá-la d'aqui, tomar-lhe o coração, enchê-lo com o seu amor. Mas não é assim a vida? Preferir a morte . . . Pensamento de louco . . .

— O tumulo contenta-se com a carne, não exige a alma, e é da alma que eu tenho ciume.

— Mas o amor que imaginas perder, nunca o tiveste, não te illudas. O amor de filha é um culto; o amor de esposa é uma ambição que se não sacia.

Compara os beijos e, por elles, verás a differença: no beijo da filha é apenas a luz d'alma que irradia; no beijo da mulher é o proprio calor que se transmite. Um é cirio, outro é pyra. Se a prenderes, o teu egoismo fará della uma inimiga; se a deixares livre, mais crescerá no seu coração a amizade e, comparando os dois homens, ella sentirá por ti o que eu sentia e ainda sinto por meu pai. Os dois amores seguem parallelamente e, ainda que pareçam confundir-se, nunca se encontram.

— E o silencio? E o deserto? Ella está ainda comnosco e . . . vive tão longe! Os seus olhos são como os dos presbitas — só vêem o que está distante; perto nada distinguem. É preciso, a todo o momento, tirá-la da preocupação para que nos sinta.

— É assim mesmo.

— E foi então para isto que a criamos? A arvore que plantamos não se desloca do terreno — é para nós que se enflora, frutifica e estende a sombra da folhagem.

— Mas a arvore ama a terra, o sol, a chuva, o orvalho — é uma captiva que recebe amantes; é uma escrava que nos serve, mas não nos ama.

— Antigamente a minha vontade reflectia-se em todos os actos de minha filha. Desde que é noiva, vive apenas pelas suggestões do homem que a venceu. E será ella feliz? Encontrará no marido todo o affecto de que é digna? Deixar uma ventura certa por uma illusão . . .

— Vai onde a leva a mocidade.

— Dantes pouco se preocupava com enfeites e era mais linda na simplicidade. Agora o tempo é pouco para ataviar-se, perfumar-se, remirar-se.

— É que ella era a filha adorada sem competidora no amor dos pais; agora é a noiva, a mulher cercada de adversarias. É contra as seducções da belleza e da graça que ella oppõe os encantos naturaes e os artificios.

— Tu mesma, que agora a defendes, has de chorar no dia em que passares por aquelle quarto, que vai ficar abandonado, e vires, em cada canto, uma lembrança da filha perdida.

— Porque dizes perdida?

— Porque nunca mais a teremos como filha:

será, para nós, a mulher de um homem. O galho que se arranca á arvore, nunca mais, ainda que o adaptem ao tronco, nelle viça e enfolha.

— Mas póde viver e rebentar na terra, ao sol, e dar outra arvore frondosa. Passas, sem razão, as noites em tristes pensamentos.

— E ella ? Tambem está acordada. Ha luz no seu quarto.

— Certamente trabalha.

— Demais, é tão moça, é ainda uma criança. Porque tamanha pressa ?

— O amor é sofrego.

— O amor . . .

— Queres, talvez, negá-lo . . . ?

— Mas uma filha deve obediencia aos pais. Pedi-lhe que esperasse mais um anno, respondeu-me com lagrimas.

— Igual resposta dei eu a meu pai.

— Pois um sentimento que nasceu ha mezes, já será tão poderoso que suplante um amor que conta dezoito annos ?

— Não digas amor. A filha mais meiga e mais delicada não ama — estima. O amor é um instincto; a amizade é um habito do coração. A filha, criada longe do pai, sem nunca o ter visto, não o reconhecerá entre outros homens, e o amor elege na multidão o seu preferido, vai direito a elle e entrega-se. Porque ? Pergunta á natureza. Os teus olhos

de pai não vêem a mulher, vêem apenas a filha. Pois, meu querido, aquella pequenita que te saltava ao pescoço, que dormia ao teu collo, que vestias e enfeitavas; aquella criaturinha de hontem é hoje uma mulher que se defende de todos os olhares, até dos mais carinhosos, que são os meus, porque sente a responsabilidade do seu sexo e, quando o pudor rebenta da innocencia, é porque a natureza deu por prompta a alma feminina. Não te mortifiques. E se queres gosar um dos mais bellos encantos da vida, que é a poesia do amor, não te ponhas com furia de egoista a contrariar o idyllio.

Se um passaro canta no arvoredos, o meio de ouvi-lo é guardar silencio. Ouve a alma de tua filha. Ella está no momento em que a mulher se transfigura em anjo, antes de ser mãe. Que ciume é o teu? Chega aqui á janella — toda a paizagem está coberta pelo véu nupcial do luar. E Deus interrompe do céu o epithalamio da natureza? Não foi elle, entretanto, o Creador de tudo? da herva rasteira e do insecto, cujo vôo mal chega á altura de uma rosa, do riacho em que bebem as libellulas e dos grandes rios de aguas profundissimas, do grão de areia e da montanha, dos paúes e dos oceanos, dos animaes, dos homens e dos astros? Busca a sua presença no silencio nocturno interrompendo a boda universal. E queres contrariar o que elle dispoz como lei ineluctavel? Quando me falavas, na varanda florida

de nossa casa, enquanto choviam sobre as nossas cabeças os alvos jasmims cheirosos, os velhinhos contemplavam-nos e tu, sem pena da sua velhice e da solidão em que iam ficar, instavas commigo para que procurasse abreviar o prazo que nos separava. Seduzias a minha imaginação descrevendo o ninho que ias preparando, tão agasalhado entre arvores, tão perfumado, e tão lindo, com a nossa camara de noivos abrindo sobre o jardim plantado de rosas, onde cantavam, na fresca da manhan e na doçura tepida da tarde, cigarras e gaturamos. Lembras-te? Falavas como poeta e eu ouvia-te enamorada. Sahimos. Os velhinhos ficaram aconchegados, chorando a minha partida, e, enquanto trocavamos o primeiro beijo, elles, pobresinhos! desfaziam-se em pranto, visitando o meu quarto deserto, — como depois me contaram — a recolher, como lembranças, o que ficara de mim. Foste cruel com elles? Tens remorsos do que fizeste? Não. E queres agora prender tua filha ao amor esteril dos nossos corações. Escuta as vozes da noite, cantam lá fóra, na terra e no espaço, o hymno eterno da Eternidade. Não retenhas a vida, deixa-a ir ao seu destino.

— Parece que não te importas com tua filha.

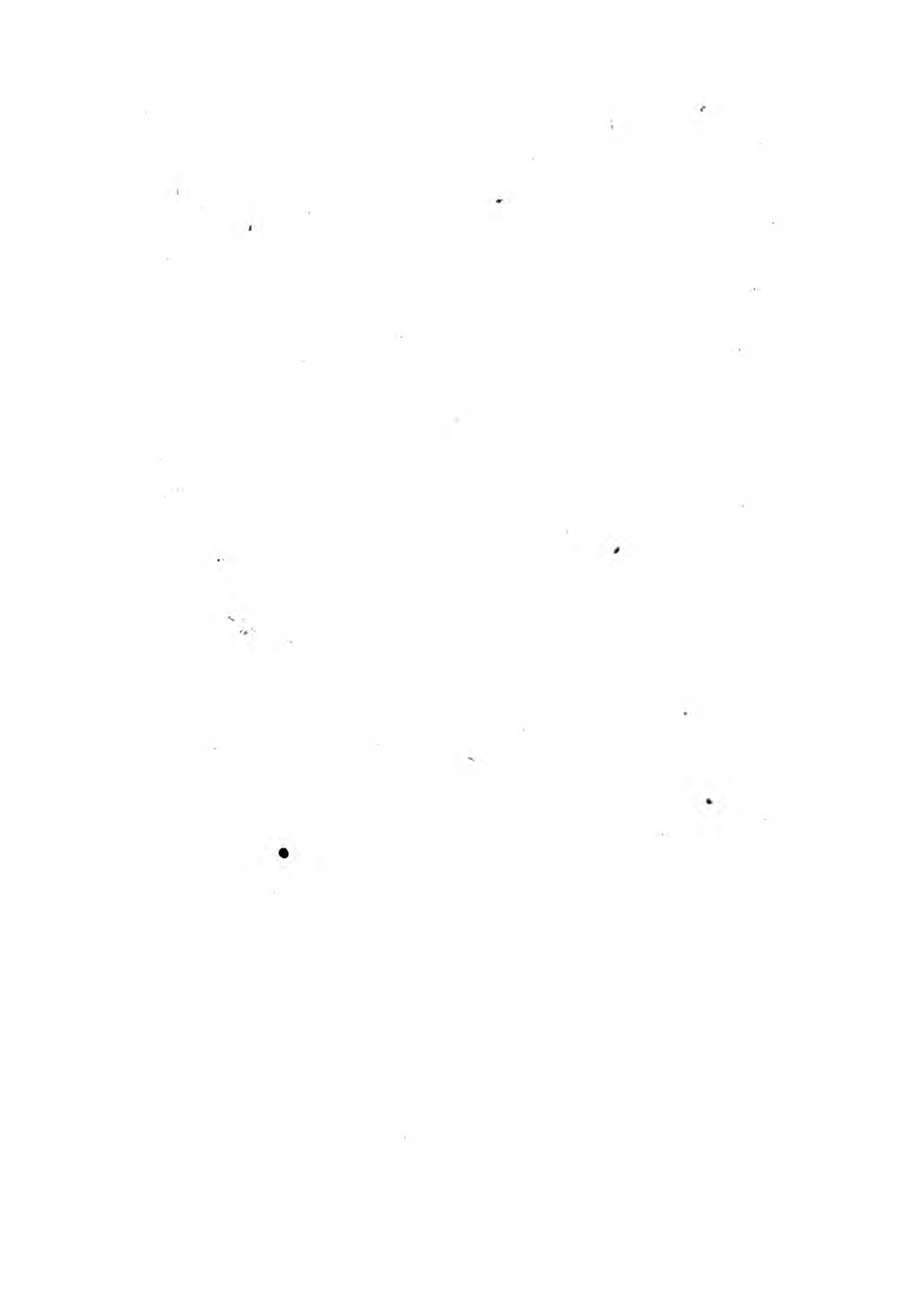
— Eu? Como te enganas! Tu é que não conheste o amor, meu amigo. Se me houveses amado como eu te amei, não falarias como falas.

— Se te amei! Justamente por te haver amado

é que não me posso afazer á ideia de ser esquecido por ella, por minha filha, como eu tudo esqueci por teu amor.

— E eu por ti !

*Uma nuvem encobre o plenilunio. Treva. Ao re-abrir-se o luar, a claridade illumina alvamente os bustos dos esposos, tão unidos á janella, que as duas cabeças projectam uma sombra unica sobre a muralha branca.*



## Ballada

---

A princeza . . . tiro, liro . . .  
Tinha os dentes de marfim . . .

- É elle ?
- É.
- Que idade tem ?
- Vai fazer doze annos. O senhor é porque não se lembra — eu passava com elle todas as manhans por sua casa, quando o levava ao collegio.
- Ah ! sim : um lourinho, muito claro, de olhos azues ?
- Justamente.
- Não podia imaginar que fôsse seu filho. A senhora é ainda tão moça . . . .
- Quantos annos me dá ?
- Vinte e cinco.
- Ponha mais tres : vinte e oito feitos, e estou



cheia de cabelos brancos. Ah! a minha vida! os meus sofrimentos...! Ninguém deve fazer promessas para ter filhos, eu tinha tanta vontade!...

— E como foi isso?

— Não sei. Era um menino vivo, inteligente, alegre; um dos melhores alumnos do collegio. De repente deu em tristeza; ficava horas e horas quieto, a um canto da casa; mal respondia ás perguntas que lhe faziamos. Ás vezes chorava em silencio, á tôa: as lagrimas desciam-lhe dos olhos em fio e, como se não as sentisse, continuava a brincar com as mãos, torcendo-as, retorcendo-as; mirando-as, remirando-as. Um dia poz-se a cantar baixinho essa historia da princeza, e chorava. O professor escreveu-nos dizendo: que o levassemos a um medico.

A princeza... tiro, liro...  
Tinha os dentes de marfim...

— E não canta mais do que isso?

— Não.

— E porque o tem preso no quarto?

— Quando o solto faz horrores: quebra o que encontra, fere-se. Já tentou matar-se com uma tesoura; foi um trabalho para contê-lo. E sempre com o pensamento nessa princeza. Creio que foi alguma historia que lhe contaram. Ás vezes põe-se a chamá-la aos gritos furiosos e atira-se á porta,

quer subir pelas paredes, ou então cahe em abatimento e passa dias encolhido, a resmungar, ou cantarolando baixinho.

— E a senhora pensa em conservá-lo em casa ?

— Que hei de fazer ? é meu filho. Creio que o que precipitou a morte do pai foi o desgosto de o vêr nesse estado. Fez tudo para curá-lo, endividou-se. Ainda hoje pago consultas e receitas. E elle está assim.

— Mas é um erro tê-lo em casa. No hospicio elle viverá com mais conforto; é até possível que o consigam curar. É penoso estar a gente a ouvir, de instante a instante, a voz lugubre de um louco, não acha ?

— Sim, é.

— Por mais que eu me esforce para tornar-lhe a vida agradável, com tal companhia sempre a senhora ha de achá-la tristonha. O louco é como um morto e ninguem, por mais que estime uma pessoa, conserva em casa o seu cadaver, não é verdade ? A loucura é o apodrecimento da alma.

— Que ideia !

— Não ria.

A princeza . . . tiro, liro . . .  
Tinha os dentes de marfim . . .

— Francamente, antes o fetido da carne do que essa monotona cantiga. É uma exalação de cadaver. Não lhe parece ?

— Não sei. Às vezes, noite alta, acordo com esse canto, ouço-o ainda dormindo.

— É exactamente como o cheiro da podridão que consegue atravessar o somno.

— Então o senhor acha que o devo recolher ao hospício ?

— Por elle . . . e por nós também.

— Sim, o senhor não tem obrigação de o aturar, não é pai.

— Não é que me aborreça : faz-me pena, e a piedade é um sentimento que fatiga como um esforço. Ninguém póde viver entre dôres e angustias, ouvindo gemer, ouvindo chorar.

— E como ha de elle entrar no hospício ?

— Isso arranja-se. Quer ?

— Se o senhor entende que é melhor . . .

— É a solução unica . . . para todos.

— Então . . .

A princeza . . . tiro, liro . . .

Tinha os dentes de marfim . . .

— E é isto sempre.

— Noite e dia.

— É horrivel ! Emfim . . . Agora vamos cá saber : Pensa em ficar nesta casa ?

— Como quizer, não faço questão : vivo em qualquer parte. Seria melhor mudar-me, por causa dos vizinhos. Aqui vivi com meu marido, e para que

hão de saber que dei este passo ? Sempre se ha de murmurar, eu sei. Demais—o senhor vai rir-se de mim — quando ouço rumor, sempre me parece que é elle que vem entrando.

— Quem ?

— Elle . . .

— O pequeno ?

— Meu marido.

— Ora !

A princeza . . . tiro, liro . . .

Tinha os dentes de marfim . . .

— E no hospicio não batem nos loucos ?

— Não. Sente-se aqui.

— Para que ? Estou tão bem.

— Sente-se.

— Olhe que eu peso ! Quando ameaça tempestade o senhor não imagina como elle fica : grita, uiva, atira-se ao chão e rola, arranhando-se, ferindo-se. Já o deixei, um dia inteiro, em jejum, com medo de entrar no quarto. Porque será ?

— Influencia. O tempo tem muita influencia sobre os loucos. Que perfume é este ?

— É o que o senhor me deu. Não, não desmanche. Para que ? Já foram bonitos, tive-os como ninguém : chegavam-me á curva da perna. Teem cahido. Agora nem parecem os mesmos.

— São lindos ! Seu marido era muito ciumento?...

— Porque pergunta ?

— Ah ! Pensas então que é de hoje que gosto de ti ? Já no tempo d'elle eu por aqui passava. Não te lembras de me ter visto, uma vez, ali na esquina ?

— Não . . . Ah ! espera : com outro moço ?

— Sim.

— Lembro-me.

— E teu marido nunca te falou ?

— Do senhor ? Não. Tambem, coitado ! elle só pensava no filho.

— É verdade . . . o filho. Ha já um anno que elle morreu, não ?

— Anno e meio.

— E porque andas ainda de luto ?

— Para aproveitar a roupa. Quem é pobre . . .

— Ah !

— Sim . . . mas espere . . .

— Ora, para que apagaste a vela ? E agora ? como hei de vêr os teus olhos ?

— Foi justamente por isso.

— Má !

*Abre-se a porta com estrondo e, monotona, plangente, a voz do louco rouqueja no silencio :*

A princeza . . . tiro, liro . . .

Tinha os dentes de marfim . . .

## Serenata

---

— Como anoitece depressa no inverno ! O sol parece um doente que se recolhe cedo, com medo do sereno. A terra, abrumada, fica como uma velhinha coberta de cabellos brancos.

— A nevoa . . . Como é triste ! Quem dirá que foste loura, tão loura como as crianças.

— E tu !

— Quando soltavas os cabellos, parecias uma allegoria da manhan. Era o sol do verão que nos illuminava e aquecia. Foi-se para os filhos. O sol não pára, a mocidade não morre. Dizemos que o sol morreu quando anoitece. Elle foi accender a alvorada para outros povos, alumiar o dia em outros céus, amadurecer outras searas. Assim tambem é o tempo — é, para nós, velhice, mocidade para os nossos filhos, infancia para os nossos netos.

— Antigamente os dias eram ligeiros e claros, não chovia tanto, o céu era sempre azul.

— Ligeiros . . . As horas são as mesmas, a estrada é uma só : o que é lento, é o nosso andar. As crianças vão a correr e rindo e tudo é, para ellas, distracção — um espinho que encontrem, uma sebe que tenham de atravessar, a vadeação de um ribeiro, o salto sobre um vallado fundo. Nós seguimos morosamente, curvados, tacteando, a escolher caminho, e, como vemos pouco, não tiramos os olhos da terra, perdendo, assim, as miragens do céu. Um seixo faz-nos medo e damos uma lenta, desviada volta, para evitá-lo.

As crianças que rolam, por travêssas, levantam-se ás gargalhadas, sem ligar importancia a arranhaduras ; os velhos como nós, á mais ligeira quéda, ficam gemendo, sentidos, como se se houvessem despenhado de alcandores escabrosos, e, não raro, succumbem. Não chovia tanto . . . ! Quem anda com luz, atravessa tranquillamente as trevas mais densas — nós tínhamos a alegria, não davamos pela tristeza. Hoje, com as lanternas apagadas, qualquer sombra apavora-nos. As estrelas dantes eram como as luminarias alegres de um jardim em que se celebrasse uma festa nupcial ; hoje são como cirios de uma procissão de mortos. Não foi a natureza que se transformou, fomos nós que envelhecêmos. Não te succede, ás vezes, ouvir

vozes de crianças finadas, como se estivesses com o ouvido applicado a um tumulto ?

— Sim, lembranças. Lembro-me e ouço, e vejo, e sinto. É um sonho, um resto de calor de sol.

— Acho que é um vento de tormenta que revolve folhas seccas.

— Sim, folhas seccas . . . que se transformam em força e voltam em seiva á arvore de que cahiram.

— A saudade é a seiva que sahe da morte.

— E alimenta o coração.

— Uma noite — dormias — a luz dava em cheio nos teus cabellos brancos, dourando-os. Tive uma linda illusão ! Parei diante do leito e, immovel, commovido, com o coração a bater, fiquei a contemplar-te. As lagrimas subiram-me em jorro aos olhos. Ajoelhei-me e beijei-te.

— Eu acordei sobresaltada.

— E a illusão desfez-se, porque sahiste do raio de luz. Logo os cabellos voltaram a ser brancos e todas as rugas da velhice reapareceram. Foi uma aurora boreal. Illusão. Foi melhor, porque eu estava a trahir-te : não era a ti que eu adorava e beijava, era a minha mocidade morta. Foi como se a encontrasse de repente, tal como era : loura e branca, com olhos tão verdes, que eu nunca pensei que elles se fanassem, como as folhas das arvores, porque sempre os tive por duas palhetas de esperança.



A tua voz tinha um timbre que seduzia — eu nem queria que falasses a homens, porque sempre me parecia que os estavas enfeitiçando. Todos cercavam-te quando falavas, não sei se para ouvirem as tuas palavras, ou só pelo som em que vinham, e ficavas como uma prisioneira dentro de um circulo de fogo. O ciume desappareceu — era uma chamma que as neves apagaram. Quem se apegará aos gelos de hoje ? Que é feito da tua voz ?

— Não estás sentindo frio ?

— Sim, está frio.

— Fecha as janellas.

— É cêdo e ha luar. Está uma noite divina !

— Está uma noite gelada.

— E tão erma ! . . .

— Os passarinhos deviam cantar á noite, para alegria da alma. Assim como ha constellações para regalo dos olhos, devia haver galreios para encanto dos ouvidos.

— Cantam as corujas. Tambem são aves.

— São tristes ! só dizem agouros. Se tivéssemos aqui o rouxinol ! . . .

— Pensas, talvez, que o rouxinol alegre . . . ? entristece ainda mais. O que é miseravel, deve ser discreto. Uma vez, viajando á noite, ouvi uma voz suave que partia de um rancho á beira do caminho. Dirigi-me, enlevado, para o sitio attrahente, e dei com uma pobre mulher esqueletica, que

ninava ao colo um pequenito enfermo. Foi a voz meiga que me trahiu — onde pensei achar alegria, só encontrei desolação. Não nos fiemos nas vozes que sahem da treva, são como a das sereias das syrtes. A noite deve ser quieta. As noites agitadas são como velhos loucos, lembram-me aquelle rei da tragedia, que andava pelas charnecas, sob a tormenta desencadeada, bradando imprecações e amaldiçoando as filhas. As noites são velhinhas que passam sob mantilhas negras, com rosarios de estrellas, rezando. Não parece que estão cantando lá fóra ?

— Cantando ?

— Sim, escuta.

— Tens razão — estão cantando. Alguma serenata.

— Quem será ?

— É a mocidade.

— A mocidade . . .

— Vais fechar as janellas ? Por que ? deixa-as abertas.

— Não, essas lufadas são perigosas para os velhinhos da nossa idade : são como vento em rosas que já viveram um dia — pódem desfolhá-las. Que passe ! Que vá ao seu destino — a noite é clara. Quando voltar o silencio, reabrirei as janellas ao luar.

— Deixa as janellas abertas ; já agora é tarde.

Ouvi os primeiros tremulos da guitarra e o meu coração, como o que perdeu a memoria de uma velha cantiga e ouvindo as primeiras notas logo a recorda inteira, repete a serenata. Assim, em vez de ouvir a voz do tumulto, deixa que eu ouça a voz do amor.

— Ai ! de ti . . . lembras-me o viajante que, por noite agreste, tiritando, encontra, num rancho, um lume alegre. Entra, estende ás chammas as mãos inteiriçadas, reanima-se ao calor, mas, tornando á estrada, mais rigoroso lhe parece o frio. Choras ? porque choras ?

— As lagrimas da noite chamam-se orvalho ; não as instilla a dôr, mareja-as a saudade. Estou como tu quando me viste ao clarão da lampada, que alourava os meus cabellos brancos: revendo a mocidade . . . Tão longe !

— Tão longe !

*Docemente, no silencio, canta uma voz e vibra uma guitarra.*



## Mãis

---

— Que tem a noite ? Levo-o bem agasalhado.  
Não está chovendo : é vento.

— Mas vai chover.

— Talvez pela madrugada.

— Que horas são ?

— Onze e tanto. Mas avia-te.

— Elle está acabando de mamar.

— Ah ! se começa com lagrimas . . . .

— É tão natural, mamãi. Pois não hei de sentir ? As mesmas arvores, se lhe arrancam um ramo, choram verdadeiras lagrimas.

— Pois sim. Vai perguntar ao pai se se lembra delle.

— Que me importa a mim o pai ! Bem sei que não se lembra delle, talvez nem saiba que já existe. Mas eu sou mãe. Foi em mim que elle se gerou e de

mim nasceu. Tive-o, durante nove mezes, debaixo do coração, era o coração que o ninava com o seu bater, dia e noite. Afinal acostumei-me a senti-lo. Pois não hei de chorar ? A dôr que soffri foi o preço com que o paguei á vida. Elle é meu, todo meu.

E veja, mamãe, se não faz pena perder uma criança tão linda ! Os seus grandes olhos abertos e tão innocentes, são luzes que brilham. As meninas parecem cheias de espanto : ainda estão deslumbradas com o esplendor do Paraiso. Os pequeninos anjos que moram nas pupillas ainda não se habituaram com o mundo. As criancinhas são tão fracas, entram pela vida sem outra defeza além da propria fragilidade : não falam para implorar, não andam para fugir — choram, sorriem, acenam com os braçinhos como procurando a altura, que é o céu ; nada mais fazem. Se as mãis não as defenderem que será dellas ? E vai para a roda . . . .

— Vão muitas. Elle não é o primeiro. E mãis que podem, que têm meios mandam para lá os filhos.

— Não são mãis.

— Ah ! não são mãis . . . E quem falou em enjeita-lo ? não foste tu mesma ?

— Sim, fui eu, antes de o vêr. Agora . . .

— E com que o has de criar ?

— Tenho os peitos apoiados.

— E depois ?

— Depois, dar-lhe-ei o meu sangue, se preciso fôr.

— Palavras. Um pão custa suor e lagrimas.

— Não lhe ha de faltar o pão. Nunca imaginei que o amasse tanto ! Foi preciso que m'o quizessem arrancar para que eu sentisse que elle está preso ao meu coração como as arvores á terra em que nascem.

— Só, poderás viver com facilidade, com elle . . . Não sei. Um filho dá mais apparencia de velhice do que as rugas e os cabellos brancos.

— Viverei com elle, mamãi. Olhe, está dormindo. Não é uma crueldade levá-lo daqui assim ? E veja-o — o somno torna-o ainda mais lindo. Como se entrega, o pobresinho ! Com os bracinhos abertos parece uma pequenina cruz de carne.

— Então não queres ?

— Não posso. Será o que Deus quizer. Livrar-me delle . . . E o remorso ? A soffrer, prefiro o trabalho ao tormento. Não saber delle, imaginá-lo sósinho, crescendo entre estranhos, sem affectos, interrogando Deus sobre a sua desventura, ouvindo o nome de mãe dito por outras bocas, sem lhe poder sentir o sabor, não ! O orphão é um sêr perdido no mundo ; o enjeitado é peor — é um despresado na vida. Um é o que fica do cadaver, outro é o que a indiferença abandona. O orphão ainda tem um tumulto sobre o qual póde chorar ; o enjeitado, nem isso tem. É meu filho. Viveremos juntos, partilharemos o soffrimento. Mamãi ha de amá-lo, estou

certa. Trabalharemos para elle até que o vejamos crescido e mais tarde . . .

— Has de ter a paga.

— Se elle não corresponder á minha dedicação com o amor restar-me-á o consolo de poder chamá-lo filho. A arvore nada pede ao fruto e, se o não colhem, só o deixa do ramo quando elle apodrece. O outono fecunda e passa, a arvore não se queixa do abandono. Pequei, pois seja esta a pena do meu peccado. Falei em enjeitá-lo, sim ; falei, mas antes d'elle nascer. Uma coisa é dizer, outra é executar. A senhora pensou em desfazer-se de mim ?

— Tu tinhas pai.

— Este não tem, por isso mesmo o devo defender com mais amor. Deus entendeu que os meus dois braços bastavam para ampará-lo, e bastam. Sinto-me agora mais forte, com mais coragem. Quem tem um thesouro fica um pouco avarento e ousado — só os miseraveis dormem ao ar livre, no primeiro canto, sem cuidar em ladrões.

— Estás então resolvida a criá-lo ?

— Sim, estou.

— Seja. O que te digo é que te has de arrepender. És muito moça, podias ainda achar um bom partido e assim . . .

— Tenho o que me convém : sou mãe. Só as mãis vêem o invisível.

— Que invisível ?

— A alma. A minha aqui está. Que é o filho senão o sêr interior que sahe para o mundo? Que diríamos de uma lampada que rejeitasse a claridade? A luz é filha do lume. Uma lampada que se limitasse a ter chamma concentrando nella todo o esplendor seria um fogo fatuo — esse mesmo, sendo exalação da morte, brilha pallidamente.

— Faze o que quizeres, mas quando vierem as necessidades não te laments perto de mim. Era preferivel deixá-lo ir agora a vê-lo, mais tarde, chorar de fome e frio sem que lhe possas dar allivio.

— Beijos não me hão de faltar.

— Beijos . . .

— Ha sempre caridade para a fome, mas não ha pena para o desconforto. Raros são os que negam esmola aos pobres, não ha, porém, quem se detenha para acariciar uma criança sem mãe. Parece que está chovendo.

— Sim, está chovendo.

— Que noite ia elle affrontar! E está tão lindo a dormir. Veja, mamãe — o meu corpo é todo desvelo pelo pequenino. Não ha muito que elle mamou e com tanta avidéz que os peitos me ficaram vassios — e já estão turgidos e o leite escoou, transbordando da abundancia. Se o corpo procede assim como poderia a alma consentir no degredo eterno do innocente? Não! Deus não falta com a sua misericordia ás mães.



— Emfim . . . tua alma, tua palma. Queres? pois seja.

— Não sou eu quem quer, mamã: somos nós . . . e Deus.

*A chuva estrepita no telhado e rufa, em<sup>te</sup> bategas, nas janellas. Lufadas de vento fazem bailar a chamma da lamparina.*

## Cantares

---

— Estás ouvindo ?

— O que ?

— A coruja. Vem agora cantar aqui todas as noites.

— Ora, vovó . . . Não é ave, a coruja ? Que tem que cante ? Demais, com o luar . . .

— Ha luar ?

— Lindo como o dia. Queres que abra a janela ?

— Não ! Não !

— Meu Deus, até parece que tens medo.

— Sim, tenho. Tenho medo.

— Medo de que ?

— Do luar. O luar é branco e frio: é uma luz côr de cadaver. Lembra cemiterios. O marmore é pedra feita de luar, como o oiro é feito de sol. Os

tumulos brancos parecem luares petrificados. Prefiro as noites negras ; são bem as viúvas do sol. E essas noites brancas são como noivas doidas que passam com o véu de rastos e espalhando a esmo as flôres da corôa. O negro é silencioso e opaco ; o alvo é diaphano e parece que ha nelle soluços abafados. Ouves ? Presta atenção ás vozes da noite.

— São os sapos e os grillos que cantam no campo.

— Não, outras vozes ; outras, mais subtis ; vozes que passam surdamente, como adeuses tristes de agonisantes. Ninguem sabe de onde vêm, nem o que dizem. Outra vez a coruja ! Não abras a janella.

— Mas, vovó, se a coruja chirria e os morcegos trissam, outras vozes cantam jocundas ao som de instrumentos languidos. Não ouves ? É que só attendes ao terror. Deixa cantar a coruja, esse é o seu canto. Ninguem se impressiona com o cão, porque ladra ; nem com o sabiá, porque modula ; são as suas vozes proprias. Essa é a voz da coruja. Deixá-la.

— Não posso ouvi-la. Um arripio eriça-me a pelle, gela-se-me o sangue. Não posso. Não tens somno ? Deita-te.

— É muito cedo. E tu ? porque não fazes por dormir ?

— Tenho medo. Acordada parece que estou

defendida, dormindo . . . O somno é uma estação da morte, é uma visita ao sepulcro. As noites são degráos por onde a mocidade sobe, por onde a velhice desce. Emquanto se dorme, fica-se como um fogo abafado. A morte é a extincção. E será ? Ah ! minha filha, saber a gente que vai partir para nunca mais . . . ! Pobre coração ! Elle que foi a minha vida, é que me vai arrastando para o tumulo. Põe a tua mão aqui. Sentes ?

— Sinto !

— Galopa. É o medo que o precipita. Não imaginas o esforço com que elle trabalha. Pobre coração ! E queres saber porque ficou assim ? porque muito amou e cedo perdeu o amor, que era toda a sua força. Desde então poz-se a viver como o pelicano, de si mesmo, quero dizer : de saudade. Saudade ! Sabes que é ? é o cadaver da Esperança. És muito nova ainda, não podes senti-la. Não chegaste ao ponto de onde a alma se volta para olhar o passado e lembrar-se.

Lembrar-se é revolver sepulcros. A memoria é um cemiterio de onde sahem os espectros chamados reminiscencias. Ah ! minha filha, o coração ! Na mocidade é um jardim cheio de sol, coberto de flôres, por onde voam borboletas e soam cantos de passarinhos. Tudo é nelle verdor de esperanças, tudo é nelle illusão. Entardece, a luz entibia, abrem-se as flôres e lançam todo o perfume. Debalde ! já

as abelhas levaram o mel, as borboletas fugiram, dando lugar ás phalenas cinzentas ; foram-se os passarinhos e as aves de agouro esvoaçam. Depois a noite. E os canteiros do jardim passam a ser tumulos e, pouco a pouco, todo elle faz-se um cemite-rio lugubre. E o coveiro trabalha. Estás no periodo em que o coração é jardim. O meu é um campo santo. Se me inclino sobre elle, vejo apenas despojos. Molestia . . . Diz o medico que é molestia ; seja. A coruja outra vez. Quando eu tinha a tua idade tambem não me preocupavam os assombros da noite. Hoje . . . ! Olha os teus cabellos côr do sol, os meus são da côr da lua. É o branco, o livor, a morte.

— Vovó fala tanto na morte . . .

— É que já não tenho que esperar da vida.

— O que vovó está é deixando de gosar uma noite formosissima.

— Todas as noites são tristes para os tristes. Parece que estão cantando ahi em baixo.

— É na visinhança.

— A voz vem de perto. Até parece que é no jardim. Quem será ?

— Quer que eu veja ?

— Não. Ah ! meu Deus !

— Deixe o animal.

— A sombra que se projecta ao sol é tenue como uma gaze e nella ha sempre calor e as côres não se

confundem ; é como os cuidados na mocidade, que não chegam a abafar a alegria. A sombra que se espalha á luz do luar, é negra, lutuosa, densa, e tudo encobre e descora, como a morte.

— A coruja já não canta. Posso abrir a janella? Só para veres como está linda a montanha.

— Não. Dá-me um pouco d'agua. Não respiro. Sinto-me abafar pouco a pouco. Que agonia deve ser a de um enterrado vivo !

— Que ideia !

— Mas quem estará cantando ahi fóra ?

— Não sei ! A sala, aqui ao lado, está como um córadouro no qual houvessem estendido lençoes de linho.

— Porque ?

— O luar.

— As janellas estão abertas ?

— Todas. Não sentes o cheiro das magnolias ?

— Sim. Mas até isso, o cheiro das flôres, entristece-me. São tambem annunciadoras funebres.

— As flôres ! Oh ! vovó... ! Assim tudo na vida é tristeza.

— E é. Na vida só ha uma alegria — é a mocidade. Queres que te diga ? o mundo é invariavel, impassivel, os nossos olhos é que o tornam alegre ou triste, vendo-o através dos pensamentos, como se o contemplassem por vidros de varias côres. Se olhares por um vitral azul a paizagem virente, tudo nel-

la se te mostrará da côr do vidro. Vês o mundo através da tua mocidade, eu vejo-o através da minha velhice. É assim. O branco é a côr da velhice e da morte.

— E da innocencia.

— Que é um vasio, como o sepulcro, minha filha. Um sepulcro á espera dos desenganos, pois não é? Quando se quer imaginar o nada, pensa-se no branco. Outra vez?

— Não, agora foi illusão. Estão cantando. Linda cantiga, por signal.

— Bem ouço. E tu . . . porque te encostas á janella?

— Para ouvir.

— Agrada-te o cantar?

— É lindo.

— Ah! minha pobre filha . . . Eu aqui a martyrisar-te. Perdoa-me! Meu coração estava esquecido. Tambem, coitado, gosou tão pouco!

— Esquecido de quê?

— Abre! Abre a janella. Que entre o luar.

— Queres que abra?

— Abre, filha. Que importa que venha a voz da coruja, se com ella vem a voz do amor?! Abre! Que o luar te vista de noiva e a mim me amortalhe. Quem canta é o teu namorado. Que importa a coruja? Tenha, cada qual, a sua serenata. Abre. Abre a janella e, enquanto ouvires as trovas do que

te ama, eu, por ellas, irei recordando o meu passado, como estribilho agoureiro do momento da suindaria. Sinto o coração alumiar-se como um campo onde se houvessem levantado myriadas de pyrilampos — esses lumes frios, fantasmas lampejantes, que são como as recordações na velhice. Abre. Abre a janella ao luar.

— Veja que lindo, vovó! A montanha parece de neve. E que perfume!

— A coruja? Não te importes. Deixa-a cantar; é a minha serenata. Ouve a tua.

— Não te faz mal o ar?

— O que me faz mal é a . . . saudade.

*Cantam docemente á luz diaphana. De quando em quando, sinistra, a voz da coruja rasca o silencio branco.*





## Claro - escuro

---

— Tens razão, mas que hei de eu fazer ? pedir-lhes que se não divirtam, porque a sua alegria desperta a tua saudade ? Tem paciencia. A casa está toda fechada.

— Mas os sons passam, os risos atravessam os muros, o rumor da festa zomba de todos os ferrolhos — é como o remorso.

— Tem paciencia. Vê se dormes.

— Não posso. Parece que me estão envenenando o coração. Tudo que ha nelle de agonia sobrenada, como vêm á tona de um paul as folhas mortas e a vasa, se alguem o revolve. Porque será que a alegria augmenta a tristeza no coração dos tristes ?

— Pela mesma razão porque o sol torna mais evidente a miseria dos lares. Para a desgraça a noite

é um balsamo, o silencio é um conforto. Quem está triste deve encerrar-se com a sua magua ; a consolação não allivia. Aquelle que tem uma chaga não consente que ninguem lhe toque : a propria mão delicada do enfermeiro que applica o remedio magôa. Eu comprehendo o teu soffrimento. Quem tem os olhos doentes não supporta a claridade ; o coração que pena não soffre a alegria alheia.

— Os sons que entram pelas abertas da casa, como invasores perversos, trazem-me recordações dos dias venturosos. Vejo-o pequenino, parece que o tenho aqui, entre nós, adormecido, com a luz a rosar-lhe as faces, os cabellinhos louros rebrilhando. A morte desenraiza como o cayador — leva o findo para a cova do cemiterio, mas esquece de fechar no coração a cova de onde o tirou. Só o Tempo a cobre pouco a pouco, mas é tão vagaroso o Tempo e é tão descuidado que, um dia, inesperadamente, lá vem um renovo a flux e a saudade toma o lugar do amor, como a urze substitue o rosal. Se eu pudesse dormir . . .

— Deita-te.

— Agora é toda a casa que m'o recorda. Não sentes cheiro de rosas ?

— Não.

— Eu estou sentindo. São as rosas do seu caixão, são ellas que exalam. O melhor é falarmos delle. Refugiemo-nos na tristeza como quem se es-

conde em uma caverna, enquanto a tempestade ruge. Estás ouvindo? Parece que fazem de proposito: Riem por acinte.

— Não creias. Nem elles se lembram de ti, nem podem suspeitar que estejas soffrendo tanto com a sua alegria. A vida é feita de contrastes — tem direito e avesso. Amanhan serás tu a venturosa na vizinhança da Desventura, o teu riso fará soffrer outros corações, como agora o teu soffre com a alegria que o fere. Deita-te, procura conciliar o somno, só elle poderá isolar-te.

— Preciso do esquecimento, da grande treva para repousar, e como queres que eu durma assim? Estou como cercada de fogueiras que flammejam e estalam alumando lividamente a minha agonia. Vamos sahir, andar. Regressaremos com a manhan.

— A noite está fria.

— Melhor.

— Espera.

— Onde vais? Não me deixes só.

— É um momento.

— Não! Que procuras?

— As chaves da commoda.

— Para que?

— Onde estão?

— Aqui. Mas que queres?

— Vais vêr.

— Não me deixes sózinha. Tenho medo.

— Estou aqui.

— Não, não me deixes só. Que é isso? A sua roupa? Para que? Máu que tu és...! Parece que o desenterraste. Ainda ha cheiro de leite no vestidinho. Meu pobre filhinho!

— Chora. Foi justamente para que chorasses que me lembrei de trazer estas reliquias meigas. Não contendas a lagrima, deixa-a correr livremente, como um rio que a tormenta assoberba — retê-lo é sempre perigoso. Chora, esvasia o coração, põe a alma a salvo.

— Que coisa horrivel que é a alegria quando ha tristeza!

— É um postigo no carcere, que deixa vêr o mundo augmentando a tortura da prisão com o espectáculo da liberdade.

— Parece que terminou. Que horas serão?

— Uma e tanto. Vão, talvez, para a ceia. Aproveita este silencio e esconde-te no somno. A Alegria passou, deixou o caminho livre. Deita-te, esconde-te no somno. Assim.

— Ahi vêm elles...! Estão tocando. Não ouves?

— Não. Cala-te. Faze como o evadido — aproveita o instante de treguas. Quando voltar a Alegria estarás longe, em refugio seguro, a dormir.

— Com o alvoroço do coração parece que o sono tem receio de vir — é como um passaro que não pousa em arvores que o vento agita.

— Cala-te, vê se dormes.

— Apagaste a vela ? Porque ? Não, accende-a. No escuro é que eu vejo melhor, vejo tudo, tudo ! Accende a vela. Quero ficar bem cercada de esquecimento. Esquecimento ! . . . Como é possível esquecer, se o coração está cheio de saudades ! Quem pudesse cobrir um raio de sol, só esse conseguiria abafar as reminiscencias nalma.

— Cala-te, procura dormir. Elles não tardam.

— Pois é possível que ainda continuem ?

— Porque não ? É tão cedo !

— Cedo ! ? Quasi duas da manhan ! A Alegria cança depressa, só a Dôr é infatigavel, só a Dôr supporta as vigalias, só a Dôr é forte. Elles já devem estar cançados. Ouvi rodar de carros : foram os convidados que se retiraram. Não ! Não . . . ! recommçaram. Falam, riem, voltam todos. Cruéis !

— Eu bem te disse que te refugiasses no somno.

— Como ? A insonia é uma sentinella terrivel. Sinto-a andar em torno dos meus olhos ardidos, como uma mariposa agourenta á volta de uma lampada. Não posso dormir. E o pequenino, que elles acordam, brinca em meu coração, como brincava no berço, antes da Morte levá-lo naquella noite triste, tão triste como esta, que parece o seu reflexo

num espelho negro de saudade. Não posso dormir.  
Como a alegria é perversa !

*Soa um piano. Vozes bradam, risos vibram, passos farfalham. Com a trepidação do soalho um som fino de crystaes geme no silencio da alcova.*

## Sursum-corda

---

— Tu ! Aqui ?

— Eu, sim. Tinhas-me por adormecida e vieste rondar a morte. Senti quando te levantaste : estava acordada, pensando em ti. Queres descer ao tumulo, tens-l'o por um refugio e andas a sondá-lo com o desespero. É uma covardia. Porque pensas em morrer ?

— Não posso continuar a assistir ao espectáculo doloroso da nossa miseria.

— E queres abandonar-nos ? a mim e aos filhos ? Que será de nós ? Os pequenos estão dormindo ; sempre houve uma miga de pão que, se não lhes matou a fome, ao menos confortou-os para o somno. Para o mais novo não te peço senão beijos — agasa-lho-o nos meus braços, alimento-o com o meu leite : está ainda agarrado á minha carne pelas raizes dos labios. E queres matar-te ?



— O que mais me desespera é o olhar cheio de desejos dos pequeninos. Se não fôsem as outras crianças felizes, fortes, bem vestidas, que elles vêm passar, contentes, com brinquedos, eu não soffreria tanto. Se elles me pedissem coisas de preço, eu sentiria menos do que senti hontem, á tarde, vendo o Jayme a olhar o doceiro que vendia bolos ás crianças. É doloroso ! Os filhos ! . . .

— São ramos que lançamos á vida.

— Pobres ramos sem folhas, os nossos filhos !

— E que será delles se o tronco abater ? O suicidio não salva — é uma deserção vergonhosa e, no teu caso, é uma falta de caridade. Um pai — ainda o mais pobre — tem sempre uma riqueza para deixar ao filho : o exemplo. E queres legar-lhes, além da miseria, a sombra de uma duvida ? Mais tarde, quando elles soubessem da tua morte, haviam de perguntar-me a causa, e que lhes diria eu ? que te havias matado por não poder alimentá-los, vesti-los, dar-lhes o conforto de que careciam ? Os pobresinhos ficariam com a herança do desalento e, á primeira contrariedade, entrariam pela trilha obscura onde ficara o teu cadaver. É o que queres. E falas em amor . . . Os egoistas, como tu, não amam. É noite, noite negra : não tarda a manhan. Os galos cantam — é a annunciação da luz, e pensas na morte. Achas, talvez, que é um acto heroico ? é uma fraqueza. Alguns bebem para esquecer, outros

jogam, — commettem o crime por series de infamias ; descem á vergonha degráu a degráu. Tu queres precipitar-te, abandonando as crianças, para nao as ouvir, para não soffrer por ellas, pobresinhas ! É um repudio violento. Seria melhor que fizesses como o lenhador da historia, que levou os filhos á selva e lá os deixou perdidos. Vem deitar-te. O somno é um mergulho na morte. Os pequenos dormem, não sentem frio, não sentem fome.

— E que hei de eu fazer amanha ? É em vão que procuro trabalho, todos respondem-me com a mesma promessa delongada e os dias correm, as contas accumulam-se, os fornecedores negam-me tudo. Não sei que hei de fazer.

— Vive ! Eu soffro tanto como tu, senão mais, porque passo os dias em casa, entre a fome e a nudez das crianças, mas para que reaja contra as preocupações basta que uma chore — logo me sinto outra e descubro no coração energias poderosas que me sustentam a esperança.

Não ha tristeza que resista a um sorriso do pequenito. Quando tiveres desanimo, chama as crianças para junto de ti, ouve-as, e logo sentirás renascer a coragem.

Não sabes tirar partido dos pequeninos sêres que são o nosso desdobramento. O filho é uma confirmação da vida — vê-lo é contemplar-se. Cada filho é um periodo de mocidade que nos acompanha

na velhice, como uma reserva de sol. Tu foges á criança, evitas a sua alegria e só a procuras quando a vês triste.

Não é de hoje que ando a acompanhar-te os passos, a espreitar todos os teus movimentos, escondendo armas que encontro, examinando embrulhos e frascos suspeitos, com medo, porque sei que és fraco.

— A morte é uma solução.

— Nem todas as soluções salvam. O homem que furta para comer, deixa de ser ladrão ? não. O que se mata para não soffrer, não deixa de ser um covarde, porque foge. O teu posto não é ao lado dos teus, no mesmo quarto gelado onde se rilha a côdea endurecida ?

— Todos os dias saio com a esperança e regresso, á tarde, desilludido. É com horror que avisto a casa, os pequenos á porta prolongando a vista. Não pedem, contemplam-me, e eu leio nos seus olhares humildes tudo quanto elles desejam, e mais ainda o muito que eu lhes daria se pudesse.

— A desgraça não resulta da miseria, ha miserveis felizes. A desgraça é toda da alma, é a « ideia fixa » da infelicidade. Deus, quando creou as flôres, as estrellas, as aves e todos os bens ephemeros, desde a nuvem que percorre o céu até a avenca que rendilha o penhasco, foi para alegrar a natureza, esconder-lhe os vasis e as rugosidades ; depois, para

a alma, creou a imaginação, que dá todas as flôres do sonho e alimenta essa primavera que vai sempre verde, até a morte — a esperança.

— Falas em Deus . . . Se Deus existisse, não haveria tanta desigualdade no mundo.

-- Ah! meu amigo, o herdeiro que dissipa a fortuna em prodigalidades ou em máus negócios, sempre se queixa do pouco que lhe foi doado. Tu não soubeste empregar o que tiveste em mocidade e, dando pelos felizes, logo te julgaste infeliz e ficou-te no espirito, profundamente enraizada, a ideia horrivel de que és desgraçado. Levantaste o olhar para a ventura e nunca o baixaste ao soffrimento, de sorte que, só vendo afortunados e não podendo chegar ao ponto em que elles pairam, ficaste na inercia de uma contemplação invejosa. És um estagnado. Sé forte!

O pensamento amolda como o sopro do oleiro: se pensares, com insistencia, na loucura, acabarás louco. Ha outros mais desgraçados do que tu, e vivem.

— Falas porque não sabes quanto custa a vida. Ficas em casa, não lutas.

— Achas que faço pouco? Tu és o pescador da parabola — trazes os dois peixes, eu multiplico-os. Sou eu quem faz as porções, tirando-as quasi do nada; sou eu quem remoça os andrajos, sou eu quem illude as crianças para que se contentem com

o pouco e não sintam as agulhadas do frio através dos rasgões das vestes. O meu trabalho não apparece, queres que t'o mostre ? É o sorriso que ainda viceja no rosto dos pequenitos. Quem o mantem ? o teu desanimo ? não : a minha coragem, a minha ternura, o meu amor — eu, emfim, a mulher fraca.

Achas sobrehumano o que fazes ? Que direi eu dos milagres que realiso ? Não te entregues assim. Os golpeados, se não estancam o sangue, morrem esvahidos ; os infelizes, se não reagem contra o desanimo, succumbem.

O tronco que abate, se ainda tem um pouco de seiva, aproveita-se do desastre para renascer e, agarrando-se á terra, lança fios de raizes e põe-se a sugá-la com ansia e, aos effluvios vitaes da primavera, o que parecia um cadaver, rebenta em renovos alegres e reentra na vida com mais pujança e mais belleza.

Como queres vencer prostrado ? Como queres lutar de rojo ? Vem ! Os pequenos dormem, não queiras que acordem com o estrondó da catastrophe.

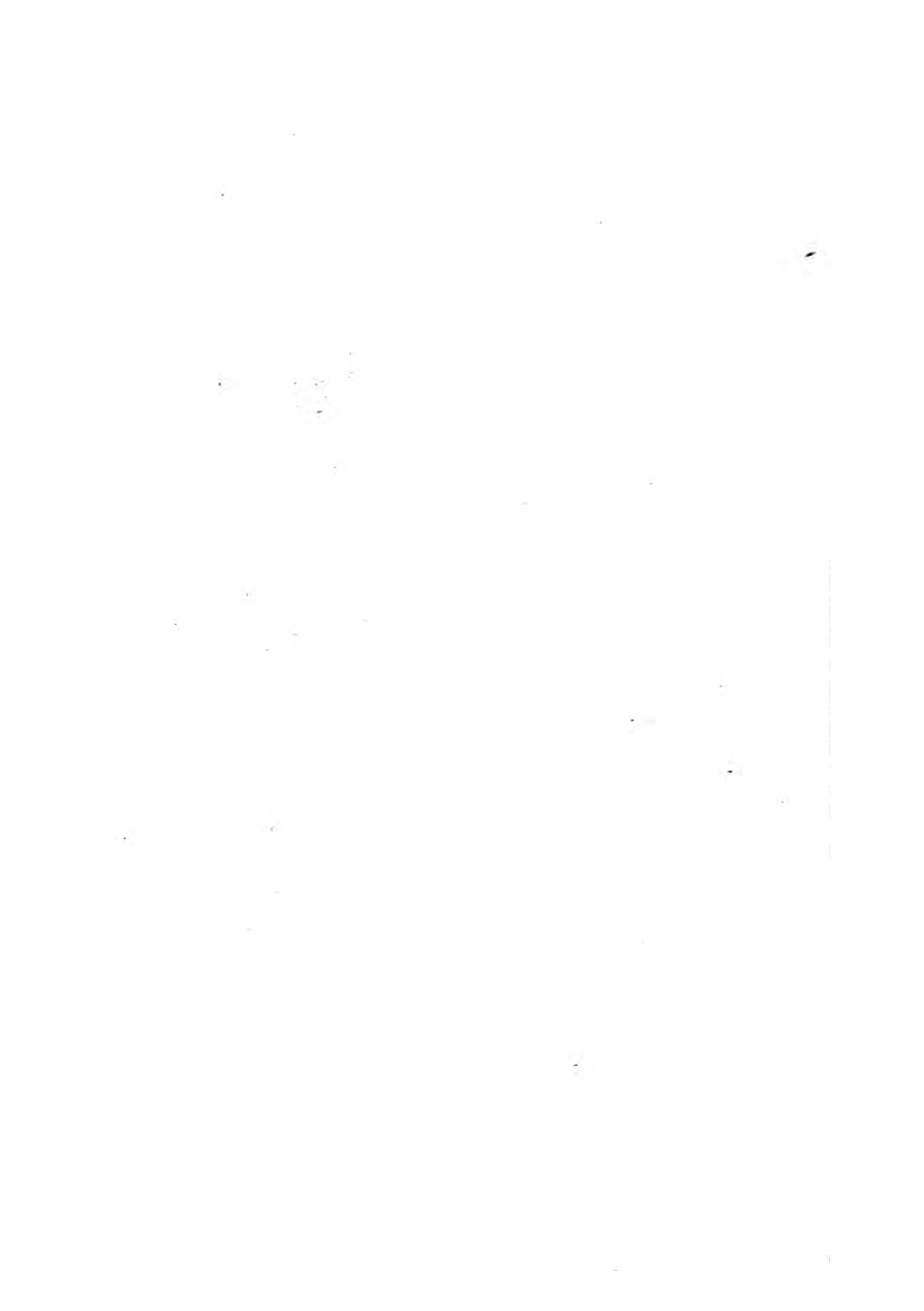
Nós somos os esteios da casa, sustentemos o tecto que os agasalha. Olha para mim, fita os teus olhos nos meus e beija-me. Ainda valho mais do que o tumulto silencioso : em mim ha, pelo menos, o barulho de um coração que ama. Tem coragem. Levanta-te !

Estás ouvindo? Vozes de homens, vozes de crianças, bater de tamancos, tinir de ferros. Cantam. São os humildes que passam — encontram-se com os que se recolhem do vicio e vão para o trabalho, alegres. Não têm noite.

— São trabalhadores.

— Trabalhadores, sim. Vão para a faina e cantam como os soldados que marcham para as batalhas. E tu? Vem dahi. Teus filhos dormem, vem!

*Caminham docemente, abraçados, ao longo do corredor em treva. Vozes cantam ao longe.*



## Mancenilha

---

— Não, minha senhora, não ficará deformada.

— Garante, doutor ?

— Sob a minha palavra.

— Então porque não consente que me dêem o espelho ?

— Porque, nervosa como está, não convém que se impressione.

— Impressionar-me . . . Para isto é preciso que eu esteja hedionda.

— Oh ! não. Naturalmente o rosto está inflamado, a cicatriz . . .

— Disfigura-o ?

— Nem por isso.

— Eu sinto, doutor.

— Sente ?

— Sinto. Nós, mulheres, temos a percepção de-



licada, principalmente quando se trata da belleza, que é toda a nossa preocupação.

— E a vida, minha senhora ?

— A vida . . . Que é isso ? Pouco me importa a vida, nem eu lh'a peço, acredite.

— Mas eu é que me hei de esforçar para que se não perca tão viçosa mocidade. É do meu dever de medico e ousou accrescentar . . . de artista.

— Obrigada. Já que se apresentou como artista, vou falar com mais franqueza. Os medicos só se preocupam com a vida physiologica ; eu penso que mais vale uma pedra formosa, como a Venus, do que um corpo humano engelhado pela velhice ou desfeito pelas molestias. Olhe, doutor, se vir que a sua arte — permitta que lhe chame assim — não póde corrigir os estragos do crime, deixe-me morrer e fará uma nobre caridade. Eu lhe pediria mais, se não contasse, de antemão, com a sua recusa, que me deixasse fugir. Tenho ainda forças para caminhar buscando um refugio onde acabe ignorada, escondendo na morte a minha deformidade. Quero deixar de mim a lembrança da belleza victoriosa que fui. A vida ! Pensa o doutor que lamento haver perdido tanto sangue pela falta que elle me possa fazer como elemento vital ? engana-se : lastimo a côr que nelle se foi. Como se vai resentir meu rosto ! Era esse sangue que colori as rosas das minhas faces, que accendia áscuas nos meus olhos, que de-

bruava á purpura os meus labios. Sorri? Nunca uma mulher lhe falou esta linguagem, não é verdade?

— Nunca!

— É que o doutor não tem estado á cabeceira de mulheres . . . como eu. É preciso que saiba — só é verdadeiramente mulher aquella que sabe trazer sobre o corpo, com magestade e graça, o esplendor da belleza. Uma rainha desthronada é mais ridicula do que a saloia que veste a grosseira tricana e fia á beira da azenha, ouvindo chofrar a levada.

Maria Antonietta não tremeu diante da guilhotina, affrontou-a sobranceira e morreu com a altivez augusta de uma rainha, filha de reis. De que lhe serviria o perdão sem a purpura, sem o throno, sem a corôa, sem aulicos? Eu faria o que fez a austriaca: sorriria ao carrasco, como agora sorrio. Viver com a saudade do que fui, pensando na formosura perdida, ouvindo palavras de lastima pronunciadas a cada passo . . . Seria viver trancada em um mausoléu, lendo e relendo o meu proprio epitaphio. E acredite, é escusado illudir-me: se eu conseguir um espelho e, mirando-me, achar-me desfigurada, garanto-lhe que morrerei fulminada pela minha propria imagem.

— Não tema. Nunca o seu rosto ficará como o de Medusa. Mas francamente, não lhe parece que a vaidade . . .

— Eu já contava com a insinuação. Vaidade . . . Mas a vaidade é a consciencia da belleza, doutor. A mulher sem vaidade é como a flôr sem perfume. Todos os que me visitam perguntam, compadecidos, se o ferimento me faz soffrer. Dôr, é possível que exista, eu não a sinto, porque soffro horrendamente com a ideia de ficar com um estygma na face. Que será de mim se, amanha, ao levantar-me da cama, vir ao espelho, em vez do rosto que eu mesma admirava, uma face vincada, a boca retrahida, sem a graça de outr'ora, tendo, em vez do sorriso que a illuminava, o rictus de uma costura ? Não. Olhe, não lhe quero occultar os meus sentimentos para que o senhor proceda com toda a lealdade, curando-me, isto é : recompondo, por uma delicada autoplastía, a minha belleza, ou deixando-me morrer. Ouça-me.

— Não se levante.

— Não . . . Sabe porque fui ferida ?

— Por amor.

— Amor . . . O amor é um culto, o iconoclasta não crê. Amor ! . . . Foi por ciume. Foi por ciume que me feriram. Elle não me quiz matar, quiz vingar-se inutilizando-me. Fez o que faria um perverso que furtasse a uma fada o seu condão: Foi ao peito que elle apontou alvejando o coração ? não, foi ao rosto: Não foi um desvairado, foi um cruel. Não me quiz vêr morta, o seu odio exigiu mais e defora

mou-me. Emfim . . . deixemos o crime. Se eu não houvesse sido alcançada pelas balas, seria a mulher mais feliz da terra, porque . . . Oh ! nem posso sorrir, tenho os labios algemados. Meus pobres labios ! O tumulo é um pedestal. Que bello ! de pé sobre um tumulo, tendo aos pés um grilheta. Seria o monumento triumphal da Belleza tragica.

— A senhora . . . é admiravel !

— É o que tem a dizer-me ? O meu prazer maior foi sempre dominar pela belleza, sentir o meu prestigio, gosar a omnipotencia do meu olhar. Estes cabellos são a minha corôa e o meu manto real. O doutor nunca os viu soltos ?

— Nunca, minha senhora.

— É pena ! E não posso sorrir. Matar o meu sorriso. Que crueldade !

— Elle renascerá.

— E vendo-o o doutor dar-se-á por feliz por m'ó haver restituído. É estranho . . .

— O que, minha senhora ?

— Eu seria capaz de apresentar-me núa, inteiramente núa, como uma deusa, aos olhos do mundo e sem receio de ultraje, porque todos os que me vissem ficariam como de pedra, immobilizados no espanto. Sou uma mulher fria, impassivel, indifferente. Não penso em volupia, ninguem dirá que obtive de mim a concessão mais leve, a mais innocente, a que uma noiva possa fazer a seu noivo. O meu or-

gulho consiste apenas em ser bella. Tenho consciencia de que o sou, porque conheço todo o meu rosto, linha a linha : tenho o meu corpo de cór. Sei como se lançam todas as minhas curvas e não movo um gesto sem o ter estudado lentamente. De tanto contemplar-me ao espelho gravei-me nas minhas proprias pupillas. Tenho sido amada . . . Oh ! tanto ! Se os olhos que me admira<sup>o</sup> levassem de mim a parcella diminuta que pudesse caber em um póro, eu ha muito não existiria, absorvida pelos olhares devoradores. Vivo numa atmospher<sup>a</sup> de desejos, sinto-os e passo atravéz delles com a mesma insensibilidade com que a salamandra caminha pelas chammas. Amor . . . ! Quem ama desprende-se de si e eu vivo presa a mim mesma, como a arvore ás suas raizes. Que culpa tem a mancenilha de ser venenosa ? Culpados são os que se deitam á sua sombra, nem ella dá mais que sombra aos hospedes que a procuram. É o que eu faço — espalho o meu encanto. Se tirarem á mancenilha as folhas e os ramos, como ha de ella attrahir e matar os caminhantes ? Ah ! meu Deus, nem posso sorrir. A minha belleza . . . a minha belleza . . . !

— A senhora conserva-a.

— Ah ! não . . . Isso não !

— Porque o diz ?

— Porque ? Porque sei.

— Não póde saber.

— Não posso ? ! Olhe, doutor, diante de um homem nunca precisei de espelho para rever-me : sentia a minha belleza na turbação da face de quem demorava em meu rosto os olhos deslumbrados. E agora . . . ? Comprehende ? Já ha quem possa ficar junto ao tronco da mancenilha sem receio da morte e se tal acontece é . . . porque a arvore perdeu o seu encanto. Comprehende ?

*Fitam-se. O medico levanta-se perturbado. A enferma sorri soffredoramente acompanhando-o com um olhar triumphante.*





## Sponsa - Christi

---

— Enganas-te, mamã: ninguém é mais feliz do que eu, e toda a minha felicidade, que é immensa, decorre da esperança que trago no coração, desde os annos mais tenros, e que tem crescido com elle. As noivas vivem para os seus noivos; o mesmo me acontece com relação a Jesus. E mulher alguma, ainda a mais amada, recebe tão constantes provas de affecto como eu recebo.

Em vigilia ou dormindo, sinto-o commigo. Elle é quem me adormece com o seu afago. Elle é quem me desperta com o seu beijo. Para tornar ligeiras e suaves as horas do meu exilio na terra, embala-me com o cantico dos anjos e inebria-me com o perfume dos jardins celestiaes. Eu chamo-o, invoco-o nos meus extases. Elle responde-me e acode ao meu appello com o seu carinho. Dizes que sou formosa e



lamentas que eu vá sepultar a belleza e a mocidade na cella de um convento e amortalhar-me em vida na estamenha de freira. Ficarei como a flôr que se não macula e morre, com toda a côr e todo o aroma, no caule em que nasceu.

O meu amado é como o sol do estio que me beija com os seus labios de fogo ; eu para Elle inclino-me como o heliantho, essa flôr mariposa, que se cresta por amor. Sinto-o á noite. Elle vem como orvalho ungir-me as feridas de balsamo e eu revivo e, alegre, cantando psalmos, louvo-o, bemdigo-o, pedindo-lhe que me arrebate nos braços conduzindo-me, por entre os córos seraphicos, á camara elysea, toda forrada de rosas e tapetada de açucenas, onde devem ser celebradas as nossas nupcias. Elle é o meu amor, com Elle correspondo-me pela prece, e os presentes que Lhe mando são os pobresinhos que os levam, os pobresinhos que são os nossos confidentes.

O meu amado é um principe : traz a fronte cingida pela corôa de junco, cujas arestas são espinhos, empunha o sceptro de canna, veste a tunica de bysso — são esses os attributos da Sua misericordia. Eu vejo-O vir do seu throno levantado no cimo do Calvario, formoso como o sol quando surge no oriente.

O Seu corpo é um jardim aberto em rosas de sangue, os Seus olhos são duas pias de lagrimas, a Sua boca é um panal de bençãos.

Elle morre e Elle renasce. Cerram-se-lhe os olhos, e é noite ; abrem-se-Lhe as palpebras, e é dia. Feliz daquelle que O fita e sente o aroma do Seu halito.

— Minha filha, tu estás sendo arrastada pela Musa do christianismo. Não é propriamente a religião que te seduz, é a poesia. Não vais pelas palavras de Christo, mas pelos canticos apaixonados das filhas de Jerusalém. O que ouves nos teus extases é a harpa dos cantores tragicos da Passionaria augusta.

— Talvez seja, minha mãe, mas essa é a musica que os meus ouvidos adoram.

— És muito nova, estás no limiar da vida, agora é que se te vão abrir as portas da realidade.

— Portas de ferro que escondem ergastulos.

— Algumas são de marfim e de oiro e dão para delicias.

— A do paraiso conduz á eternidade e á presença de Deus.

— Porque te has de exilar da ventura emparedando-te em um claustro, onde só reina a tristeza ?

— E aqui fóra, minha mãe, que vejo eu ? Os olhos, que deviam ser, como as estrellas, focos de luz, são mananciaes copiosos. Parece que o oleo de taes lampadas é a lagrima. As palavras que ouço . . . são confissões de felicidade ? não, são dizeres do desespero, guais da afflicção, gemidos da angustia. Mamãe entende que eu me devia vestir

de branco, cobrir-me de flôres para entregar-me a um homem.

Para que ? para constituir nova familia augmentando a Dôr humana, quando me posso fazer serva da consolação, ancilla da prece. E não vou eu lá para cima accrescer á communitade, que é a sagrada Familia do Senhor ? Entendes, como papai, que as freiras são criaturas inuteis, porque o seu trabalho não apparece. O convento, mamãi, é uma colmeia e as religiosas são como as abelhas — a differença está em que o mel que ellas offerecem ao Senhor é feito com lagrimas, melhor que succo de flôres, porque é essencia de corações. São inuteis na paz, nos periodos afortunados, tanto, porém, que as catastrophes abalam o paiz, logo as almas reclamam o seu soccorro e são essas modestas fragilidades as amazonas invenciveis que sahem pela Misericordia.

Os exercitos são tambem inuteis nos tempos tranquilllos ; logo, porém, que se accende a guerra, lá vão os soldados morrer á sombra da bandeira, derramar o sangue pela patria. O pavilhão dos religiosos é o santo sudario e do sangue que elles, nas batalhas da fé, têm derramado por este mundo vasto, rega mais fecunda do que a das aguas celestiaes, sóbe o viço que vai tornando cada vez mais bella e mais robusta a arvore eterna da cruz.

Ninguem agradece ao sol o seu beneficio, porque

é mysterioso, como a reza dos monges e as orações dos crentes.

Que importa o cilicio ? Peior é o que trazem os que andam cá fóra, no que mamãe chama — a ventura. O das freiras confrange apenas as carnes, o outro crava puas no coração, e quantos nomes tem ? é remorso, é inveja, é avareza, é ciume, é ambição ! . . .

Compare o nosso soffrimento por amor de Deus e do proximo com o dos outros, por amor da vaidade, e veja qual é maior. Não me lamente : vou ser feliz. O convento é um baluarte — deixá-lo desguarnecido é mais do que um crime, é peccado.

O meu coração guia-me para a montanha, devo ir, e, quanto mais difficil fôr a subida, mais rejubilará minh'alma. Tenho fé. Olhe, assim como ha a Santissima Trindade, que é a providencia nas suas tres hypostases: creadora, redemptora, inspiradora, ha tambem a trindade, cardial, toda humana, irradiando em expressão de amor : a primeira, que é a elevação da alma ao Paraiso pela renuncia da terra, é a fé ; a segunda, a esperanza, que é a ansia do amor divino, manifestando-se na prece ; a caridade, porfim, que é a ternura, traduzindo-se em actos piedosos : o seu vehiculo é a bondade e o seu nome no céu é Misericordia.

Sou uma contemplativa : vivo pela fé, e quer mamãe que eu a abandone pelas alegrias ephemerass

da terra ? Porque ha de a virgem entregar-se a um homem e não ao seu Deus, ardendo em amor mais puro, celebrando o seu noivado entre flôres immarcessiveis ? Não é mais natural ?

— Não, não é.

— Respondes assim porque amaste, como se ama na terra. Outra seria a tua resposta se pudeses gosar o amor que toda me inflamma. Só é natural aquillo que praticamos. Posso defender-me com o teu proprio argumento, porque não comprehendo outro amor senão o que sinto nalma. Entretanto não me revolto, porque tudo quanto Deus fez é perfeito — as flôres não são iguaes e os aromas differem, todas, porém, são bellas e os seus perfumes embalsamam os ares. Louvas a minha innocencia. Sinceramente, se me perguntares que é innocencia não te saberei responder — para ter della conhecimento seria necessario que eu a comparasse á impureza. E que é a impureza ? ignoro. Ha almas refractarias ao mal. Eu nunca o evitei, porque nunca o senti. Sou como a agua de uma fonte que tudo reflecte conservando-se immaculada.

Meu coração é um hospede na terra. Juro-te que se o não sentisse isento de todo o desejo, sem outra aspiração que não seja a vida monastica, não seria necessario que andasses a conter-me, eu já teria recuado da soleira da casa santa, para não a profanar com os meus pensamentos. Mas não, vou

pura. Exaltas a minha belleza . . . Alegro-me de ser bella, porque assim posso offerecer ao meu Amor oblação mais digna.

— E não sabes que és amada ?

— Disseram-me.

— Então ?

— Que hei de fazer ? Eu só amo Jesus.

— Mas, minha filha, não confundas culto com amor.

— Culto é a mais alta expressão do amor purificado na graça, é a perfeição do amor, e eu entendo que em todos os verdadeiros amores deve haver culto.

— E dize, minha filha, sou tua mãe, posso falar-te com franqueza . . .

— Fale, fale, não tenha escrupulos nem reservas de palavras : só os fracos, os de pouca fé receiam os ataques á sua crença ; os convictos affrontam-se com os adversarios. Fale.

— Não receias que, mais tarde, a tua mocidade se insurja e a carne entre em luta com o espirito ?

— Não ! Entre o meu olhar e o mundo houve sempre um esplendor que m'o offuscava, occultando-me luminosamente o que eu não devia vêr. O excesso de luz é mais impenetravel do que a treva mais densa. Fite o sol . . . ninguem o fita. Deixe-me ir a meu destino. As minhas bodas serão lindas ! Começarão pela prova maior de fidelidade, pela

renuncia absoluta, que é a morte. Morta, estendida sobre flôres, deixarei na terra o que é da terra e, quando me levantar, ao som da marcha nupcial, serei espirito sómente e em espirito caminharei para o meu Esposo sobre uma alcatifa aromal de lirios e de rosas.

O meu epithalamio será entoado por outras noivas e eu passarei entre ellas como a favorita do Senhor, tendo deixado, com as tranças do meu cabello, que já me pesa, todas as lembranças da terra.

E, resuscitando, serei a bem amada dos cantares e irei para o meu Eleito e Elle me receberá nos braços. E para que eu pense, com igual carinho, em toda a humanidade, é necessario que o coração não leve impressões : uma saudade é bastante para perturbar a ascese.

— Queres dizer que mesmo de mim has de esquecer-te ? . . .

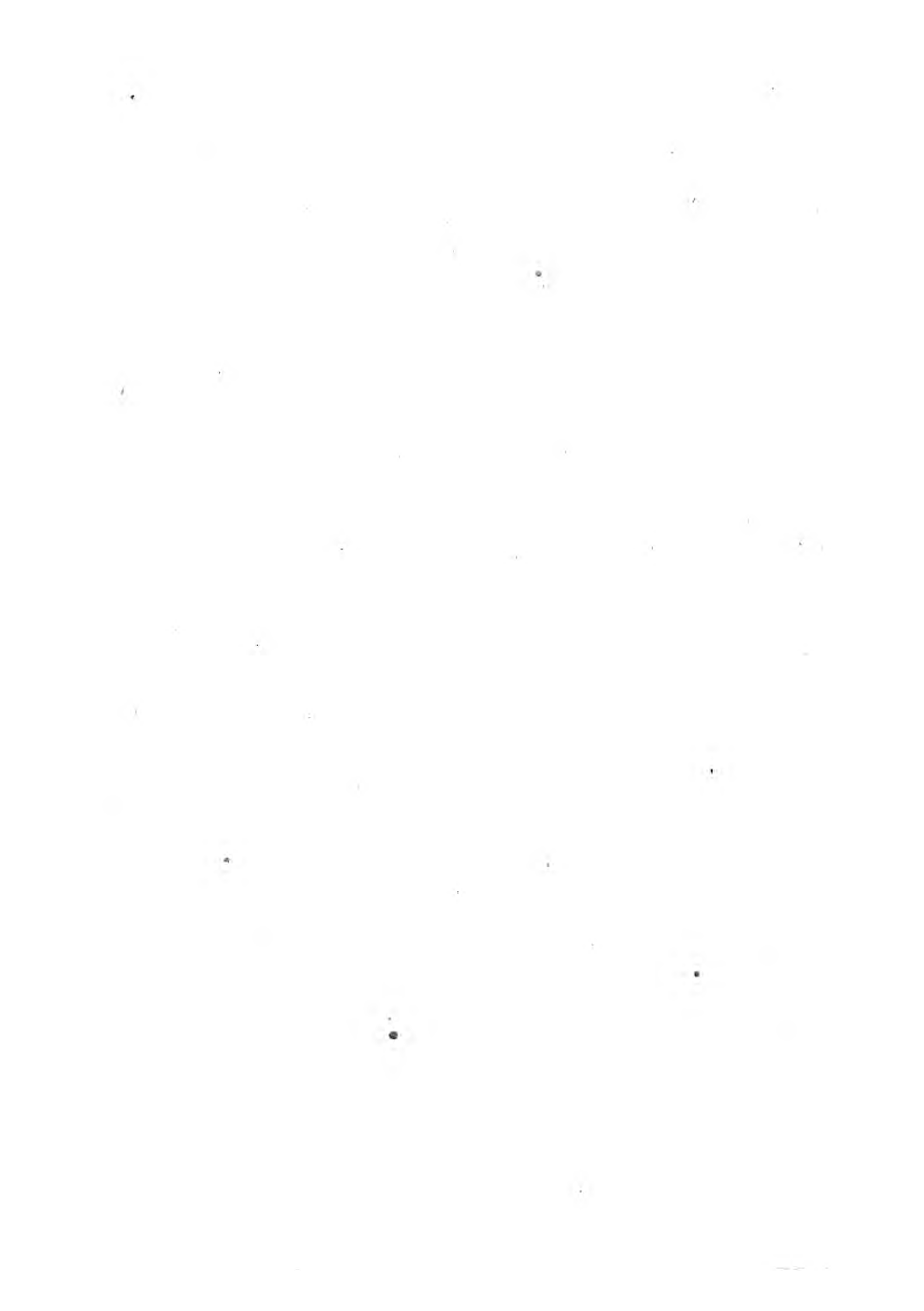
— E se eu partisse com um esposo da terra não me comprometteria a deixar, por elle, pai e mãe ? Não é este o voto de rendição da esposa ? Mas não, minha mãe, não te esquecerei, jámais ! Meu esposo não é ciumento. Não foi no teu coração, vaso perfeito, que desabrochou minha alma ? Esquecer-te . . . nunca ! És minha mãe e és Sofrimento, porque és humana, e eu velarei sobre todos os sofrimentos.

Se não me vires a teu lado, has de achar a consolação da minha prece : estarei longe e contigo.

Vês a lua no céu ? é a noiva do cantico real. Vai, por entre lirios sideraes, pallida e contemplativa. Está longe e aqui a temos em claridade, vestindo-me de branco. Assim fará minha alma comtigo. Lá da montanha do Senhor eu a mandarei em preces consolar-te, illuminar-te, envolver-te. Oh ! nunca te esquecerei ! Mas deixa-me ir ! Não faças com as tuas lagrimas uma corrente para prender-me. Deixa-me ir a meu destino, como vai a lua no céu toda de alvo, espalhando na treva da noite a consolação da sua claridade. Deixa-me ir . . . como vai a lua, soror pallida, minha irman em Deus, minha irman em solidão. Deixa-me ir !

*Ajcelha-se diante da janella e, de braços abertos, extasiada, os olhos fitos no plenilunio, balbucia docemente, sorrindo e com as lagrimas correndo em fios pelas faces.*





## À espera

---

— Como ? Pois tu ! Não é possível. Mas como, meu Deus ! E em que gastaste tanto dinheiro ? Comnosco não foi.

— Não.

— Amantes ?

— Não.

— Então ?

— Foi ao jogo.

— Ao jogo ? Jogaste ! Tu ?

— Joguei.

— E agora ? Descobriram . . . ? Vais ser preso ? Mas dize . . . Não, não creio que tenhas ido ao jogo. Não é possível.

— Juro-te. Ambição, inveja talvez. Desvario. Um companheiro de escriptorio ganhou, em uma noite, com uma quantia insignificante, mais de ses-

senta contos. Vi o dinheiro. Isso perdeu-me, allucinou-me. Não te lembras de uma noite em que me queixei de insomnia e fui para o gabinete, onde estive, até a madrugada, escrevendo ?

— Lembro-me.

— Foi nessa noite que meditei o crime. Vi todo o horror em que agora me debato ; mas quando cheguei ao escriptorio, abrindo o cofre, a tentação obscureceu-me a consciencia.

— E tiraste ?

— Um conto de réis. Fui á roleta. Perdi. No dia seguinte, para salvar o prejuizo, voltei ao cofre. E porque não dizê-lo ? já sem escrúpulos, como se me houvesse habituado ao crime, e levei quantia maior. Foi assim, durante uma semana. Um delirio !

— E sempre perdendo ?

— Sempre ! e cada vez mais desvairado. Já não contava o que subtrahia : apanhava os maços de notas, mettia-os no bolso e punha-me a escrever inconscientemente, anseando pela hora da sahida e, mal me apanhava na rua, corria á tavolagem. Jogava como um louco, sem notar que as minhas paradas eram observadas pelos pontos, commentadas com espanto. O meu crime denunciava-se, foram os jogadores os primeiros que deram por elle. Mas que lhes importava a procedencia do dinheiro ? eram contos de réis que alastravam o tapete, aos quaes todos se julgavam com direito, cercando-os,

assediado-os com as fichas. E por minha causa o jogo tornou-se frenético, desesperado, remontando ao máximo da banca. Foi assim. Quando saí, caminhando como um ébrio, a cabeça em fogo, já remordido pelo remorso e atormentado pelo medo, via em todos os transeuntes acusadores, ouvia vozes denunciando o meu crime e pensava, com horror, na vergonhosa desgraça. Às vezes, ao trillo do apito da ronda, punha-me e tremer com tal violência que não me podia tirar do ponto em que ficara. Queria correr, fugir e sentia-me tolhido, como em um pesadello.

— Mas afinal . . . Descobriram ?

— Creio que sim, não sei. Notei qualquer coisa. Hoje, quando saí, pediram-me a chave do cofre.

— Pediram . . . Mas foi só ao jogo ?

— Juro por Deus. Has de saber. Tudo se sabe.

— Que loucura ! E agora ? Eu tenho as minhas joias . . .

— As tuas joias. Que poderão dar as tuas joias !

— Então foi tanto assim ?

— Mais de oitenta contos.

— Minha Nossa Senhora ! Oh ! então . . . Oitenta contos ! Como se faz uma coisa assim ? E que vais fazer ? Oitenta contos ! Fugir ? Para onde ? E elle ?

— Quem ?

— O pequeno ?

— O pequeno ? . . . Não chores. Dá-me coragem. São estas as ultimas horas que passo contigo. Tem pena de mim.

— É que nem todos, no collegio, hão de ser generosos quando souberem. Pobresinho !

— Não chores. É . . . Eu devia ter realizado o que pensei, mas a vida . . . a vida ! Tu, elle . . . Não tenho animo para matar-me. Preso, ficarei contando os segundos, como um condemnado cuja pena fôsse mudar uma duna levando, de cada vez, um grão de areia : cada minuto que escôe será um avanço para a liberdade e na morte não se caminha. O carcere está dentro da vida — é uma noite ; o tumulto é um presidio que não se fecha com chave, sella-se com o sinete da Eternidade : é a Treva. Se a morte ainda remittisse a culpa, mas o nome não vai com o cadaver, fica á tona do sepulcro, fluctua em brilho ou em mácula. Para que havia eu de juntar á vergonha do crime a covardia da fuga ? Tem pena de mim ! Que todos me julguem, cala-te tu e absolve-me. Sabes que fui sempre honesto. O desvario perdeu-me. Quiz fazer-te feliz. O demonio seduziu-me com a miragem da ventura. Foste sempre resignada e eu quiz que conhecesses as alegrias da vida e os prazeres que as outras gosam . . . e só consegui . . .

— E elle ? Que lhe hei de dizer ? Por mim, não, terei resignação para soffrer todos os vexames, mas

elle . . . Não comprehendo. Desde que perdeste a primeira quantia . . . Se me houvesses falado . . .

— Não me condemnes. Disse bem quem comprou a vida a uma mantanha escarpada : a gloria, a pureza estão no cimo, no sopé alastra-se o tremedal dos crimes cheio de seducções, de miragens, de enganãos. Quem se inclina sente a vertigem e soffre a attracção. Se desce um passo resvala, rola, precipita-se, aprofunda-se. Raros são os que conseguem agarrar-se ás raizes do arrependimento, ás arestas energicas da vontade, salvando-se da quéda fatal. Não me condemnes. Se eu te pudesse mostrar minh'alma, terias pena. Emfim . . . Que hei de fazer ? Parece que estão falando. Não ouves ?

— É o pequeno a estudar.

— Mas bateram.

— Não. A esta hora ? Acreditas que elles venham a esta hora da noite ?

— Se descobrirem . . .

— Que dirão de nós ? Toda essa gente que nos conhece, os visinhos. Quando os jornaes falarem . . . Quantos sudarios com a nossa vergonha, meu Deus !

— Bateram.

— Tambem ouvi. Agora ouvi. E se forem elles ? Que hei de dizer ?

— A verdade.

— Entregar-te ?

— Não chores.

— Estão batendo.

— Vai vêr.

— Espera. Póde ser lá fóra. E se fugisses ?

— Fugir ? É tarde. É melhor que se decida de uma vez. Esta expectativa é horrivel. Olha, ouve . . . Tu desconfias de mim, não acreditas nas minhas palavras. Juro-te por Deus ! pela salvação de minh'alma que todo o dinheiro, estás ouvindo ? todo ! perdi-o ao jogo. Nunca pensei em mulheres, nunca ! Não levo remorso de te haver trahido e acredita que soffreria horrendamente se encontrasse em meu coração a sombra leve de uma impressão de amor.

— E se te escondesses ? Vou vêr se são elles. Esconde-te. Salta o muro do jardim. Esconde-te na chacara visinha e, depois que elles partirem . . . Queres ?

— Não.

— Vem alguém.

— É o pequeno.

— Não o deixes entrar.

— Porque ?

— Papai, estão ahi uns senhores que lhe querem falar com urgencia. Posso mandar entrar ?

— Sim, manda.

— Então ? Vais ?

— Vou. Adeus !

— E para vêr-te . . . ? Que hei de fazer ? Sou tão ignorante dessas coisas . . . Nunca pensei . . .

Tanto dinheiro ! Tanto dinheiro ! Se fôsse possível . . . ! Que hei de fazer ? ensina-me. E se eu fôsse falar aos directores ? Se lhes pedisse ? se me compromettesse a pagar . . . ? Mas é uma fortuna ! oitenta contos, nós somos tão pobres, demais, depois disso ha de ser tão difficil. Mas dize . . .

— Não desanimes. Confia em Deus. Adeus ! E o pequeno ? Vê se o distrahes. Não tenho coragem de o vêr, tenho vergonha. Não quero que elle me veja sahir. E acredita no que te disse : o processo ha de provar-te a minha innocencia de esposo, verás.

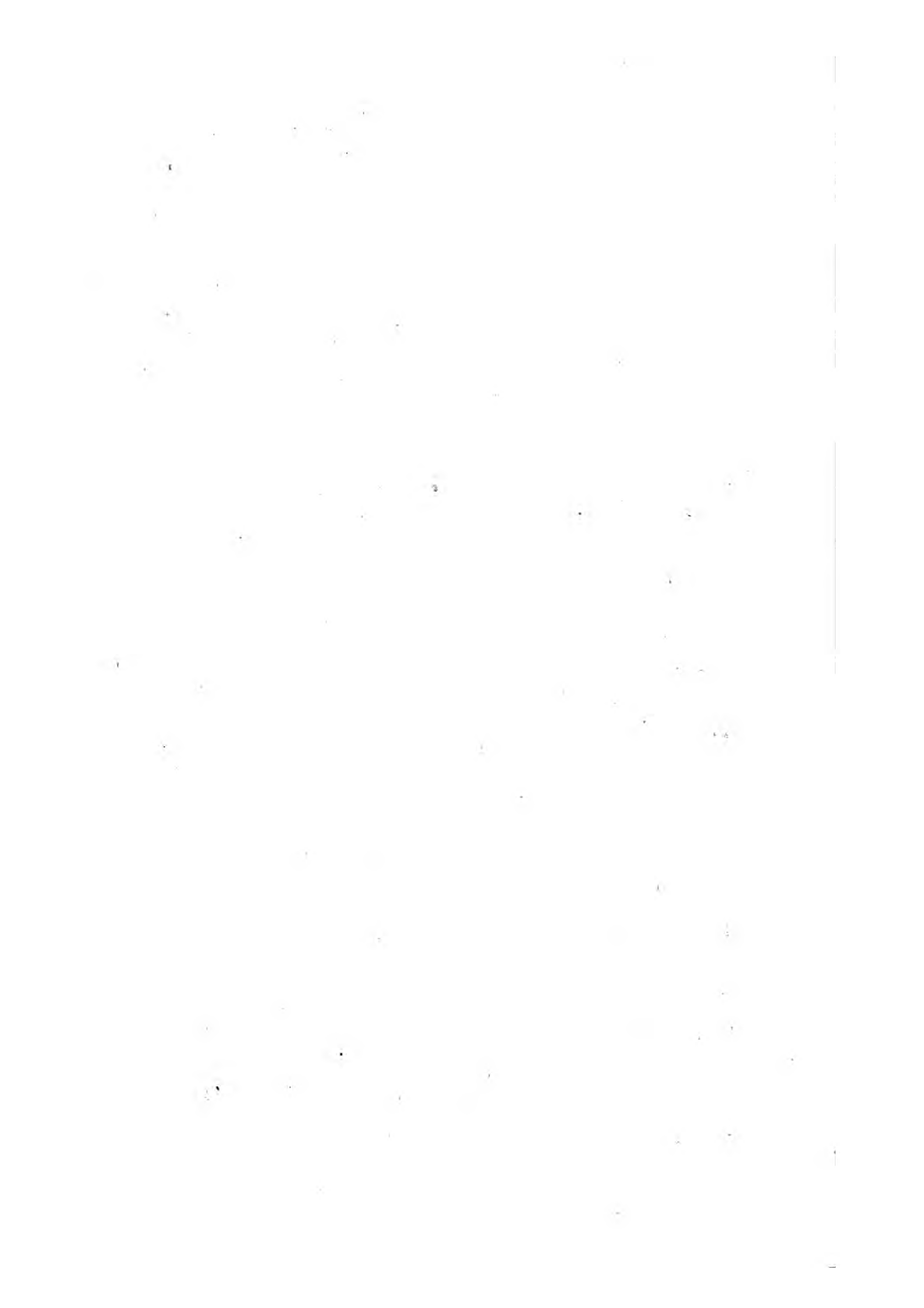
— Olha, escuta . . . Creio em ti, no que dizes ! . . . Olha ! Espera . . . ! Pobre de mim ! Coitada de mim ! Que viuvez vergonhosa ! e sem poder velar o rosto, cobrir-me de luto. Viuva, mas amarrada ao cadaver, presa á mesma grilheta. E meu filho ? Que lhe hei de dizer ? É elle ! Oh ! o coração suffocame ! Que horror . . . !

— Mamã ! Mamã ! Que homens são esses que levam papai ? Que fez elle ? Porque o levam preso ?

*Escancara-se a porta e o menino estaca assombrado diante do vulto da mãe desgrenhada, arquejante, os olhos immensos e fitos, a boca escancellada, o rosto desfigurado ás contracções de um rictus que o vai demudando em mascara tragica.*

*Um grito lancinante e o corpo da infeliz oscilla e rola desamparado.*





## Fascinação

---

— Sim, minha mãe, e as suas palavras, ainda que incisivas, vêm embotadas pela piedade. Mais crueis seriam se o seu coração generoso não trocasse as que lhe sahem do pensamento por essas nas quaes sinto a delicadeza e a ternura. Porque a verdade é que a senhora, além de considerar-me infeliz, tem-me por desbriada. Deixe-me falar. Sinto um prazer estranho em esvurmar a ferida que sangra. Quer a senhora que eu regresso á casa, seduz-me com o seu carinho, com essa volta imaginaria aos dias innocentes da minha adolescencia, com o meu quarto, com o meu leito de donzella, com tudo que me acompanhava na candida pureza dos meus dezoito annos. Illusão, minha mãe. Ninguem deve tornar ao sitio em que foi feliz para não soffrer duas vezes — não encontrando a ventura procurada e tendo, com

a desillusão, a saudade, que não é mais do que a hera viçando em ruínas. O tempo reverdece e enrugga : a flôr que desabotôa na arvore que plantamos, é, para nós, indício de velhice. Os passos mudam os grãos de areia da estrada, de minuto a minuto o raio de sol avança. Que vou eu encontrar no meu quarto de solteira ? recordações do que fui. É como se mamãi me convidasse para velar defuntos. Deixe-me ficar. Apaixonada ! Não é amor o que me prende a esse homem, é mais que amor : é culto.

— Culto ?

— Sim : culto exaltado, adoração, fanatismo. Eu lhe digo. O que me seduziu em Emilio não foi o homem : foi o poeta. Antes de eu o conhecer adorava-lhe os versos, recitava-os baixinho, á noite, quando me recolhia ao leito. Tanto que os decorei, esqueci as orações e, em vez de rezar, murmurava extasiadamente as suas endechas, e assim fui preterindo Deus e o céu pelo poeta e pela poesia.

Quando o vi — e foi a senhora quem o aproximou de mim — ameí-o loucamente. Foi amor ? Não sei. Foi uma viva alegria por haver encontrado a arvore cuja flôr me perfumava a alma ; foi o regosijo de haver descoberto o astro cuja claridade mysteriosa me alumiaava. Entreguei-me de todo, porque já lhe pertencia, já era sua escrava — cada um dos seus versos era um elo que ia augmentando a corrente que me prende. Fugir-lhe ! . . . Póde alguém fugir

a si mesmo, mamãe ? Como não se foge ao remorso, não se foge ao amor.

— Se assim é, porque chamaste ?

— Para dizer-lhe o que padeço. Quando eu era pequenina e soffria, mamãe vinha ficar á beira da minha cama, tomava-me as mãos, acariciava-me e, ainda que a dôr persistisse, eu tinha a illusão do allivio. Faça o mesmo agora.

— Offereço-te a cura : vem commigo.

— Ah ! sim . . . a cura. É como se eu lhe dissesse: «Dá-me o coração», e a senhora me propuzesse arrancá-lo. Que horas são ? quasi onze. Elle só entra de madrugada. Estarei de pé para recebê-lo. Sei que vem de orgias, mas . . . quer mamãe saber ? O que eu lamento, não são os beijos que elle deixa em outros labios. Os seus beijos, bem os conheço eu ! são como essas bolhas que sobem do fundo d'agua e, mal chegam á tona, rebentam vasiaas. Os seus beijos ! Que importa que elle os espalhe por ahi ? a tanto montam as flôres que elle esquece na botoeira do casaco. Do que eu tenho ciume, é do que elle diz, é dos seus versos, é da sua poesia, é da sua alma.

— Tolice.

— Talvez. As raras vezes que elle fica em casa, á noite, compensam-me de tudo. Vê-lo compor, quedar a seu lado em humilde silencio adorativo enquanto elle vai lançando ao papel, na febre da

inspiração, os versos admiráveis que são o meu orgulho . . . Oh ! mamãe . . . ! O que eu amo ! O que eu amo ! . . .

— O que tu amas, minha filha . . .

— A senhora injuria-me injustamente com a sua recriminação. O que eu amo é a luz, é o esplendor. O que me deslumbra é a claridade, e essa não é do homem que todos vêem, do typo material, não ! não é. O que me converte á idolatria é a intensa irradiação do espirito de Emilio. E porque o perdão e o amo acompanhando com o meu amor o seu desprezo ? Justamente porque é fulgurante e alumia a todos e attrahe ao seu brilho quantos o vêem. É como um sol e o seu clarão é a poesia, a divina poesia. Oh ! mamãe ! . . . O que eu amo ! O que eu amo !

— E elle repelle-te.

— Repelle-me.

— E tu o procuras . . . ?

— Attracção, fanatismo, desbrío, dê-lhe mamãe o nome que quizer. Sou como a onda, elle é o mar todo poderoso. O mar arroja a onda á praia e ella, desfeita em espuma, torna, de rasto, ao ingrato, e quanto mais recrudescer o furor da repulsa tanto mais se accelera o regresso da humilde. Repelle-me, sim.

— E maltrata-te.

— Se mamãe entende por máu trato a injuria, a grosseria, a aggressão, affirmo-lhe que me não

maltrata. Mas eu preferia todas as brutalidades á sua indiferença. Quando me aproximo e vejo-o distraído, com o espirito extraviado, sinto-me verdadeiramente infeliz.

— Assim, não é das mulheres que tens ciume ?

— Das mulheres ? não. Elle não as quer com amor. Vai nellas buscar a inspiração como outros vão buscar no vinho a embriaguez. Compreendo que uma mulher soffra vendo entrar o marido bebido, mas não ha em tal soffrimento zêlo, porque ter ciume do vinho seria ridiculo. Não, não tenho ciume das mulheres. Dos seus versos, sim . . . delles é que tenho ciume, e nelles ha tantas referencias a delirios ephemericos, que serão maravilhas immortaes. Só de mim, só de mim não ha memoria nos seus poemas.

— Pobre de ti ! Lembras-me certas mulheres que, quanto mais soffrem dos maridos, mais se lhes devotam. É uma fraqueza.

— É a fascinação.

— O romance desgraçou-te, minha filha.

— Eu disse -- fascinação e disse bem. Ha mulheres que são como as leôas : precisam sentir as garras do homem e mais lhes querem se nelles farejam o cheiro de sangue. Ha tantas assim, tantas ! Ainda depois de presos os amantes, ellas conservam-se fieis ao amor tragico, vão vê-los ao carcere, trocam beijos através das grades. De uma sei eu

que dorme tendo debaixo do travesseiro a navalha com que o amante commetteu o assassiniq que o levou ás galés. Quantas se entregam por uma serenata ao luar ! Quem as vence ? é o homem ? não ; é a voz do homem que lhes chega ao leito. Esta, ouviu o rumor da luta, a algazarra, a grita do povo, as vozes de alarme contra o matador, e logo o seu coração bateu pelo valente ; a outra, foi o canto que a commoveu e seduziu. Eu . . . eu . . . O que eu amo ! Se elle me comprehendesse ! Desbarata a minha fortuna . . . Que importa ! Dar-lhe-ia a vida, se tão pouco bastasse á sua gloria. Se elle me dissesse de uma mulher : « Esta é a que o meu amor elegeu, a que a minh'alma reclama. Preciso do seu amor para os meus versos serem eloquentes, preciso da sua voz para melodia dos meus cantos, preciso do seu olhar para brilho das minhas estancias », eu iria, de joelhos, a essa mulher pedir-lhe o amor e lh'o daria como se elle tivesse sêde e eu só possuisse uma gota d'agua e, a sorrir, expirando, lh'a offereceria. Bem sei que não tenho encantos. Pallida, emmagrecida, só me restam os cabellos louros que elle appellida — soldo outono, e assim, docemente, me vai acostumando com a ideia da morte.

— Morte !

— Parece.

— Porque falas em morrer ?

— Olhe aquella mariposa, minha mãe. Porque

falo em morrer? É elle quem fala. E a sua palavra é tão sonora, tão meiga. Ouvi-la, ainda em melâncolicos dizeres, é uma delicia incomparavel. «Branca, de friq marmore, sobre ella pallidamente alastra o sol do outono. É a que morreu de amor . . . »

— És tu.

— Sou eu. É a unica referencia que já fez á minha miseravel mocidade, á minha pelle branca, aos meus cabellos louros.

— O que me parece, é que estás entrando na loucura, minha filha.

— Na loucura . . . Dizem que é um sonho sem despertar. As almas dos loucos estão sempre dormindo. Se eu na loucura sonhasse que elle, o poeta, era meu, só meu! . . . Se o pudesse sentir sempre, ouvi-lo sempre . . . quizera enlouquecer, mamãi.

— Onde vais ?

— Salvar a mariposa que morre na chamma.

— Como tu. Deixa-a. Já agora é tarde.

— É tarde . . . ! E ainda que eu a salvasse agora, ella voltaria á morte. O mesmo me aconteceria se eu regressasse ao meu quarto de solteira. A luz attrahe. Fascinação . . . Pobresinha . . . ! Mas a luz é tão linda ! Quem diria que a luz mata ? Está chorando, mamãi ? Não chore. Deixe a sua pequenina mariposa morrer extasiada na luz que a



vai matando. É tão linda! É tão linda! É tão linda!

— Minha filha!

*Abraçam-se arrebatadamente e, por entre beijos desesperados e murmurios de amor, as lagrimas rolam, confundindo-se.*

*No globo florejado da arandela a mariposa vasqueja, entreabrindo, entrefechando o resto das azas queimadas.*

## Adeus!

---

- Ah ! minha mãe !
- Que é ? Que tens ? Estou aqui.
- Accenda o gaz ! Accenda o gaz !
- Sim. Mas que foi ? Pesadello ? . . .
- Não ! Qual !
- Então que foi ?
- Lucio . . .
- Que tem ?
- Morreu.
- Que tolice ! Sonhaste. Estás nervosa.
- Não, não foi sonho. Juro-lhe que o vi. Estava acordada, tão acordada como estou agora.
- Que viste ? Estás com as mãos frias. Acalma-te. Teu marido está bem.
- Não ! Digo-lhe, affirmo-lhe que morreu. Eu acabara de rezar, havia apagado a vela e deitara-

me, nem pensava nelle, quando ouvi ranger a porta como se alguém a empurrasse de leve. Voltei-me. Não sou medrosa, mamãi bem sabe. Nada vi, a principio. O coração, porém, como se adivinhasse alguma coisa, entrou a bater precipitado, um arripio corria-me o corpo, os cabellos eriçavam-se-me. Soergui-me e fiquei attenta, á espera, os olhos voltados para a porta, por onde tinha a certeza de que ia entrar alguém. Um instante e logo se fez um clarão como de luar, mas modelado em vulto de homem : uma estatua viva, de marmore luminoso. Adiantou-se vagarosamente, concentrando toda a luz, porque fóra da estranha imagem tudo era treva indistincta. Quiz gritar, fugiu-me a voz. Sentia que meus olhos se abriam como se me repuxassem as palpebras, faltava-me o ar e, no silencio, eu só ouvia as pancadas angustiosas do meu coração. De repente, na luz, já á beira do meu leito, que rangia com o convulso tremor do meu corpo, delineou-se, afigurou-se-me o typo de Lucio — o seu rosto, de uma lividez cadaverica, com um fio de sangue a escorrer-lhe da frente, os olhos sem brilho, muito abertos, numa expressão pasmada de agonia, a boca arroxeadada e contrahida. Ergueu um braço, esticou-o tacteando, e senti-lhe a mão gelada sobre o meu hombro nú e ouvi a sua voz enfraquecida pronunciar o meu nome. Encolhi-me transida, a tremer violentamente, e a luz foi-se extinguindo, apagando, e, com ella,

desappareceu o vulto. Só, então, pude gritar. Juro-lhe que estava acordada. E mais ainda, mamãe, eu contava com alguma desgraça. Bem eu não queria que elle partisse nessa viagem.

— Mas ouve, acalma-te. Se houvesse acontecido alguma coisa já teríamos sabido.

— Não, foi agora. Se alguma desgraça succedeu foi ha pouco. Que horas são ?

— Onze.

— Onze. Não me deixe só. Abra aquella porta. Accenda o gaz da sala. Era elle e está morto. Só os mortos podem apparecer assim. E eu não acreditava ! A casa sentiu-o. Todas as coisas accusaram a sua presença : houve um tremor de espanto em tudo. Não tenho visões, sempre ri dos temores alheios. Quando alguém me falava em aparições, em signaes, eu encolhia os hombros com incredulidade. Pois vi ! vi ! Tão certo como estarmos aqui neste quarto. Vi !

— Os mortos não voltam, minha filha. A saudade é como um fumo que se levanta das fogueiras abafadas ou dos carvões extinctos — é esse fumo que nos apparece afeiçoando fórmias amadas. Dizes que não pensavas nelle . . .

— Não pensava.

— Parece-te. O amor, quando é sincero e intenso, como o teu, é um « estado d'alma », um modo de ser. Sentes, por acaso, o bater do coração ? só

quando attentas, preocupada ; elle, entretanto, não pára. Sentes a vida ? não — e vives ; ouves, respiras, andas naturalmente ; assim amas. O amor está sempre álferta, qualquer cuidado o agita e lá irrompe o fogo e lá se alteia a chamma. Foi o clarão que viste. Não creias em visões de mortos. O corpo que cahe é como a folha que se desprende da arvore e nunca mais torna ao ramo.

— Não crer . . . Como é possível, se vi ! Os olhos podiam enganar-me, mas o contacto da sua mão gelada, o som flébil da sua voz, o seu olhar, o seu todo . . . Não ! Era elle ! As almas communicam-se.

— E queres dizer que elle morreu ?

— Sim, morreu. Esperemos a manhan. Oh ! tenho tanta, tanta certeza da sua morte . . . tanta ! . . .

— Mas não chores.

— Tenha pena de mim, mamãi ! Eramos tão felizes !

— Tu o que estás é agourando teu marido.

— Agourando . . . ! Que valem agouros sobre um cadaver ! Já não é presentimento, mamãi ! é certeza. Se agora o visse entrar vivo, não me convenceria, tão certa estou de que morreu. Só os mortos podem fazer tão longa viagem, através da noite e dos mares, apparecendo e desapparecendo com a pressa com que um relampago alumia. Foi a sua alma.

— Vem para o meu quarto. Estás impressionada.

— E porque hei de eu estar impressionada? Não é a primeira vez que nos apartamos. Para viagens mais longas e de maiores riscos, tem elle partido e, ainda que a saudade me atormente e leve dos meus olhos o somno, nunca, diante delles, appareceu visão alguma, e por que havia de levantar-se agora esse espectro na sombra do meu quarto? Porque? Alguma força o trouxe até aqui.

— Foi a saudade.

— Não, foi a morte. Elle não se quiz apartar para o sempre sem dizer-me adeus! Agora é possível que não torne. Mas que veio, que esteve aqui, juro-lhe, mamãe.

— Eu vou correr a casa.

— Porque?

— Para tranquillisar-te.

— Ah! não, que elle já regressou. A sua demora foi breve, o tempo bastante para a despedida. Não sou uma nervosa, não sou. Vi!

— Pois esperemos que amanheça.

— Eram onze horas?

— Sim, onze horas. Has de vêr que, a essa hora, elle dormia socegradamente. Ainda havemos de rir do teu pavor.

— Não, mamãe, havemos de chorar: nós duas. Elle, não, coitado!

— Mas não chores. Porque has de espalhar as tuas lagrimas sobre um sonho ?

— Que importa ! Se fôr um sonho, ellas viçarão em sorriso e os sorrisos que nascem de taes lagrimas, minha mãe, são como flôres que desabrocham depois de grandes chuvas, a um sol radiante. Se fôr verdade, elle as achará na morte como precursoras da minha eterna saudade. Onze horas ! Lembre-se bem. Mas que terá acontecido, meu Deus !

— Nada. Deita-te, repousa ; e esperemos a manhan.

— As horas de espera ansiosa são como as fêras que brincam vagarosamente com a victima, prolongando-lhe o soffrimento, antes de a devorarem. Esperar a manhan . . . E quando virá a manhan ? Eu devia ter tido mais animo para interrogá-lo, mas o medo tolheu-me toda, fiquei sem acção, retransida ; senti-me como enleada em correntes. Se o houvesse interrogado, elle me teria respondido. Teve pena. Teve pena de mim e foi-se. Que rumor é esse ?

— É o mar.

— O mar . . . Ah ! mamãe ! Um fio de sangue escorria-lhe da frente e as suas mãos estavam frias e humidas, parecendo molhadas. O mar ! . . . Quem sabe ! ?

— Que ?

— Nada. Esperemos a manhan, a triste ma-

nhan. A verdade é que não preciso de outra noticia. Elle nunca me enganou, nunca! e não viria enganar-me tão cruelmente com uma visão de morte.

— Para que te levantas?

| — Para esperar a manhan. A cama atemorisa-me. Olhe! Olhe aqui! aqui no travesseiro. Venha vêr!

— Que é?

— Veja como está molhado.

— Foram as tuas lagrimas.

— As minhas lagrimas . . . Foram as suas mãos, as suas mãos molhadas d'agua do mar. Ah! Lucio . . . Meu querido Lucio! Meu pobre marido! Que morte!

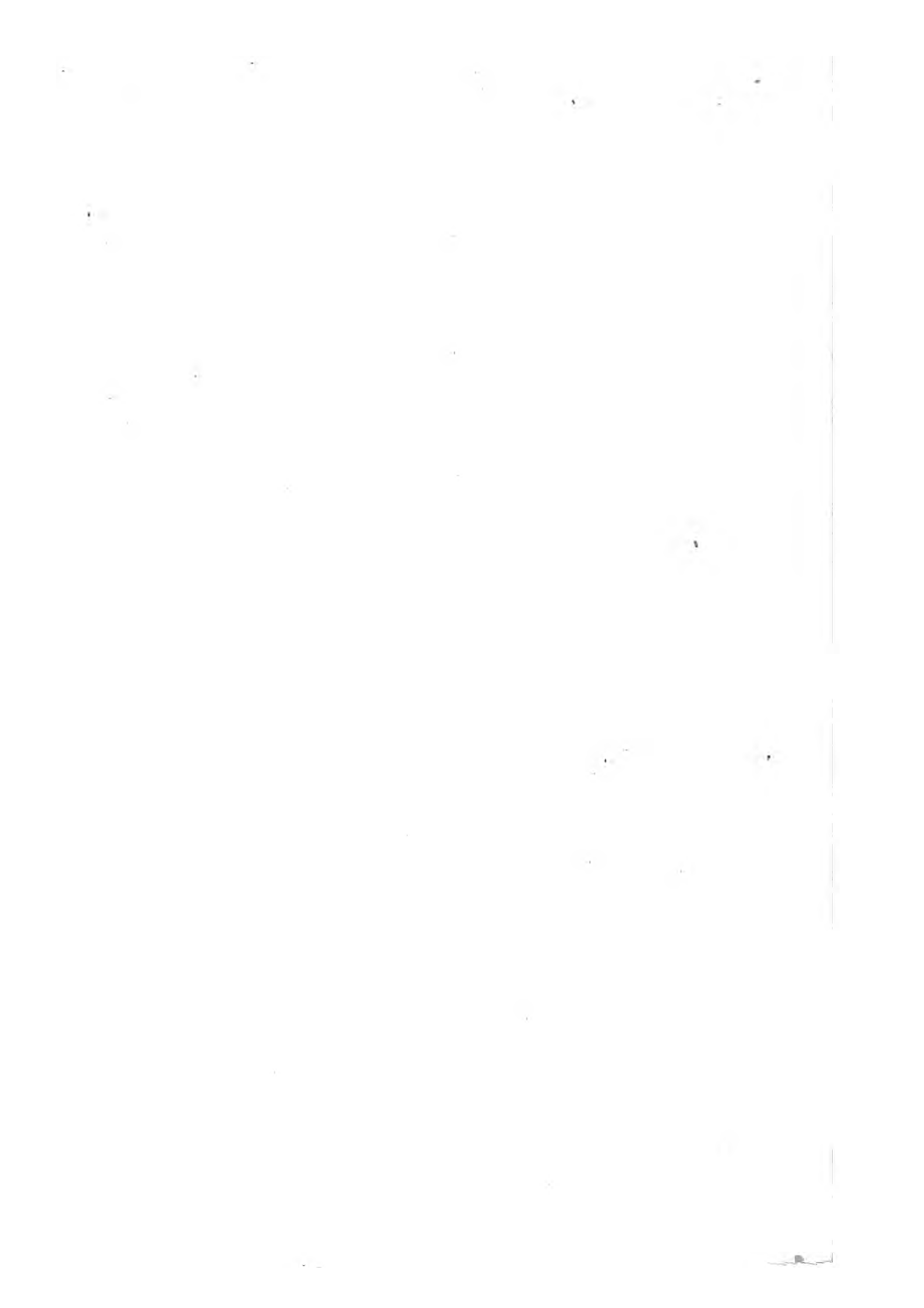
— Pareces louca, minha filha.

— Que morte!

*Levanta-se um grande vento e uiva sinistramente no silencio da noite.*







## Mais forte do que a morte

---

— Ouviste ?

— O que dissestes ? não. Como havia de ouvir se nunca falasteis em minha presença ?

— E como sabes ?

— Os condemnados são mais perspicazes do que os ledores da *buena dicha*. O chiromante inclina-se sobre as linhas das mãos e só através dellas consegue devassar o futuro ; o que está á beira da morte — porque a pedra do sepulcro é como um altar de oraculo — lê nos olhos dos que o fitam, na pallidez dos que o cercam, surprehende no mais ligeiro tremor, no mais fugitivo gesto tudo que se refere á sua sorte nefasta. Desde que o medico me examinou toda esta casa ficou em um ambiente funereo : as vozes, os passos tornaram-se surdos ; de instante a instante sinto que rondam o meu quar-

to, escuto cochichos ; creio até que já ouvi soluços. Illusão, talvez. A que attribuir tão repentina mudança senão ao annuncio tragico de um desastre ? Hontem todos vós sorrieis, cada qual mais apressado em arranjar as peças do enxoval do que vai . . . morrer. Pois não é verdade que meu filho, o nosso filho, está condemnado á morte ?

— É preciso, meu amor. Resignemo-nos. Não se ha de sacrificar a arvore para colher uma flôr.

— Enganas-te. Se é para salvar-me que premeditam esse crime hediondo, deixem-me morrer. Não quero a vida por tal preço. O seio materno é um nucleo de fecundidade e não um páteo de manança. Não consinto em um assassinio dentro de mim. O medico faz questão de uma victima, offereço-lhe outra. Meu filho, tão pequenino ! quero eu mesma levá-lo á presença de Deus. Não falemos mais nisso. Oh ! o horror ! Saber que um homem entra armado pela minha ternura para ferir de morte o encanto da minh'alma. Dize : acreditas que haja uma mulher que céve, durante nove mezes, com o seu amor, um filho para o entregar ao carrasco ? Desde que o senti vivo em mim nunca mais pensei em outra ventura senão naquella que agora se muda em catastrophe. Todo o meu corpo está preparado para recebê-lo e ha de a alma assistir, impassivel, á carnificina ? Não. Ficarei com os seios turgidos, cheios de leite, para esvasiá-los em

uma pequenina tumba ; com os labios cheios de beijos que voarão sem destino como aves que perderam o ninho : com a alma devastada e cheia de remorsos ? Não ! É melhor que se cumpra sobre ambos a lei da morte. Demais — somos ainda um só sêr, como nos havemos de separar ? A mãe deve acompanhar seu filho. A porta que nos mostram é a entrada do tumulo — irei por ella.

— Mas, meu amor, tu não podes pensar unicamente no filho, que ainda não conheces : é um egoismo ingrato. Lembra-te de mim. Queres deixar-me só ?

— Não ha egoismo no meu procedimento : cumpro o meu dever. Bem me pareceu que conspiraveis. Quando me propuzestes o chloroformio logo suspeitei que pretendieis afastar de mim a consciencia para que ella não se oppuzesse ao crime. Presa na inercia que poderia eu fazer contra o sabio que se compromettera a resgatar a minha vida atirando á morte, como refem, os tassalhos de meu filho, o pequenino ente que desabrochou em meu collo e nelle tem-se por defendido contra todas as perversidades ? Foi para proteger a fraqueza que Deus fez o amor. Que castigo mereceria aquelle a quem fôsse confiado um thesouro e que, á primeira ameaça, o entregasse a assaltantes ? O filho é um deposito de Deus e a minha vida ainda é pouca para defender tal penhor. Soffrerei todas as dôres, to-

das ! mas álferta para salvaguardar o que se gerou em mim e só a morte fará com que me não opponha ao assassinio. Dá-me a tua mão, aqui . . . Sentes ? Não parece que o pobresinho se debate prevendo o fim que lhe reservam ? Tens animo ? São dois pedacos da nossa alma que se fundiram, é o symbolo da nossa alliança que vai ser sacrificado, é contra o nosso amor que conspiram.

— Que tens ?

— Onde está o medico ?

— Queres que o chame ?

— Sim. E vai, deixa-me com elle. É o transe. É possível que tenhas a coragem fria de Jason ! Eu é que não tenho a alma indifferente de Medéa para espostejar um filho. Vai ! Manda o medico. Com elle é que me hei de entender.

.....

— Então, minha senhora ?

— Ás ordens, doutor.

— Quer alguma coisa ?

— Sim, uma graça. Os que vão morrer têm direito a um pedido que se lhes não nega.

— Os que vão morrer . . . ?

— Sim. Não procure occultar-me a verdade. Conheço-a.

— A senhora ? Quem lhe disse ?

— O coração. O coração disse-me tudo. O que lhe peço, doutor, é que salve meu filho.

— Mas . . .

— Não insista. É preciso uma victima, não é verdade ? Aqui estou eu. Chloroformio ? Não ! — Deixe-me morrer como quem parte : d'olhos abertos, vendo desapparecer, pouco a pouco, a terra adorada. É para supprimir a dôr ? Mas a dôr é um rhytmo e uma força. Quem sabe ? é até possivel que ella concorra para o milagre com que a sciencia não conta. Tenha animo, doutor. Eu sorrio, vê ? E meu marido ?

— Quer que o chame ?

— Não ! Não ! É necessario que eu seja toda de meu filho. Não quero, de modo algum, enfraquecer neste passo.

— Tenha coragem.

— Coragem ? ! Tenho mais do que coragem, doutor : tenho fé. Não se preocupe commigo. Ah ! doutor ! . . . realmente.

— Sofre ?

— Sim, mas bemdiria o soffrimento se me não houvessem entrevecido o horizonte em que eu tinha os olhos. Oh ! a esperanza. Não se preocupe commigo : sou como um pouco de terra, lembre-se apenas da planta que deve ser arrancada sem que as raizes se resintam. Ah ! doutor, o que faz medo é a ideia da morte, é o brilho frio d'arma na mão do assassino . . . o golpe, esse . . . Parece que estão a mexer no gaz : a luz treme, vasqueja, andam som-

bras pelas paredes. Ah! minha mãe! Que devo fazer? diga...

— Tenha coragem! Quem sabe! Parece que a Providencia vem em nosso auxilio.

— Que mais coragem quer o doutor de uma mulher sobre a qual, além de tantas e tão cruciantes dôres, paira a ideia da morte inevitavel? Eu estou como em um patibulo... em um patibulo...

— Mas não é por seu gosto? Não quer salvar seu filho? Não disse que daria a vida por elle?

— Sim, disse, repito... morrerei repetindo. E se eu não resistir, salve-o depressa, tire-o da morte antes que o frio do meu cadaver o regele. Oh! as minhas imaginações! Flôr de um tumulo! Fogo fatuo... É horrivel! doutor.

— Tenha animo. Deus está connosco.

— Deus...!

— Sim.

— Como custa! Parece que me estão retalhando. Oh! as raizes da vida...! Doutor! Doutor! Pelo amor de Deus! Fique perto de mim, não me abandone. Assim... Olhe, não se preocupe commigo, deixe-me gemer. O gemido é o som do soffrimento. Se pudesse imaginar como estou soffrendo! As lagrimas saltam-me dos olhos... e súo frio. Parece que todo o meu corpo chora de dôr, todos os poros marejam.

— Vamos, tenha coragem. Tem sido tão forte até agora. Lembre-se d'elle.

— Elle ? Oh ! bem o doutor dizia : é a morte. É a . . . morte . . .

— Não ! Coragem ! É a vida !

— Oh !

.....

— Então, meu amigo ?

— Ah ! é o senhor ? Parabens : ambos vivos. Não, não me agradeça : nada fiz. Para mim era um caso perdido.

— Mas então . . . ?

— Então ? Que quer ? O medico fia-se apenas na sciencia, não conta com imprevistos, e aqui . . . foi o amor, só o amor que triumphou. Foi ella. Agradeça-lhe.

*O marido ajoelha-se junto ao leito e, sem conter as lagrimas, põe-se a beijar allucinadamente a mão fria da esposa, que sorri com expressão soffredora. Subito, um forte, agudissimo choro enche alegremente de um som de vida a camara onde, minutos antes, a morte pairava sinistra.*





## Remorso

---

— Oh ! És tu ? Vieste vêr-me. Mas como estás fria e tremula ! Não chores, minha boa Luiza. Não me queres abraçar ? Porque ? Tens medo ?

— Miseravel !

— Que ! ? Que é que dizes ?

— Sim, teu marido !

— Miseravel ! Porque ? Mas que tens ?

— Pois não sentes ?

— Que ? Não te entendo. Tens alguma coisa a dizer-me ? Que te fez elle ?

— É um infame !

— Meu marido . . . ? !

— Vês o meu desalinho ? Sahi de casa como estava. Vim, como uma doida, por essas ruas. Elle mandou dizer á mamãi que estavas passando mal, que pediras confissão.

— É verdade, pedi. E é, então, por isso que o injurias ?

— Não.

— Então porque é ? Fala.

— Que disse o medico ?

— O medico . . . Que havia de dizer ? Queres alguma coisa ?

— Os teus remedios. Onde estão ?

— Por ahi.

— Não tens sentido sabor estranho na agua, no leite que bebes, nos alimentos que te dão, nos remedios ? . . .

— Não. Porque ?

— Porque . . . Oh ! o vil ! E eu que pensei que eram palavras de louco. Tu foste envenenada.

— Envenenada ! Eu ! Como ?

— Sim, envenenada por elle.

— Elle !

— Teu marido.

— Eu ! Tu estás doida, minha pobre Luiza. Mas meu Deus ! . . . Envenenada por meu marido ? Não é possível ! E minhas filhas ? ! Mas fala ! Tu sabes alguma coisa. Que é ? soubeste ? Quem te disse ? Elle ! ?

— Sim. Perdoa-me !

— Perdoar-te . . . A ti ? Porque ? Não te comprehendo. Estarás falando commigo ? Luiza, minha irman ! . . . Luiza !

— Que é ?

— És tu ? És tu mesma, Luiza ? Fala ! Não será delirio ? Que disseste ?

— A verdade.

— A verdade ? Então meu marido . . . ? E és tu que me pedes perdão ? Ajoelhas-te ! Porque te ajoelhas ?

— Não vim aqui senão para que me amaldiçoês . . . e para denunciá-lo. Ah ! se eu pudesse salvar-te !

— Salvar-me . . . ! Que será isto, meu Deus ? ! Mas então, tu ? . . .

— Eu ! eu, sim . . . tua irman. Elle propoz-me envenenar-te.

— Envenenar-me ? Porque ? Que fiz eu ? Com que fim ? dize.

— Para casar-se commigo.

— Comtigo ! Tu ! Elle, então, foi teu amante ? Foi ! Oh ! a minha agoniã . . . ! Que fim de vida ! Minhas filhas . . . Era então por ti que elle me deixava. Era por ti que elle me torturava com a mais cruel indiferença que jámais regelou coração humano. Era por ti . . . ? E tu . . . Oh ! Luiza . . . ! Minha irman ! Mas fala.

— Que te hei de dizer ?

— Foi teu amante ?

— Foi.

— Teu amante . . . E ainda é ?

— Não.

— Se-lo-á de novo, quando eu morrer : amanha. Teu amante . . . teu marido ! E eu envenenada ! Envenenada ! Oh ! as chammas que me abrasam ! a sêde horrivel ! . . . E eu a calumniar a febre. E tu, minha irman, como podias acolher entre os braços ao homem que se apartava de mim ? Não sentias, nos beijos que lhe davas, o sabor dos meus labios ? Luiza ! . . . E fomos geradas no mesmo ventre, mãmos o mesmo leite, recebemos a mesma benção, crescemos juntas no mesmo regaço. E foste tu . . . Não chores. Oh ! o incendio que me consome . . . ! É o veneno. Veneno ! E . . . era em casa que vos encontraveis ?

— Não.

— Ah ! antes assim, ao menos respeitaveis a pobre velha. E elle envenenou-me para possuir-te toda e livre. Cruel ! atira-me ao tumulo como uma coisa inutil. Oh ! o coração dos máus . . . não ha féra que o valha. E minhas filhas ? Como foi ?

— Não sei. És mulher, mulher virtuosa, mas, em todo o caso, mulher.

— Sim.

— E culpada . . .

— Eu ! culpada ! ? de me trahires . . . ?

— Sim : facilitavas de mais a intimidade entre nós.

— Mas não és tu minha irman ? Elle não é o

meu marido ? Havia de injuriar-vos com a suspeita de um crime que, ainda depois de confessado, me parece impossível ? Não !

— Deixavas-nos sós.

— Uma mulher de brio nunca está só contra a infamia. Emfim . . . Dá-me agua.

— Não ! Não ! Deixa-me estar.

— Tens medo de mim ?

— Medo ? não, já o não tenho, de ninguem e de nada. Dizias . . . Dizias que . . .

— Teu marido era de um cuidado, de uma meiguice que me captivavam sem, entretanto, denunciarem a sua intenção perversa. Sempre o tive por um irmão. Uma noite — conversavamos no jardim — notei certo tremor nas suas palavras : seu halito queimava-me o rosto. Tomou-me as mãos e, de repente, sem que eu me pudesse defender, beijou-me. Ergui-me revoltada, com as faces em fogo, os olhos cheios de lagrimas. Quiz denunciá-lo, mas elle ameaçou-me com o escandalo. Tive medo. Desde então esquivei-me.

— É horrivel ! E elle ?

— Quando vocês foram lá para casa, depois da morte do pequeno, uma noite elle entrou no meu quarto.

— Tu o viste entrar ?

— Não. Acordei com os seus beijos.

— Espera . . .

— Que tens ?

— É a vida. E eu quero ouvir tudo, tudo! Um instante. É a labareda que sobe. Acordaste . . . Continua. E depois ? O medo do escandalo tolheu-te, não foi ? E na noite seguinte ? Que miseria ! E depois ?

— Fiquei como fascinada por esse homem. Alguma coisa elle deu-me, porque o amei como nunca pensei que se pudesse amar. Desejava-o com furia, ardia em ciumes.

— De mim, naturalmente.

— Não minto.

— E elle ?

— Propoz-me envenenar-te. Não liguei importancia ás suas palavras, porque nunca suppuz que um homem fôsse capaz de tamanha infamia.

— Com a sua mulher, a mãe dos seus filhos. E agora ?

— Agora . . . Pois não estou aqui accusando-me e denunciando-o ?

— E que queres que eu faça ?

— Quero que saias !

— Ainda não veiu o caixão.

— Não ! viva ! viva, minha irman. Quero que fujas desse' monstro.

— Queres que eu fuja ? Não é preciso : irei docemente e tu virás, sem escandalo, para o lugar que conquistaste. Para salvar-me é tarde. Elle é um bello

homem ; quanto á alma, essa tu a conheces melhor do que eu. Lindo casal . . . minha irman e meu marido. Olha, vais ser madraستا das minhas filhas. Queres fazer-me um favor ? Nada se nega aos que vão morrer, sabes disso, não ? Pois envenena-as. É melhor que morram sem longa tortura : o veneno é rapido, o máu trato é lento. E ellas são tão pequeninas . . . com qualquer coisa . . .

— E não me perdôas ? Vim confessar-te tudo.

— Perdoar-te ? Não é possivel. O proprio Deus não perdoaria um crime que vale por tantas mortes. Não te posso perdoar, não por mim : por minhas filhas. Levarei para o tumulto o meu odio de mãi. Tremes ? Julgas, talvez, que te vou denunciar aos homens ? Ai de mim — sou uma prisioneira da morte. E nem ao padre que me vier confessar revelarei tamanho horror, para que elle não o communique a Deus. E procederei assim por amor de minhas filhas. Não quero que a infamia as attinja. Levanta-te. E mamãi ? Mata-a tambem. Ficarás livre della e senhora de toda a fortuna. Despojas, a um tempo, dois cadaveres — um, deixa-te o oiro ; outro, deixa-te o marido. Para matares a pobre velha, nem precisas de veneno — basta que lhe contes a horrivel tragedia lasciva. E eu ! Vinte e seis annos... duas filhas pequeninas. Mas vem cá . . . Que encanto tens tu para seduzir, até á loucura criminosa, a um homem tão frio ? Se eu te pudesse vêr núa...



talvez lhe perdoasse, a elle. A ti, não. Que encantos terás no corpo? Não me lembro de os ter visto. Teus olhos . . . a tua boca. Começa o abraçamento! Olha para mim e rejubila. Está por pouco. Deve ser-te agradável o meu sofrimento, visto que ajudaste a atear a fogueira que me consome. Manda chamar mamãe. Não temas : serei discreta como tu, para evitar o escandalo. Oh ! o horroroso, o infame adulterio ! Minha irman ! É como se a minha propria carne, eu mesma, me trahisse — um seio contra outro seio, a mão esquerda decepando a mão direita. Alguem que sahisse a contar a agonia da minha ultima hora seria tomado por louco. Crime inverosimil ! E quem te trouxe á minha cabeceira ?

— Ninguem.

— Chama-lhe remorso. Sinto que vou morrer. Minhas filhas . . . ! Chama-as ! Quero abençoá-las. Misericordia divina ! Eu morro de horror ! de horror ! Ainda que me sobrassem forças para denunciar-te e a elle, quem me acreditaria ? O crime é sobrenatural. Envenenada . . . Quem sabe se o que chamas veneno não é essa infamia com que me torturas ? E póde haver outro que se lhe compare ? Não ! A envenenadora és tu ! Tu é que me matas, tu, minha irman, amante do meu marido. Oh ! o teu ciume devora-me o coração, queima-o ! Eu morro ! Chama as crianças. Que falta de ar . . . !

Está tudo abafado. Escurece. Acudam-me ! Deram-me fogo ! Deram-me fogo ! Deram-me . . .

*Soergue-se em ansia convulsa, debate-se, estertora e tomba no leito de olhos assombrados, mãos crispadas, a boca em retorcido hiato.*

*A irman, que se conserva de joelhos, abate sobre os calcanhares, pallida, um suor frio a escorrer-lhe da fronte, os dentes cerrados em trismo, os braços rigidos, retesos como em repulsa de horror.*



## Depois do baile

---

— Que razões tem o senhor para andar suspeito ? Julga que não percebo as ciladas que me arma, os lances a que me atira, as provas a que me submette ? O seu ciume nivela-me com as mais aviltadas, degrada-me ao que ha de mais torpe. Se me concentro, entra o senhor a fazer conjecturas sobre o meu silencio, achando nelle cuidados de amor ; se appareço risonha, os meus sorrisos provocam ironias, porque, a seu vêr, são expressões da alegria impudica, o alvoroço da minha desfaçatez. Ou sou a zelosa que se remorde de despeito, a impura que premedita o passo para a depravação, ou a dissoluta que rejubila com o antegoso do instante deshonesto ou rumina o prazer de uma aventura lasciva. Diga-me : como lhe hei de apparecer, que mascara hei de afivelar ao rosto para que me não traga sempre sob o

obstinado insulto do seu olhar ? Suspeita. Mas a suspeita infama. O que suspeita é como o covarde que não avança, mas injuría de longe, á traição. A suspeita é uma calúnia do pensamento, não se traduz em palavras, mas a todo o instante manifesta-se em olhares que affrontam, em passos que acalcanham, em gestos que deprimem. E com quem me suspeita o senhor ? com o Ciume. Que é o ciume, emfim ?

-- É a prova maxima do amor.

— Como se engana ! A prova maxima do amor é a confiança. O ciume é sempre humilhante — para a mulher que é vigiada por elle e para o homem que o traz constantemente alarmado no espirito. Os orientaes personificam o Ciume no enucho e o senhor . . .

— Ris . . . ?

— Sim, rio. Faço mal ? Ouça-me. Foi por considerá-lo um homem perfeito que o aceitei como esposo. Se o senhor julga-me capaz de trahi-lo é porque me tem por libidinosa ou porque se considera inferior aos que me cortejam.

— Não.

— Não ? !

— Nunca pensei em traição. Sei que és virtuosa.

— Então porque me infama na intimidade ?

— Porque . . .

— Sim, deve haver um motivo.

— É que sou um avarento do teu amor, de ti.

— Ah ! um avarento . . .

— Sim. O avarento passa a vida contando as suas moedas. Qualquer rumor sobressalta-o, fá-lo deixar a cama, ir, a tremer, examinar o cofre, contar, recontar a riqueza. Volta a deitar-se, mas, de novo, só com ouvir as pancadas do coração medroso, torna ao exame e, ainda que viva encerrado em uma torre de ferro, pensará sempre em ladrões. Não é pela vida que soffre, mas pela moeda. Não é também pela minha honra, confiada á tua virtude, que me atormento, é por ti, por ti ! não sei... É pelos teus olhos, é pelos teus cabellos, é por tudo que é teu : pelo teu sorriso, entendes ? pela tua voz, pelo rumor voluptuoso que fazem os teus vestidos, pelo aroma que fica no ar quando passas, pela tua sombra. Sou um infeliz, reconheço. És bella. Sinto que os homens que se aproximam de ti ficam fascinados. Tu domina-los como me dominaste a mim. É porque conheço o teu prestigio que soffro e temo.

— Temes ! ?

— Sim, temo.

— Que me impressione por alguém ?

— Não : que alguém se impressione de ti.

— E que tem isso ?

— Que tem ! ? Viverás no pensamento de outrem, andarás em outra alma. Serás a vida de outro coração.

— Mas assim, meu amigo, nem a morte me libertará do seu Ciume, porque poderei ficar na saudade desse alguém contra o qual o senhor açula todos os seus zelos. Tranquillise-se, não queira afuroar o imaginario. Ninguem conspurca uma mulher pensando nella, como não se macúla uma flôr sentindo-lhe o perfume. Que importa que eu ande no pensamento de outrem ? Sou bella, a belleza é um bem. Contempla-se um rosto lindo como se contempla um astro ; pensa-se em uma mulher formosa como se recorda uma noite de luar, uma paizagem que nos impressionou, a voz melodiosa dum passaro, uma obra d'arte.

— Tu não conheces os homens.

— Que fazem elles ? Serão, por acaso, como esse animal lendario, o catóblepas, que matava com a vista ? depravam só com o pensamento ?

— Sim.

— Não creio. Ninguem mancha um raio de sol, ainda que lhe atire em cima toda a lama de um charco, e uma lembrança é mais immaterial do que a luz. E que infamem ! O que não posso permittir é que o senhor continúe a duvidar de mim. Sou pura, e não é justo que ande sempre ferida pelas laminas do seu olhar afiado em desconfiança, sentindo a ronda surda dos seus passos, encontrando vestigios das suas buscas precipitadas nos escaninhos mais intimos dos moveis da minha camara. Condemna a

minha vaidade, acha que me preocupo demais com a minha belleza . . . Ah ! meu amigo, não ha corpo sem sombra, como não ha qualidade sem defeito. E sejamos coerentes : se o senhor visitasse um millionario ou um artista proclamado e encontrasse o primeiro vestido de grosseiro bragal e o segundo arrastando chinelas rotas, entre livros empoeirados e telas denegridas, que diria ? Encolhe os hombros ! Não lhes perdoaria a avareza e o desmazelo. Dá-se o mesmo com a belleza — uma mulher bella está sempre em evidencia, tem obrigação de apresentar-se digna da sua belleza e apposta para os olhos que a admiram : deve emoldurar-se . . . dahi a entregar-se vai muito. E creia-me : a vaidade feminina, quando resulta da belleza, é um estímulo á virtude.

— Parece-te.

— Affirmo-lhe que o é. Qual é o ideal da mulher bella ? impôr-se pelos seus encantos, dominar pelo esplendor e não se deixar vencer pelo primeiro galanteio, desvendando-se á seducção. Demais, o ciúme é tão material, tão mesquinho . . . Porque não pensam os homens em prender a alma da esposa e só cuidam, ciosamente, em monopolisar-lhe o corpo ? Presa a alma, que é a séde do sentimento, o corpo será sempre um captivo. Mas não, o que os homens fazem é justamente o contrario : pensam no corpo e esquecem-se da alma. Sensualismo.

— Dizes . . . ?



— Sensualismo, puro e exclusivo sensualismo ao qual nós outras, escravas, havemos de corresponder com . . . a humilhação. Não é com vigilância, com ameaças, com desatinos e affrontas que o homem se ha de impôr á mulher, mas com o amor, que é, para nós, um sentimento e para os senhores uma sensação. Faça-se o homem amar e terá sempre a fidelidade d'alma, que é a garantia da pureza do corpo. Com o ciume . . . Ah! meu amigo, os eunuchos — e são numerosos e ferozes — postados em todas as passagens dos harens, não conseguem garantir-lhes a inviolabilidade. A belleza é como a luz — de todos e sem senhor : brilha, aclara, aquece e é livre e pura. Que receia de mim ? que me profane ? sou orgulhosa bastante para o não fazer. Meu coração pertence-lhe. Galanteios . . . O senhor já viu no espaço o rastro do vôo de um passaro ? não. Assim pelo espirito da mulher honesta passam os louvores lisonjeiros — aves transitorias que não deixam sulco em caminho. Porque me fita ? Que busca em meus olhos ?

— Tua alma !

— Minh'alma . . . É a primeira vez que a procura. Pois sempre lhe digo que ella existe. Sente-a ?

— Sinto-a !

*Beijos. A brisa respira perfumando a camara e pelas rexas da janella entram indiscretamente alvos filões de luar.*

## Astros mortos

---

— Abre ! Abre todas as janellas. Este cheiro fenereo embriaga-me de melancolia. Eu estou como alguém que houvesse bebido lagrimas. Abre ! Abre as janellas. Que noite linda ! Parece feita de gaze. Meu pobre filho ! Só agora comprehendo o que uma vez me disseste : que ha no céu astros mortos, cuja luz ainda nos alumia. Luz espectral, como a saudade. Apagaram-se, mas a distancia é tão longa dos nossos olhos aos seus corpos extinctos que o derradeiro esplendor, o ultimo vasquejo dos moribundos só, talvez, daqui a seculos chegue á terra, quando já dos cadaveres não existirem no espaço mais do que gélicos fragmentos.

Astros mortos . . . O coração é como o cemite-rio do céu. Ha noites estrelladas de aparições. E quantas criaturas vivem de reminiscencias ? ! Meu

filho ! Acreditas que ainda o sinto ? Meus peitos vasam, transbordam ; parece que uma boca os está sugando de leve. É como se eu amamentasse em sonho. Meus braços ainda não perderam a doce sensação do peso do seu corpo. Tenho pena de mim !

— E eu ? Achas que não soffro ?

— Tu ? Tu és homem, sahes. Tens os negocios, o tumulto da vida, podes respirar desafogadamente. Eu, não ; fico em casa como alguém que soffresse, em ansias, a asphyxia, debatendo-se, sem poder subir á tona da vaga. Toda a casa conserva a sua lembrança, repára : é o suave rumor dos seus passos incertos, é a alegria dos seus gritos, é a luz dos seus cabellinhos de oiro, é o brilho azul dos seus olhos risonhos. Não sentes ? Que ha de ser de mim ! E dize : viste a cova ? Sabes onde é ?

— É perto de uma mangueira, entre rosas.

— Mas, meu Deus ! Terá elle morrido ! Quem sabe ! Quando o beijei estava ainda quente e as suas arterias pulsavam.

— Ilusão.

— Quem sabe ? O somno das crianças é tão pesado . . . E se elle foi apenas adormecido ? Se acordar ? ! Estou a vê-lo, muito afflicto, agitando-se, chorando no fundo da cova, entre as táboas do caixão estreito, a chamar-me. Já deu todo o ar que ainda lhe restava, fez com elle um grito que

morreu no sepulcro. Oh! a angustia! a angustia!  
Se foi vivo . . . !

— Não penses nisso. Vamos entrar. A noite está fria.

— Fria, muito fria. E tão branca! Uma noite amortalhada. E tantas estrellas! Quem sabe! Talvez não haja uma só viva. Este silencio é proprio da morte. Só a morte é calada.

— Mas entra.

— Deixa-me. Já que não posso vêr o cemiterio em que elle dorme, deixa-me olhar o cemiterio das estrellas. Ha algumas tão pequeninas . . .

— Não chores.

— Que tem que eu chore? A noite tambem chora, talvez pelos astros mortos cuja luz conserva. Ah! meu amigo, o que se deu no cemiterio deu-se tambem no meu coração. Que fazem os homens quando têm de sepultar um corpo? abrem uma cova tirando a terra ás pasadas. Eu tinha uma saudade a guardar e abri uma cova no coração tirando lagrimas. Onde havia uma fonte, ha hoje um sepulcro. O espaço ainda é pequenino, ainda ha pranto. Deixa-me chorar.

— Precisas sahir daqui. Iremos amanha . . .

— Para onde? Que lugar haverá na terra onde eu chegue que não me fale immediatamente de meu filho? Se fôrmos por mar, as vagas e os ventos me perguntarão por elle. Nas cidades os outros peque-

nitos olhar-me-ão com surpresa por me verem só. Se nos aprofundarmos nos desertos, o proprio silencio ha de interrogar-me. A casa . . . não a culpes. Ella não faz mais que lembrar ; eu sinto. A palavra está nas letras da escripta ? não, as letras recordam-na apenas, são symbolos : a palavra está em nós. Quem fala não se preoccupa com os livros, os livros são edificios do pensamento, só entendidos por quem tem intelligencia para os entender. Assim a casa. Põe aqui um indifferente e elle ficará como um analphabeto diante de um thesouro de sabedoria. Se me commovo é porque sinto o triste poema que está espalhado pela casa, recordações immorredouras que a minha saudade decifra. Ainda que partamos eu as levarei de cór. A casa ficará como dantes e os que a vierem habitar nunca se aperceberão de que nella morreu uma criança. Se queres que eu não soffra faz-me esquecer, expunge-me d'alma a lembrança, allivia-me da saudade immortal. Mudar-me. Não ! Aqui, ao menos, viverei com as recordações, que são os echos que ficam na memoria. Andarei a recolher reliquias pelos cantos, como uma respigadeira funérea. Sahir ! para que ? Não ! Hei de resignar-me, mas sem covardia. Deixar a casa é abandonar o que me resta, na terra, do meu querido filho. Isso não. Tu depressa o vais esquecendo, já o tens até por um intruso incommodo e queres despedi-lo da nossa companhia — para

que não nos perturbe com a sua lembrança. Oh! os pais! os pais... Eu tenho-o ainda por meu filho. Que importa que a morte m'o tenha roubado para dá-lo á terra? Ella cobre-se de rosas e ufana-se de o ter frio e inerte nos braços, eu ficarei como a verdadeira mãe ficou diante de Salomão, sempre em lagrimas, sempre! Se sentisses o que eu sinto! A luz dos astros mortos... Não foste tu que me falaste nella? Estrellas que pereceram ha mais de cem annos, cujo brilho feral ainda nos encanta? Não foste tu mesmo que me contast' esta triste ballada, cuja verdade a tua sciencia demonstra? Se tal facto se dá com a luz das estrellas, não é muito que se repita com o amor. Astros mortos... Deve haver alguns entre milhares que brilham. Se m'os pudesses mostrar... Não sou eu a unica sofredora, a propria Natureza tem os seus defuntos e chora-os. Chora-os e Deus deixa-a chorar. Não me tires daqui. Se sentes frio — e tens razão: — a noite parece forrada de neve — recolhe-te e deixa-me. Fico á espera do somno. O somno é a filtração da noite: entra-nos pelos olhos, como o sol atravessa os vidros de uma janella. O sol alumia, o somno escurece e eu, para repousar, preciso de sombra, muita sombra que abafe, em esquecimento, a angustia de minh'alma. Sinto-me tão só! A casa parece-me um deserto. Vim para a noite imaginando distrahir-me e só penso no que me disseste sobre

os astros mortos. Os astros mortos . . . ! Que tristeza !

— É uma consolação. Tu mesma disseste que a propria Natureza tem os seus defuntos, e temos. Estás na terra, que é uma sepultura, contemplando o céu, que é um cemiterio d'astros. Vês a morte em tudo, a Morte é o ambiente. Não és tu a unica soffredora. Se fôsse dado a todos os sêres e a todas as coisas chorar os seus mortos, a terra e o céu constantemente atroariam gemidos, emtanto a Natureza é impassivel — o silencio governa o universo. Resigna-te. A arvore dá apenas uma lagrima quando se despede da folha que o vendaval arranca — porque a lagrima é sangue.

— Sangue purificado no coração. Quem me dêra poder chorar bastante, fundir-me em pranto. O que me afflige justamente é chorar tão pouco, quasi não chorar. A dôr entrou-me no peito como um estylete, tirando apenas uma gota de lagrima, mas no interior tudo está devastado : sinto a morte latente, a agonia torturante da morte. Oh ! meu Deus, não vê-lo mais ! Como te invejo, noite, que conservas, durante tanto tempo, a luz dos teus astros finados. Como te invejo ! Ai ! de mim, vejo apenas o deserto : um berço vasio a lembrar-me a cova, o berço onde elle sorria, onde brincava . . . lareira de minh'alma em que ardiam aquelles cabellos louros, em que seintillavam aquelles olhos azues, cheios de céu.

Um berço vasio ! . . . E fui mãe ! Tive um filho que já me estendia os braços, que já ensaiava o meu nome na pequenina boca, que me sorria e tudo isso, meu Deus, tudo isso a febre consumiu, um fogo máu levou. Debalde chorei sobre o corpinho amado que ardía, mas para o incendio da morte nem toda a agua do mar seria bastante. Oh ! Deus . . . Deus ! Quando mandais a Morte a uma criança nada dizeis a vossa Mãe. Se Nossa Senhora soubesse, mãe alguma choraria na terra e jámais os olhos teriam o triste espectáculo de um berço despojado, como o pequenino que ali está. Astros mortos . . . Astros mortos . . . a luz da saudade.

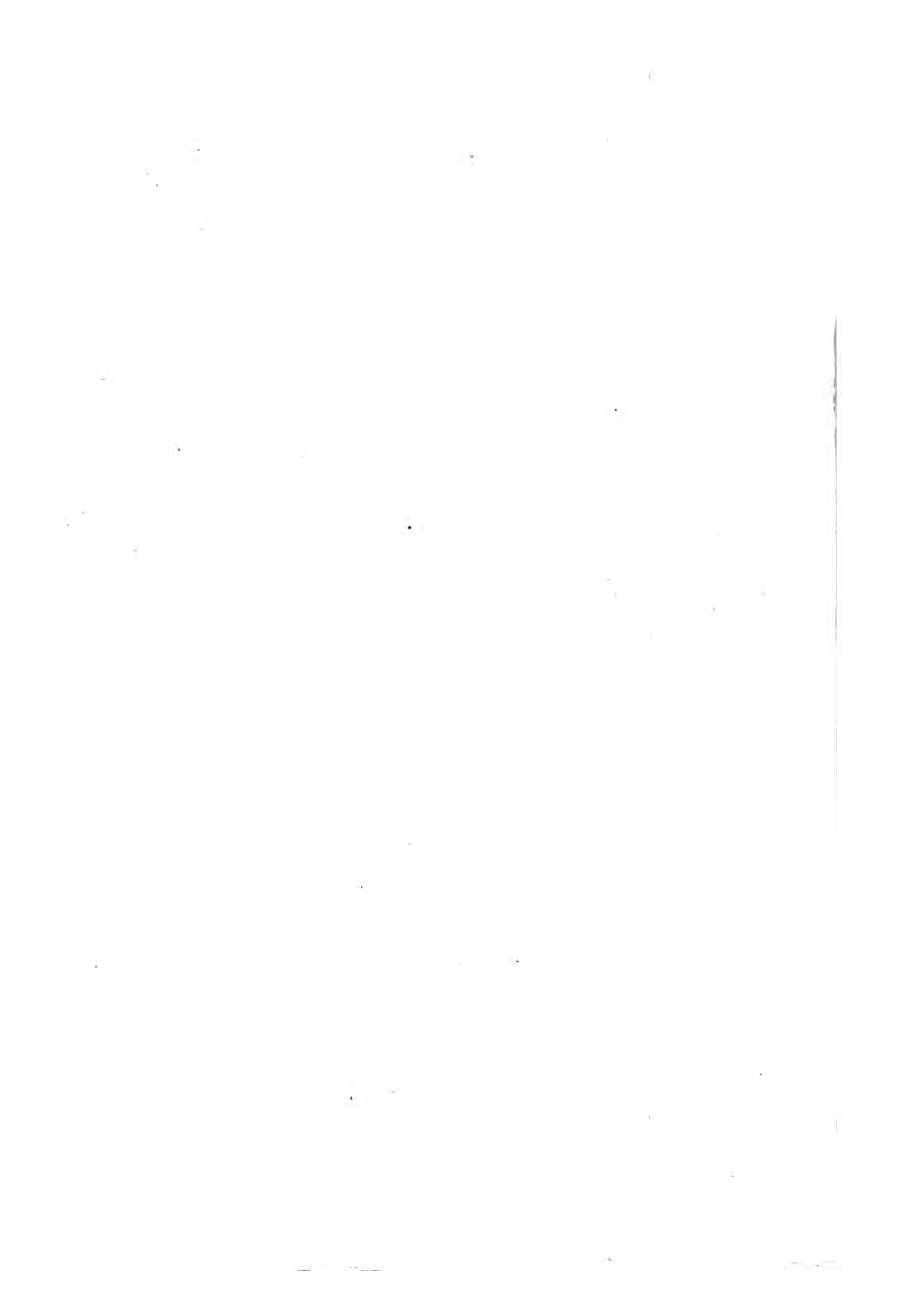
— Chora. Chora. O pranto é a sangria d'alma.

— Tão só ! E que noite ! Que linda noite ! Lembra-te como elle ficava contente e pedia para vêr a lua em noites de luar ? E olha . . . Olha a lua como vai devagarinho para o seu berço. Vai procurá-lo, coitada ! Que é isto ? Que gemido é este ? Quem estará gemendo assim ?

— Nada. É lá fóra ao luar.

*Longamente, á distancia, um cão uiva, lúgubre. A misera recua da janella, pallida, a tremer. Fita os olhos no berço que o luar illumina e, subito, levando as mãos ao rosto, rompe a chorar desesperadamente.*





## In extremis

---

— Está tudo acabado, meu amigo. Se ainda estou resistindo, é porque os filhos detêm-me á beira do tumulto. É a saudade que me prende á vida. São elles, os pequeninos, que me não deixam fechar os olhos. O corpo está consumido ; o coração bate dentro de um esqueleto, coando um resto de sangue dessorado, que mal chega para manter accesa a luz dos olhos.

E ha quem negue a immortalidade da alma ! Estou fria, gelada, inerte . . . e falo, e vejo, e choro. Pobresinhos ! Minh'alma não se atreve a partir, já não habita a morada destruida, mas ronda-a como aquelle que se despede de um sitio amado e, sem animo de apartar-se, procura pretextos para prolongar a demora.

Dá-me a tua mão. Vês como estou fria ? E tu . . .

Oh ! o calor . . . o calor da vida, ainda melhor que o sol ! Ficas. Não chores. Quero que sejas forte por elles, sim ?

— Has de ficar tambem. O que estás é enfraquecida da molestia.

— Não tentes illudir-me. Sei que não tenho vida senão para despedir-me. A alma não póde ficar muito tempo agarrada a um cadaver, como o passaro não fica dentro de um ninho destruido. Mas ouve . . .

— Fala.

— Tens coragem para um sacrificio ?

— Por ti ?

— Por elles.

— Tudo ! Farei tudo : são o nosso amor.

— Não te cases.

— Casar-me ! Eu ? !

— Senta-te, vamos conversar com calma. Não te exaltes. Eu falo suavemente e sorrindo, vês ? Não é por um tolo ciume que te peço, é por amor dos filhos. És moço, toma uma amante. Pódes mantê-la sem que, por isso, os pequenos venham a sentir. A nossa fortuna dá para uma dissipação ; o amor, porém, esse é que não quero, ou antes — peço que não seja dividido. Se tiveres uma amante . . .

— Que tolice !

— Não, não é tolice : deixa-me falar. Se tomares uma amante, não a trarás, de certo, para a com-

panhia dos filhos. Se te casares, tua mulher virá occupar o posto que vou deixar vasio, e elles terão nella . . . a madrasta. Sabes que é a madrasta ? é o avesso de mãe. É a arvore nova que se planta no lugar em que outra cahiu : tudo que a terra dava á antiga, ella absorve e ainda suga a seiva que encontra escoada das raizes mortas, para que não fique memoria da finada, e, como vem cheia de força, ansiosa de vida, tudo quer, não consentindo que viva em torno do seu tronco outra folhagem que não seja a lançada pelos seus ramos. E — perdôame dizer-te — como é arvore nova, todos os carinhos lhe são prodigalisados e tudo quanto puder incommodá-la será maltratado . . . se não fôr arrancado pelo jardineiro. Diante de flôres viçosas, quem se lembrará das folhas seccas deixadas pela arvore cahida ? E a amante ? A amante é a arvore da floresta, vive longe, não faz mal ás sementes que ficaram da finada, porque não se transplanta. Entendes o que eu quero dizer ?

— Tu não me conheces !

— Sim, conheço-te : és homem. Não te zangues commigo. Deixa que fale primeiro a mãe, a esposa falará depois. Não te cases. Elles são ainda muito pequeninos e a outra, vendo-os a rir e a brincar em torno de ti, terá ciume de mim . . . e eu, morta, serei a sacrificadora dos meus filhos. Na alma da mulher que se casa, logo ao primeiro beijo dá-se

uma metamorphose — um instincto que existia na virgem sob o nome de pudor transforma-se em um sentimento poderoso que se chama — a maternidade. Como os corpos se dilatam com o calor, assim expande-se o coração da mulher que é mãe, e essa expansão é cruel : toma toda a alma do esposo, não consentindo nella outro amor para que o filho a encontre integral e della tome posse.

Que lhe importa a miseria das outras crianças, se o seu filho tem todo o conforto ? Que lhe importa que os mais sejam esquecidos, se para o que foi gerado no seu seio estendem-se todos os braços ? E é natural, é natural. Comprehendes o que quero dizer ? Toma uma amante, não te cases.

A amante é uma luz que se accende por uma noite, não é o sol eterno que rege a vida. A amante é apenas um corpo ; a esposa é a alma. Que importa que te recolhas tarde ? Quando chegares á casa encontrarás os filhos, só elles, e certamente has de acariciá-los, e se vier para tua companhia outra mulher, que se apodere do teu coração, o teu primeiro beijo será para ella, o teu primeiro carinho será para seu filho, os outros . . . esses . . . coitadinhos ! estarão sempre dormindo. Não, não te cases.

A sociedade exige o casamento . . . Pois bem : se ella arguir-te responde-lhe com o meu tumulo e com os nossos filhos. Sê fiel ao teu amor de pai.

Não te preoccupes commigo. A mulher que te amou, como nunca mais serás amado, vai partir . . . o que ella te podia dar, como mulher, outra qualquer t'o dará . . . o que ninguem poderá substituir nesta casa é a mãe. Comprehendes ? Não se póde exigir de um homem, que vive, fidelidade a um cadaver. Sê fiel á minh'alma que ahi fica com elles. Queres que te dê um exemplo que me occorre ? . . .

— Estás falando de mais, isto fatiga-te.

— Já estou aborrecendo, não é ?

— Não, mas o medico . . .

— Ora, o medico nada mais tem a fazer aqui. Deixa-me falar. Queres que te dê o exemplo ? Lembra-te da nossa viagem de nupcias ? Foi longa e feliz. Vimos tudo o que o mundo tem de mais bello : percorrêmos as cidades deslumbrantes e as ruinas melancolicas, andámos entre os povos mais requintados e confundimo-nos com as populações miseraveis dos paizes que agonisam, e em toda a parte, no esplendor ou na indigencia, na alegria ou na desolação, no rumor das capitaes grandiosas ou no silencio dos desertos, sempre nos lembravamos da Patria, e, apesar das seducções da viagem, foi com verdadeiro prazer que regressámos á nossa terra querida. Pois meu velho : a esposa é a Patria do amor.

— Não te levantes. Queres alguma coisa ?

— Nada. Não sei ; parece que soffrerei horri-

velmente, ainda que esteja no Paraíso, se souber que outra veio ocupar o meu posto nesta casa. Toma quantas amantes quizeres, — são flôres, flôres, flôres . . . mas não plantes arvore no sitio de onde a morte me vai levar. Promettes ?

— Prometto.

— Agora a esposa . . . Não ! Não ! Queria beijar-te, mas a minha boca é como uma taça de veneno. Amo-te muito ! Sempre, sempre te amei. Vou partir. Vela por elles. Ah ! os nossos beijos ! os nossos beijos ! . . . Se eu tivesse certeza de que me não trahirias, morreria docemente, docemente . . . sorrindo.

— Não chores . . .

— Que tem que eu chore ? Para que hei de levar para o tumulo estas lagrimas que são tuas e delles ?

— Mas porque choras ?

— Por que choro ? Queres que t'o diga ?

— Dize.

— É porque sinto a sombra da outra, porque lhe ouço os passos. Lá se vão os berços de meus filhos, lá vão ! arrastados para o quarto mais distante da casa. Quem os ha de agasalhar ? Por que me tomas o pulso ? Pensas que estou delirante ? não. O que estou é vendo o futuro. O que entra em agonia é como o que vai subindo uma montanha — quanto mais se eleva, mais alcança com a vista. Estou vendo a minha infancia e estou vendo o triste futuro. Estou vendo. Pobresinhos !

- Mas se eu juro !
- Não jures. O juramento é uma arma com que se ameaça a verdade. Não jures.
- Espera !
- Que é ?
- Um delles está chorando.
- A criada está lá !
- A criada . . . Tão pequeninos, meu Deus ! Tão pequeninos . . . ! A criada está lá . . . Já a indifferença e eu ainda não parti ! Olha, um favor ao menos : não os obrigues a chamar a outra de mãe. Pelo amor que me tiveste ! A outra, não ! A mãe, a mãe sou eu . . . Eu ! Oh ! se as almas pudessem voltar á terra, não haveria orphãos no mundo, porque ellas os levariam.
- Que é ?
- Parece que o coração está parando. Não respiro . . .
- É canção.
- Não, não. Meus . . .

*Cerra lentamente os olhos ; subito, a um choro mais forte, reabre-os d'impeto, alargados. Empallidece, treme ; um fremito crispa-lhe a face e, dos olhos muito abertos, immensos, fitos como em assombro, correm duas lagrimas.*

*Alguem canta em tom de embalo.*







## Amante

---

— A honra, eis o que eu lamento haver perdido.

A honra é a saúde d'alma. Queres que te diga ? sinto-me como escoriada, coberta de úlceras e tenho repugnancia de mim. No esplendor que me cerca mais se destaca a minha miseria. Imagina uma leprosa que vivesse em uma camara forrada de espelhos vendo-se de frente, de flanco, de costas, tendo sempre ante os olhos, para qualquer lado que se voltasse, o espectaculo asqueroso da sua deformidade.

Assim vivo eu. De que vale a riqueza sem saúde e sem honra ? Illudem-se os que julgam que os homens de fortuna mal adquirida são felizes : sofrem. O que tem uma chaga, embora a occulte, está sempre a sentir-lhe as apuadas e, á noite, quando se despe, conturba-se vendo-a mais alastrada, cor-

roendo, devastando a carne e, quando se acha em sociedade, sempre receia que a exalação accuse a existencia do mal. Assim, o que tem uma culpa, ainda que apparente indifferença e se imponha pelo fausto, nas horas em que se recolhe, ouvindo a consciencia, padece como um canceroso. Vês-me aqui installada em verdadeiro palacio, coberta de sêdas e de joias, com uma criadagem que me serve com sollicitude humilde e julgas-me, sem duvida, feliz. Enganas-te !

— Que te falta ?

— A honra. Dantes, quando eu vivia modestamente em companhia de meu marido, o ar que eu respirava era mais puro e mais leve, a luz que me alumiaava era mais clara e mais brilhante ; agora, nesta riqueza, tudo é falso, ephemero. Estou certa de que nada me pertence : são haveres de um sonho. Vivo em constante sobresalto. Se batem á porta, imagino sempre noticias horriveis ou que são os donos que vêm reclamar o que é delles. O que cômô sabe-me á esmola ; visto-me como vês e pareço estar coberta de andrajos e sinto-me tão só, tão só nesta casa . . . Tenho, ás vezes, tanta vergonha que ardo, sinto-me abrasar como se estivesse vestida de chammas. Como me illudi ! Não sou uma mulher, sou uma amante e sabes que é ser amante ? Não sabes e não queiras saber. É horrivel ! Fiz uma extravagancia e perdi-me para sempre. Dizes

que posso voltar para meu marido, que elle me aceita . . .

— E perdôa-te.

— Não ! Uma coisa é ser san, não ter soffrido o ataque de uma molestia grave : outra coisa é sahir della. A mulher san é sempre alegre, póde abusar dos alimentos, da noite, fatigar-se, exceder-se, a que tem um mal chronico desconfia de tudo e, para viver, tem de submetter-se melindrosamente a uma dieta rigorosa, ao regimen de todas as abstinencias — a mais leve distracção póde-lhe ser fatal.

Dá-se o mesmo com a que prevericou : é sempre uma suspeitada. Eu serei, para meu marido, não a antiga esposa, mas a mulher difamada, a que abandonou o lar, a que se conspurcou e nunca mais, ainda que constantemente lhe dê provas de verdadeiro arrependimento, obterei a consideração e a confiança de outr'ora. Meu crime será como a molestia que foi combatida, mas da qual ficaram indeleveis vestigios. O varioloso salva-se, mas todos, ao verem-no, dizem : teve a variola. É o meu caso.

Ser amante — é o peor dos captiveiros. A mulher no seu lar é senhora, em casa do amante é escrava. Se a esposa adoecer, conta com a carinhosa assistencia do marido e, vendo-o rondar o leito, sabe que elle está apenas preocupado com a sua saúde, não se vexa de o estar lesando. A amante,

não : é como uma empregada que, durante a molestia, sofre, além das dôres, os afflictivos cuidados da sua inutilidade e receia ser despedida, compreendendo que se vai tornando pesada ao homem que lhe paga, e muitas vezes, quantas ! ainda fraca, calando gemidos, levanta-se para cumprir as suas obrigações, fazendo jús ao que percebe.

E os receios ! . . . Ah ! minha amiga, envelhecer no lar é quasi uma ventura. Vêr a gente vir chegando a noite e sentir o agasalho, saber que a casa em que se está é nossa, que as portas e as janellas se fecharão sobre o nosso sômnio . . .

Envelhecer ao lado do amante é um pavor . . . é como quem arma a tenda em meio de uma planície rútila, dorme e, ao acordar, vê-se em um blóco de gelo, em alto mar, fluctuando sem rumo.

O homem que nos seduz é como o ladrão que furta uma joia, não pelo seu valor artistico, porque não lhe interessa, mas pelo ouro, e não hesita em fundi-la aproveitando apenas o que ha nella de material. O dono, esse tem interesse em conservar todos os labores, todas as bellezas da obra d'arte. Não sou uma libidinosa, tenho ainda sentimentos puros, mas de que servem ?

O homem não dá por elles, não os procura, creio até que os aborrece, porque o que busca em mim não é a alma, não é a educação, não é . . . Como o ladrão, prefere o material. Ahi tens. Não saio, não

tenho coragem de affrontar a sociedade. Muitas das pessoas que me conheceram em minha casa não me aceitam mais na sua intimidade, outras talvez recebam, porque o meu amante é rico, essas, porém, essas . . . não me satisfazem. Quem sahe enlodada de um atoleiro não se vai lavar em um pantano, procura ribeiras limpidas. Como nos illudimos !

— E não estou eu aqui ?

— Tu ! Tu és uma visitadora piedosa, tens a abnegação das irmans de caridade que tratam dos empestados. A tua pureza torna-te immune, a tua amizade é como a Fé que encoraja as devotas enfermeiras.

— Fizeste mal, não pensaste. Emfim . . . Agora é preciso coragem e resignação. Se queres fallo a teu marido e estou certa de que elle . . .

— Não ! Ainda que me perdoasse . . . Eu é que não me sinto com animo de o encarar. Porque o abandonei !

— Loucura.

— Vaidade. Elle tinha caprichos, ás vezes exigencias, mas não se mantem a saúde sem cuidados e eu . . . Oh ! elle bem sabia . . . Eu era uma criatura fraca, tão fraca que aqui me tens irremediavelmente perdida. Aquelles cuidados revoltavam-me, enfesavam-me. Insurgi-me. É assim, é. Quando ha uma pessoa delicada, franzina, doentia, evitam-se as correntes de ar, as vigalias, todos os excessos

e . . . a faceirice é uma fragilidade. Que fazia elle ? não consentia nas minhas lêviandades, muitas puramente ingenuas, ralhava, privava-me de divertimentos, prendia-me. E agora? agora é a deshonra que me encarcera : sou a leprosa, contrahi o mal e aqui estou.

Ah ! minha amiga, como nos illudimos. Escutamos a voz encantadora que nos vem do mysterio, falando-nos em felicidade, cedemos á seducção, abrimos a nossa camara . . . Quem nos apparece ? um homem sempre inferior ao preterido, porque nem sequer tem alma para o amor.

Vês-me em plena gloria — sou uma mulher saciada, uma mulher que não deseja . . . E como é bom desejar ! Tenho tudo e falta-me tudo ! Uma entrevadinha, a quem offerecessem joias e sêdas, seria mais feliz do que eu porque, diante do espelho, ataviar-se-ia para os seus olhos; eu . . . só me visto e enfeito para elle. Preciso inventar meios de o prender, porque nada o retém a mim senão a minha belleza. No dia em que elle descobrir nos meus cabellos um fio branco, uma ruga em meu rosto . . . ai ! de mim. E os criados ? Os criados sabem que sou uma mulher de aluguel, uma evadida da virtude, homisiada na lascivia. Já lhe tenho falado assim como te estou falando.

— E elle ?

— É um sceptico. Como o dinheiro tudo lhe

facilita, sorri e ultraja a honra com o desprezo. E não imaginas como me sinto humilhada quando elle diz : « Ora, filha, deixa-te de escrupulos puerís. A consideração social é uma mercadoria como outra qualquer . . . como os titulos de nobreza, por exemplo. Ha nobres de sangue . . . mas são tão poucos. A maioria dos fidalgos pagou os seus braços ao balcão. Mostra-me em qualquer cemiterio um epitaphio em que se alluda a acções vis. Não ha : tudo é virtude. E que é o epitaphio ? a somma total dos actos da vida. Que te falta ? Deixa-te de crianças. O mundo é uma ficção ».

Não é assim. Eu é que sei. E, para maior supplicio, nem posso pensar, nem posso soffrer — evito, repillo os pensamentos para que não me fiquem na face os vestigios que elles costumam deixar. É preciso que eu seja formosa e as lagrimas fazem ao rosto o que as torrentes fazem á terra : escavam-no. E . . . vê tu . . . nem elle, o meu amante, tem confiança em mim. E não póde ter, não deve ter.

Eu quizera ser pobre, pauperrima ! Quizera viver como aquella mulher ali da barreira que móra em uma casa de taboas, tão pequena e tão fragil, que não sei como cabem lá dentro tantas crianças e como tem resistido ao vento das ultimas noites. Ri, ouço-lhe as gargalhadas alegres, ouço-lhe as cantigas, vejo-a passar contente entre os filhos destalços e eu vivo aqui, sem ousar entreabrir a janella,



porque toda a vizinhança conhece a minha historia. Vivo assim, coberta de sêda, coberta de joias, pisando em tapetes, revendo-me em espelhos, compondo a minha belleza mercenaria para o commercio infame. Como illudi-me ! Como illudi-me ! Ah ! minha amiga, não tornes cá, não tornes cá. Teu marido póde saber. Eu sou uma leprosa ! Uma hedionda leprosa ! A honra... Como eu tenho saudade da minha saúde ! Como eu tenho saudade da minha saúde !

*Leva precipitadamente as pequeninas mãos ao rosto e, cahindo-lhe em dobras as largas mangas do kimono de sêda, deixam-lhe nús os braços alvos, algemados em pulseiras d'ouro, cujas pedras faiscam á viva luz das lampadas açucenaes.*

## Decahidos

---

- Quanto deu ?
- Cento e cinquenta mil réis.
- Só ?
- Só.
- De sorte que ficam faltando ainda . . . ?
- Cem mil réis.
- E então ? Se queres leva amanhã o relicario. É o que nos resta.
- O relicario não tem tres grammas de ouro.
- Mas tem uma lasca da verdadeira cruz.
- A cruz era de madeira e nas casas de penhores só valem os objectos de ouro e as pedras finas. Entre um rubi commum e uma gota authentica de sangue do Christo, o avaliador não hesitaria um segundo. E o peior é que depois d'amanhan ha leilão e todas as nossas cautelas já estão vencidas.

— Queres dizer que as joias . . . ?

— Vão-se !

— Se achassemos uma pessoa que nos empres-  
tasse, ainda que fôsse só para os juros.

— Não penses nisso. Os nossos amigos de ou-  
tr'ora evitam-me e, se o encontro os põe em situação  
de não poderem fugir, ficam tão perturbados como  
se eu os assaltasse á mão armada. A situação dos  
ricos que cahiram em miseria é horrivel. O que sem-  
pre viveu na pobreza tem-na por um habito e sabe  
como se ha de tirar das difficuldades. Tudo nelle  
está educado pela miseria : a fome é resignada, o  
frio é paciente, o luxo é apenas aceio. Criou-se com  
a côdea de pão, de sorte que uma posta de carne, á  
mesa, em dias grandes, constitue banquete e as suas  
relações, entre os humildes, não o faz córar. Vol-  
tando os olhos para os dias anteriores vê o fogão  
apagado, as roupas remendadas, um catre, um lençol  
poído. Comnosco o caso é differente : não temos col-  
locação. Os ricos evitam-nos porque decahimos, os  
pobres olham-nos desconfiados, porque temos uma  
educação superior, habitos differentes dos seus, e,  
na pobreza, andamos desageitados conservando a  
attitude dos tempos da fortuna, que elles tomam  
por orgulhosa. Quem nos ha de emprestar ?

— Tu é porque tens vergonha. Se queres, eu vou.

— Não, se sahires a pedir, logo se dirá que tam-  
bem perdemos o que ainda nos resta e que eu hei de

conservar até o ultimo instante da vida : a honra. No casal o homem é a mão direita, a mulher é a mão esquerda, o ramo que sahe do coração : deve ser retrahida, direi até : canhestra para certos misteres — é apenas auxiliar de que se soccorre a actividade em lances difficeis.

Demais, que sabes tu da vida ? Que farás nesse mundo que não conheces, que viste sempre através do esplendor da riqueza ? ficarás atordoada e, á primeira negativa, succumbirás. Viveste sempre na comedia mascarada do que chamam a sociedade. Se sahires agora procurando os que nos visitavam, não os reconhecerás por os veres sem mascara. Não penses que te hão de receber como te recebiam outr'ora.

Viviamos em um palacio, tinhamos carruagem nossa, gastavamos a mãos largas e os amigos atravessavam confiadamente o parque illuminado certos de que não lhes sahiriamos ao encontro com humildes pedidos. Hoje . . . Estou cansado de procurar collocação, todos acenam-me com a esperança. Que espere ! Como se fôsse possivel esperar na situação em que nos achamos. E, ainda mais: fala-se da nossa desgraça como de um crime infamante. No dia do leilão da casa, muitos dos nossos intimos, foram vêr de perto a catastrophe. E riam, riam visitando a ruinaria. Commentavam, com impiedoso escarneo, a nossa vida, mostravam os cantos que preferiamos,

.

onde costumavamos ficar á tarde, onde nos juntavamos á noite para a palestra. Experimentavam o piano, invadiam os aposentos mais discretos fazendo allusões indecorosas aos nossos moveis. A casa estava toda aberta, franqueada ao publico, expondo-se inteiramente aos olhares curiosos como uma escrava núa, em mercado, a excitar, com os seus encantos mais reservados, a cupidez dos compradores. Os nossos intimos fartavam-se de commentar, de evocar, de esmiuçar torpezas, rindo com a descaridade dos que triumpham.

— Como sabes ?

— Disseram-me.

— Mas que mal fizemos nós a essa gente ?

— Eramos ricos, tinhamos bem estar. A pobreza afugenta mais do que a molestia. Um pestoso, sendo rico, será visitado ; um decahido, não. Já alguma das tuas amigas veiu vêr-te ?

— Já.

— Sim, vieram algumas ; vieram uma vez. Pensas que foi amizade que as trouxe ? foi a curiosidade perversa : queriam vêr-te na indigencia. Vieram aqui como teriam ido ao necrôterio vêr o cadaver de um conhecido. Não te illudas. Eu tambem não conhecia o mundo. Os ricos são como os que do alto de uma montanha olham a planicie : vêem tudo calmo, não ouvem o rumor do trabalho, não distinguem as minucias. Um comboio, lançado a toda a velocidade,

parece deslizar vagaroso através dos campos onde as mais pedrentas estradas são veredas suaves e graciosas ; a onda não se arroja assoberbada, dobra-se macia, serenamente, como uma peça de sêda que se enrola. Para sentir-se o rumor, a agitação, a angustia é preciso descer á planície, entrar na vida como nós entramos. E agora ? Olha para a montanha : está escondida em nuvens. Tua mãe está gemendo ; vai vê-la.

— É sempre assim. Passa os dias e as noites a gemer, tiritando de frio. Sente muito frio e tem medo de tudo. Às vezes chama-me aos gritos — vou achá-la encolhida, com as mãos nos ouvidos, pallida, rolando os olhos apavorados. Diz que está a ouvir tiros, tiros e gemidos. Eu tambem ouço. Aquelle estampido horrivel, lembras-te ? De nada sabiamos, estavamos tão longe de imaginar tamanha desgraça quando a casa atroou o estrondo de morte. Foi como o desmoronamento da felicidade. Que horror ! Pobre pai ! Se não se houvesse matado, quem sabe ! Era tão activo, tinha tantas relações . . .

— Fugiu, não quiz soffrer comnosco. Faltava-lhe energia para a desgraça. Emfim . . . Pensemos no futuro. Estamos como naufragos, temos vivido até hoje do que conseguimos salvar do sinistro, mas as provisões esgotaram-se. Vamos explorar a ilha aspera e esteril em que nos salvamos. Agora é que é

preciso coragem. Em primeiro lugar pensemos em mudar-nos. Esta casa é cara.

— E para onde havemos de ir ?

— Para uma casa menor, em bairro modesto. Vamos recuando até encontrar um sitio que nos convenha, onde não sejamos conhecidos. Tua mãe está chamando. Vai. Que lhe déste hoje ?

— Hoje ?

— Não comeu ? !

— Comeu, ou antes : provou a gallinha e recusou-a. Estava, talvez, mal feita. Eu não sei temperar. Chora tanto, a coitada ! Passa os dias a chorar. Diz que não me póde vêr em trabalhos, examina-me as mãos e beija-as chorando e, sempre que lhe appareço, estende-me os braços, aperta-me e soluça de fazer dó.

— Eu é que fiz mal. Tu podias ter casado com um homem rico que agora vos protegesse, a ambas.

— Porque falas assim ? Já me queixei ? Não estou resignada ? Amei-te, fomos felizes no tempo da fortuna, palpita-me, porém, que ainda o havemos de ser mais na adversidade, porque, sós, sem estranhos que devassem o nosso lar, desobrigados das convenções do alto mundo, refugiados no amor, viveremos dentro d'elle como em um paraíso. És meu, sou tua. Temos o que ninguem nos póde tirar : o dia e a noite, a agua e o fogo, o ar e a luz. Para que mais ? Não me fales assim. Dóem-me mais as

tuas palavras do que todos os soffrimentos. Tenho o bastante para a minha felicidade. O que perdemos foram os bens materiaes, o melhor trouxemo-lo comnosco e havemo-lo de conservar até a morte, não é assim ?

— Estás chorando ?

— Foram as tuas palavras que maguaram o meu coração. Nunca nos achamos assim tão sós. E não é melhor, dize ? não é melhor este silencio ? A miseria isola, ainda bem — vivamos para o amor. É na pobreza que se dá valor á pequena moeda e ás palavras de affecto dos que nos estimam. A riqueza deslumbra e as lisonjas dos salões atordoam de sorte que na hora da intimidade não se aprecia devidamente a sincera ternura.

Só agora amo verdadeiramente como só agora admiro e goso uma noite de luar. Uma noite como a de hoje, que linda ! Não me lembro de ter visto igual. Nunca ! Vivia sempre no esplendor artificial dos salões sem pensar no céu, sem pensar . . . no amor. A miseria aconchega como o inverno. Sou tua ! Dá-me a tua mão, assim . . . Como sou feliz !

— Tua mãe está chamando.

— Como sou feliz ! Eu não sabia que te amava tanto nem imaginava que a lua fôsse assim formosa. O amor . . . O luar . . . Ha uma misericordia para os tristes, ha. Ouves ? Estão cantando. E ha quem cante na pobreza. Nunca pensei que



se pudesse cantar senão em salões. E cantam. Estás ouvindo ?

— Estou.

— Quem será ? .

— Algum pobre, como nós. Porque choras ? !

— É de remorso. Nunca pensei na pobreza, que é meiga e triste como o luar.

*Cantam suavemente ao longe, á porta de uma casa humilde, toda branca ao luar.*

## Expulsa

---

- .....
- É que ella não se dá bem com a senhora.
  - Commigo ! Não se dá bem commigo. Porque ?
  - Incompatibilidade. Os genios não combinam. Mamãi pensa de um modo, ella doutro, dahi as impertinencias, os máus humores. O melhor é acabarmos, de uma vez, com isto. A senhora aqui não tem descanso, nem eu.
  - Então ella pensa de um modo e eu de outro . . . Quem lhe disse tal ? Eu não me atrevo a emittir opinião, sou o proprio silencio e, quando sinto que alguma coisa póde provocar reparos do meu juizo, evito-a, nem levanto os olhos, para que nelles se não leia o meu pensamento. Dar-se-á o caso de ser ella adivinha ? Se o fôsse, não procederia com tamanha

injustiça, porque conheceria o segredo do meu coração. Faze o que entenderes. Eu estou por tudo.

— Eu tomo um aposento para a senhora em casa de uma familia. É melhor. Afinal, que vida levamos nós ? com franqueza ? Mas não chore. Porque chora ?

— Por nada.

— Mamãi deve comprehender que não é por minha vontade que tal succede. Fiz o possivel para restabelecer a harmonia. Infelizmente . . .

— Tens razão. Ella é tua mulher. Eu, que sou aqui ? uma hospede importuna, uma intrusa.

— Isso não ! A senhora é minha mãe.

— Tua mãe . . . Isso foi em outro tempo. Já não és filho, és esposo. Mãe é uma palavra doce, pequenina e facil, é a primeira flôr dos labios, que tem encantos na boca de uma criança. Depois que nascem os outros vocabulos, essa insignificancia torna-se quasi ridicula. Ás vezes reaparece nas horas de soffrimento, como um gemido. É assim. Tua mulher tem razão. Uma velha, cheia de rugas e de cabellos brancos, sempre a falar do passado, deve entristecer, isso deve. Ella é moça e pensa, talvez, que eu tenho ainda algum dominio sobre o teu coração. Como se engana ! O beijo que de ti recebo é uma esmola, e ella toma-o por um presente ; os afagos com que, ás vezes, me acaricias, por piedade, são restos da ternura que lhe dás, e nem isso ella con-

sente que desperdices commigo ; se os gastasses com um animal, ella não se zangaria. Comprehendo. Ella quer a posse absoluta. Eu aqui recordo um puro amor que ella ainda não conhece : o amor de mãe. A praga que lhe rogo é uma benção : Deus lhe dê um filho, e só então ella saberá que esse sentimento não tem parelha no coração : é uma grande dôr que se envolve em alegria, é um sorriso de resignação, é um extase de martyrio. Os teus beijos, meu filho, dão-me no coração, como cravos, e fazem-me feliz. Não sei dizer que sinto, mas comprehendo o ciúme de tua mulher. A mãe é uma arvore que produz para o lavrador. Os filhos que morrem são como frutos que cahem e, desfeitos, tornam em seiva ao tronco de que sahiram. Os teus irmãos mortos . . . eu os sinto em mim. Tu . . . Vai a teu destino. És o fruto colhido, vai. Eu fico no meu isolamento d'arvore enraizada. Tua mulher queixa-se de mim, não me supporta. Que lhe fiz eu ? nada : sou tua mãe, eis o crime. Ella julga-me capaz de influir em teu espirito ; bem sabes que não intervenho de modo algum na tua vida particular. Se ella faz-te soffrer, recolho-me, vou chorar escondida sobre as tranças louras da tua infancia, sobre o retrato que conservo do tempo em que eras meu filho, meu só. Hoje és della. Ando pela casa com receio de que meus passos sejam ouvidos. Sou tão silenciosa como a minha sombra. Á mesa, não falo nem ouço. Se vos vejo

unidos, retraio-me, desapareço, para que a minha velhice não vos perturbe com a sua austeridade. Quando sahes, encerro-me no meu quarto e lá fico. Diz ella que ando sempre a resmungar. O resmungo dos velhos é uma ruminação, meu filho ; são antigas palavras gastas que voltam á boca, conversa com os mortos, recordações, confidencias da saudade. Não são vozes de revolta.

— Nem ella tal pensa.

— Como não ! Eu bem sei. Fala de mim ás criadas: que a espiono, que faço avarezas, que me preocupo com tudo. É uma injustiça. Tua mulher é uma criança, não póde comprehender a alma de uma velha. Eu queria que ella vivesse em plena ventura, porque sendo tua esposa transmittiria a felicidade ao teu coração. Quando a vejo amuada, soffro por ti — parece-me que vais entrar em um espinhal. Se lhe falo, algumas vezes, aconselhando-a, é para amenisar-te a vida, preparar-lhe o coração para que não te receba com dureza. Afinal . . . és meu filho.

— Mas não chore, minha mãe.

— Irei para onde quizeres. A casa ficará sem velhice, sem passado. E não penses que saio revoltada : a minha benção ficará contigo. E é melhor que saia já, antes que tambem te revoltes contra mim.

— Eu, minha mãe !

— Sim, tu. A mulher infunde a sua vontade no

espírito do homem, propina-lhe o seu veneno. Ha beijos, meu filho, que são mais perigosos que dentadas de viboras. Saio antes que a tempestade chegue ao teu coração, assim terei a certeza de que me não maldizes.

— Mamã é ingrata.

— Não sou. Ouve a tua consciencia e ella repetirá as palavras que te digo, porque são verdadeiras. Que sacrificio eu não faria por ti ? É tão pouco o que exiges de mim. Outra fôsse ella, e não consentiria que me falasses, mandaria a ordem por um criado. Ainda é muito boa. És tu que me abres a porta, assim, sahindo, ainda te vejo e posso abraçar-te pedindo a Deus que ponha nesta casa, no lugar que deixo, um dos seus anjos predilectos. Vou, é preciso que vá, para que a tranquillidade e a alegria entrem no lar que os meus cabellos brancos fazem tão triste. Não vou agora, porque é noite.

— Oh ! minha mãe, ninguem a expulsa. Esta casa é sua. Proponho-lhe apenas um accordo.

— Sim, um accordo . . . Nem choro, mais, vês ? Não quero que fique nesta casa vestigio algum de mim, e as lagrimas, quando vêm do fundo do coração, queimam. Vai, vai deitar-te. Estamos entendidos. Irei para um aposento em casa de uma familia . . . onde não haja crianças, entendes ? Não quero lembrar-me do tempo em que fui mãe.

— Ainda o é.

— Mãi! Eu...! todos os meus filhos morreram.

— E eu, minha mãi?

— Tu... tu és marido. Vai, vai. Tua mulher já deve estar ansiosa e murmurando contra mim. Ficaste tanto tempo commigo e era tão simples o que tinhas a dizer-me, até podias dispensar as palavras abrindo a porta e deixando-me no limiar. Mãi... Que é isso para um homem que tem esposa? Os braços maternos amparam, os da mulher acariciam. Vai. Ella está, com certeza, á tua espera para falar-te do espectáculo. Vai. Amanhan, ou antes, hoje, logo mais — porque a noite já começa a diluir-se em madrugada — partirei para o meu destino. A folha morta deixa a arvore. Que horas serão? quasi duas. Vai e dize a tua mulher que estou prompta, que aceitei a proposta e só espero a luz do sol para despedir-me. Quero que ella me olhe bem á hora da partida, para vêr que não saio resentida, mas sorrindo. Oh! meu filho... meu filho! Eu contava com este momento, esperava-o. Não cabem no mesmo lar dois amores, é preciso que um seja sacrificado. Que seja o mais velho... eu digo apenas: o mais velho, entendes? o mais velho, que é o meu. Vai, vai, Deus te abençõe e a ella tambem.

— Está chorando, mamãi?

— Chorando? Não. Vai. Deus te abençõe.

*Acompanha o filho, que se despede com um beijo. Fechando a porta do quarto, caminha alquebrada até junto da commoda, sobre a qual uma lamparina brilha alumando imagens, enclavinha os dedos e, immovel, contempla a Dolorosa, e as lagrimas, a quatro e quatro, correm-lhe dos olhos. █*

*Gallos cantam ao longe.*





## Dolorida

---

— Sim, tenho medo. Vejo-o, sinto-o, ouço-lhe a voz. Se o vento entreabre uma porta ou bate com uma janella, fico arripiada, gela-se-me o sangue, falta-me o ar, e, sem poder adiantar um passo, com o coração sobresaltado, os olhos muito abertos, espero vê-lo entrar espavorido, coberto de sangue, arrastando grilhões. Não posso dormir. Quando me lembro delle ali naquelle quarto, a sós commigo, tantas noites, tenho impetos de fugir . . . fugir do passado. É como se houvesse dormido em uma caverna e, ao sahir, tranquilla, alguém me dissesse, com horror, que eu passara a noite ao lado de uma serpente.

— E nunca desconfiaste ?

— Nunca ! Não podia desconfiar. Era um homem simples e bom, de uma meiguice que enternecia.

Brincava horas e horas com o filho, ninava-o passeando com elle pela casa a cantarolar, e, se o via enfermo, perdia a cabeça, ficava desatinado. Quando elle teve a crise da dentição, fui achá-lo, uma noite, ali fóra, chorando. Não sei. Não podia vêr o soffrimento, fôsse de um animal. Esmolér, muito amigo de crianças . . . Não sei. Como é que um homem assim mata para roubar? Chego a ter medo de mim.

— De ti? Por que?

— Quem sabe lá o que póde acontecer! A alma varia, ha sombras que nos entrevecem, nuvens que passam pelo espirito. Quem póde jurar sobre a sua pureza? Eu acreditava no coração. Enganei-me. O mais puro dos amores póde degenerar em odio. Elle era um bom.

— Enganava-te.

— A mim?

— Trahia-te.

— Com que intenção?

— Para ter um refugio. Tambem os máus precisam da bondade como de um refrigerio.

— E os amigos que o procuravam? Não eram ladrões. E os pobres que o seguiam abençoando-o? Não . . .

— E o pequeno? Não pergunta por elle?

— A todo instante. Ás vezes acorda, á noite, senta-se na cama e põe-se a chamá-lo. Vivo em tormento contínuo a occultar a verdade! Leio os jor-

naes ás escondidas ; rasgo-os, queimo-os. Não sei onde foi elle encontrar um com que hoje me appareceu mostrando-me o retrato do pai, a pedir-me que lhe explicasse por que se achava elle entre aquellas grades.

— E tu ?

— Menti, menti com lagrimas. Não havia de dizer á criança que o pai é . . . um assassino. Pobresinho ! Já o não querem nas outras casas. As mãis temem o filho do faccinora, como se receia um leãozinho, e o innocente, que eu mantenho prisioneiro, corre pelo jardim, e, passando o braço por entre as grades, chama os camaradas que voltam do collegio, convida-os para brincados e, como todos passam sem voltar o rosto, elle vem queixar-se dos amiguinhos de hontem, perguntar-me porque se afastam e atravessam a rua ás gargalhadas ou cochichando mysteriosamente. Que hei de dizer ? Oh ! se elle pensasse . . . ! elle, que tanto ama o filho, não faria o que fez, se não por piedade, ao menos por amor.

— E tu ?

— Eu ? Que hei de fazer ? Tenho um filho d'elle, é meu dever defendê-lo. Supportarei as injurias, talvez a miseria . . . Sou mulher do assassino. Que culpa tenho, dize ? Se elle não houvesse confessado o crime, eu iria jurar, sobre a cabeça do meu filho, pela sua innocencia.

— Já o foste vêr ?

— Não. É como se houvesse morrido.

— É uma caridade.

— Não para quem ama.

— E tu !

— Sim, amo-o ! Infelizmente ! Desgraçadamente ! Elle não confessou o seu crime ? por que não hei de eu confessar a minha fraqueza ? Amo-o . . . ! E queres que te diga ? tenho ainda esperança.

— Esperança !

— Sim, tenho. Emquanto elle não fôr condemnado, esperarei.

— Que podes esperar ?

— Não sei. O milagre. Se fôr condemnado, sahirei com o pequeno, levá-lo-ei para bem longe, afim de que o não injuriem, atirando-lhe em rosto o sangue que o pai derramou. Que culpa tem o pobresinho ? dormia na hora do crime. Dantes mandavam-no buscar, vinham aqui outras crianças e era uma algazarra no jardim. Elle divertia-se, organizando brinquedos, e era de vêr-se aquelle gigante rindo, saltando, entre crianças que lhe chegavam aos joelhos. Porque não se lembrou elle do filho naquelle instante ? E agora ! Que ha de ser de nós ? O nome . . . Não o posso tirar sem deshonra para meu filho. Dirás que é melhor vir do desconhecido do que sahir das galés. Não sei. Bateram !

— Não. E pensas em ficar nesta casa ?

— Aqui ! ? Não ! Logo que o condemnem, sahirei para muito longe.

— Pensas isso : não sahirás da cidade e, se sahires, voltarás. O amor é como a morte : os assassinos rondam o sitio em que commetteram o crime, o sangue fascina-os. Os que amam, ainda offendidos, não podem viver longe do amor que os mata. Has de ir vê-lo.

— Talvez. Mas aqui não fico : tenho medo. Isto é tão deserto, e se me acontecesse qualquer coisa, ainda que todos ouvissem os meus gritos, ninguem viria acudir-me. A mulher do assassino . . . Que horror ! Já viste um carcere ? Deve ser frio, muito frio.

— Deve ser.

— E as saudades que elle terá do filho ? ! Eu . . . pobre de mim ! Quando ouço passos na rua, á noite, tremo. Mas que culpa tenho eu ? Já vais ?

— É tarde.

— Porque não ficas commigo ?

— Não posso.

— Compreendo : isto é uma casa infame. Podiam vêr-te sahir de manhan. Vai emquanto é noite. Já fizeste muito vindo visitar-me.

— Tu não tens culpa.

— Sou sua mulher, tenho um filho d'elle, uso o seu nome. Imagina este silencio alta noite. Não ha viv'alma. A rua deserta, a casa maldita, e nella uma

mulher e uma criança. Logo que te fôres, tudo mudará : a rua encher-se-á de gente, apparecerão vultos na sombra. Homens virão buscar meu filho, arrancar-m'ô dos braços, e eu só, sósinha . . .

— Não penses nisso. Quem virá aqui ?

— Quem ? ! Cuidas que não ouço as vozes ? ! Forçam as portas, caminham no jardim, quebrando galhos d'árvores. O proprio cão, espavorido, esconde-se, não ladra. Se eu pudesse dormir, uma hora que fôsse, só para alliviar-me do peso dos pensamentos, arriá-los no somno. Não sinto fome : sinto somno. Meus olhos são duas brasas e todo o meu corpo verga ao peso das noites em claro. Nem um segundo de repouso. Parece que vou por um areal sem sombra, fitando o sol. É horrivel ! Tenho a cabeça vasia, ôca, resoando como uma concha. Não sei que diga, esqueço-me de tudo, ando atordoada, vendo espectros. É a loucura, é o remorso.

— Remorso de que ? Que fizeste ?

— Eu ? sou a mulher do assassino. Elle envenenou-me com a sua alma, beijando-me. Tenho medo de mim. Se eu pudesse morrer . . . ! Fica, passa a noite commigo. Dormirei uma hora, uma só junto de ti. Nem sei que digo. Aquelle cadaver . . . ! Eu vejo-o ! Não me deixes.

— Hoje não posso, não preveni em casa. Virei amanha.

— Amanhan . . . Ás vezes, alta noite, ouço ran-

ger o soalho, depois é o berço que se põe em balanço.  
É elle !

— Quem ?

— Nada. Oh ! o somno . . . Se eu dormisse uma hora, salvava-me. Estou condemnada á vigilia, o meu carcere é a insomnia.

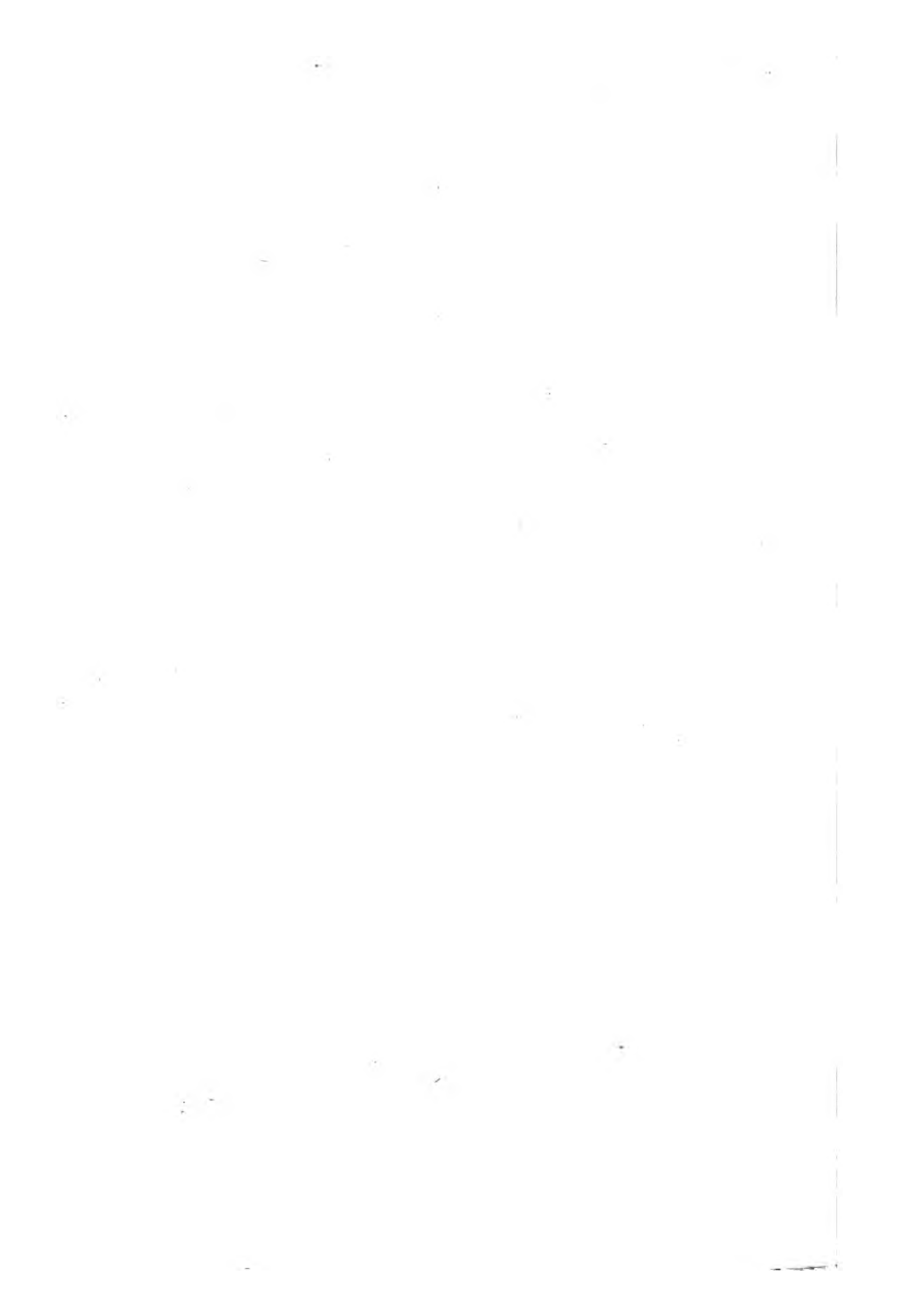
— Adeus.

— Vais ?

— Preciso. Virei amanha. Tem coragem. Adeus!

*Acompanha a amiga até á porta, encosta-se ao umbral, levanta os olhos para o céu. Subito, a cabeça descahe-lhe, e de pé, diante da noite, adormece pesadamente.*





## Duello

---

— Cite uma só das culpas que me attribue, uma só. A innocencia é como o espaço — ainda que lhe atirem toda a lama dos charcos não se lhe apéga a minima parcella por falta de apoio : o lôdo volve ao lôdo. Se eu houvesse incorrido em algum crime, já a denuncia andaria a apregoá-lo em triumpho. Se a senhora suspeitasse de que eu tinha um pensamento impuro e se, sacrificando-me, pudesse apoderar-se de minha alma, não hesitaria um segundo em arrancar-me o coração para expor a seu filho as provas justificativas da sua perseguição tenaz.

— E eu persigo-a ?

— A mim ? Tenho eu acção livre nesta casa ? Vivo sob custodia : seus olhos são os meus pagens. Os seus ouvidos estão sempre á escuta e, ainda á

distancia, não perdem o ruído das pulsações do meu coração. Confesso que a invejo, porque nunca imaginei que alguém pudesse andar com tanta sagacidade que furtasse a sombra ao sol e ensurdescesse os passos, como se trouxesse nos pés sandálias de silêncio. A senhora surge ante mim como se se formasse instantaneamente. Às vezes um leve estrepito chama a minha atenção, volto-me para a porta, julgando que é alguém que entra . . . é a senhora que sahe. Espia-me, não é verdade ?

— E não posso andar pela casa ? Quer, talvez, que eu viva encerrada no quarto, como uma prisioneira ? A casa é de meu filho, creio.

— Diz bem — a casa é de seu filho. Permitta, porém, que eu recorde á sua memoria que elle me foi buscar ao lar de meus pais, não para cumprir uma pena injusta, mas para ser amada.

— E que lhe falta ?

— Tudo !

— Tudo . . .

— Sim, tudo ! desde a liberdade até a honra. Vivo aqui como presidiaria e infamada por todas as desconfianças, maculada por insinuações. Se me distraio um momento arrisco-me a cair em uma cilada. As armadilhas são muitas, e, como sigo descuidada, porque não penso em maldades, não duvido ser victima de uma das traças perfidas que se cruzam na minha vida. A senhora é a mãe, eu não

sou mais que a esposa. O seu direito é mais antigo, é por isso que me atormenta. A intrusa deve ser repellida e, para que saia, constrangem-na de todos os modos : no corpo, com o martyrio ; na alma, com o aviltamento. Deixe-me falar. Accusa-me de indolencia se me levanto depois dos criados ; acha-me vaidosa porque me visto ; entende que sou descuidada porque prefiro o piano, o jardim ou os livros á cópa ou á cozinha. Se me entrego, por vezes, á saudade, a senhora vem rondar a minha melancolia ; se escrevo, procura ler as minhas cartas. O meu somno é vigiado. Por que ?

— A senhora o que pretende é apartar-me de meu filho. Pois engana-se : se elle a escolheu entre tantas que lhe appareceram (porque não precisava do casamento para viver) foi porque a julgou digna do seu affecto.

— E não sou ?

— Não é.

— Por que ?

— Não se póde amar verdadeiramente o homem cuja mãe se detesta.

— A senhora vive como o assombrado que toma o rumor dos proprios passos por estropeada de inimigos. Não a detesto. Quem vive sempre no odio não póde vêr o amor: O espirito prevenido é como o olhar que fita um só ponto — para qualquer lado que se volva vê sempre a imagem que se lhe gravou

na retina. Não a detesto, engana-se. Digo apenas que não nos conciliamos.

— Por que ?

— Porque a senhora procura, a todo o transe, incompatibilisar-me com seu filho. Para reaver o que perdeu serve-se de todos os meios. O seu poder é tamanho que as proprias virtudes convertem-se em crimes quando a senhora as exercita. A senhora distribue, em esmolas fartas, os generos da despesa para que meu marido tenha razão de dizer que não me preocupo com a casa. De sorte que a propria Caridade presta-se infamemente aos planos da sua intriga. Julga que não percebo os seus movimentos astuciosos ? Porque me deixa a sós com meu primo ? Porque o elogia com tanto ardor ? Porque o convida com tanta insistencia para os nossos jantares ? Quer seduzir-me com elle. Offerece-me o fruto prohibido, não é verdade ?

— A senhora insulta-me.

— Com os seus proprios actos : é como se lhe mostrasse um espelho. Não a insulto, provo-lhe apenas que estou prevenida e que não lhe darei o prazer de vêr apparecer o anjo á porta do Paraiso. Tenho soffrido de mais. Porque me deu o nome de filha ? Porque me foi cingir a frente com a capella nupcial, que é hoje uma corôa de espinhos ? Quando me abriu os braços eu devia ter visto que me atirava sobre uma cruz, Fui trahida. É contra a traição que

me revolto. Dissesse-me francamente — e eu respeitaria o seu egoismo : — « Sou mãe, quero este homem para o meu coração : é meu filho, gerei-o, criei-o, eduquei-o ; é a minha carne, é minh'alma. Deixe-m'o ». E eu, ainda que me custasse a vida, faria o sacrificio de o esquecer. Mas não, a senhora illudiu-me com afagos, foi carinhosa em extremo — arrancou-me dos braços de minha mãe e . . . como me trata ? Que sou eu aqui ? a escrava, peor ainda : a victima. Que espera de mim ? uma falta.

— Espero que seja a esposa que eu imaginava.

— E como queria que eu fôsse ? uma serva humilde e rastejante que dêsse aos seus pés as primicias dos beijos que devo á boca do meu marido ? Não ! A senhora é mãe apenas, eu sou esposa e mãe. Emquanto era só, soffria pacientemente, hoje envolvo uma existencia em principio, defendo um novo sêr : sou, perante Deus e o amor, responsavel por uma vida que se revolta em meu seio contra as perseguições que a attingem. Espanta-se ? As minhas palavras causam-lhe surpresa. Comprehendo. Julgava-me esteril e mantinha a esterilidade com a tortura. Apesar dos máus tratos quiz Deus que o amor triumphasse. A senhora é mãe e sabe de quanto é capaz o coração materno. Somos iguaes ; o mesmo instincto que a faz cruel dá-me agora energia. Lutemos ! A alma foi tocada, não o será o ventre. O duello vai ser tremendo, saiba, porém, que entro

nelle como esposa e mãe : são dois amores que me fortalecem — se não conseguir vencer o esposo, vencerei o pai. Porque me olha assim ? desconfia, talvez, da legitimidade do meu thesouro ? Ha de vê-lo. Era meu intuito conservar o segredo até que a propria vida, triumphando, viesse denunciá-lo. Não tive força para tanto. As suas maldades irritavam-me de tal modo que receei pela sorte da innocencia de que sou a depositaria. E aqui estou, de pé, disposta a todas as resistencias por amor do filho que em meu seio palpita. E a senhora bem sabe que as mãis são capazes de tudo, por amor dos filhos, não é verdade ? tudo !

*Encaram-se em silencio : uma sorrindo triumphante, outra com os olhos em fogo, de onde cahem, em gotas lentas, grossas bagas de pranto.*

## Vampiro

---

— Medo !

— Ou remorso, não sei que é. Ando airada, todos os rumores, ainda os mais subtis, apavoraram-me. Não sei que é, não sei definir : medo ou remorso. Um espectro ou a exteriorisação da minha consciencia. O que é, seja o que fôr, manifesta-se por intermedio de meu filho, é nelle que se reflecte.

— Como ?

— Mamãe vai dizer que são as minhas fantasias extravagantes, desvarios de espirito doente. Eu é que sei. Se eu pudesse retirar a minha palavra, fugir ao compromisso . . . Não devo casar.

— Por que ?

— Meu coração retrahe-se covardemente, fico transida de medo quando o vejo vir em passos silen-



ciosos, apparecendo como uma sombra e desaparecendo sem bulha.

Não é o mesmo. É preciso vê-lo, ouvi-lo, acompanhá-lo nos andares morosos e distrahidos, observá-lo nos longos e pensativos silencios. Concentra-se, desvia-se de todos acolhendo-se aos lugares ermos, onde fica em extase melancolico, olhando perdida-mente. Se o chamam nega-se, recusa-se a brincar ; quando insistem, chora. Não é de criança tal vida. Á noite, a sós com elle, tenho pavor, toda me arripio. Gela-me com o seu olhar, fixo como o de um morto. É como se eu tivesse um espectro a meu lado. E quer mamãe saber ? o meu pudor sobressalta-se na presença desse menino. Por que ? é que o pudor é um instincto e, assim sendo, tem mais percepção do que os sentidos : vê através de todos os rebuços e descobre no menino o homem.

— O homem ! ?

— Sim, o homem. É elle que não quer, que se oppõe, que tem ciume de mim.

— Teu filho ?

— Não, quem nelle está : o outro — meu marido. A senhora é porque não o póde observar. Não o achou pallido, emmagrecido ? Então ? ! Não se traz impunemente no coração um habitante da sombra. Elle é o esquife em que anda o finado e, de tanto o trazer comsigo, já lhe vai tomando os traços, adquirindo as feições, adoptando os gestos, toda

a sua maneira de ser. É o mesmo olhar, é a mesma voz. Os lugares que o pai preferia são os que elle prefere. Quando o doutor apparece ninguem consegue trazê-lo á sala : encerra-se no gabinete e lá fica folheando livros, ás vezes a chorar.

— Por que ?

— Não sei.

— Queres que o interrogue ?

— Interrogá-lo ? Para quê ? Elle dirá o que sempre diz : « Que está triste ». Sorri, mas logo se lhe arrasam os olhos d'agua e desata a chorar. Era tão amigo do doutor, queria-lhe tanto ! logo, porém, que soube do pedido, entrou a evitá-lo e hoje detesta-o. Digo-lhe, mamãi, que é o espirito do morto que nelle se manifesta.

— Tolice tua.

— Estou, ás vezes, vestindo-me, arranjando-me e ouço passos de ronda á porta do quarto — é o pequeno. Quando saio, os seus olhos examinam-me da cabeça aos pés e empallidece ainda mais. A pallidez... É o espirito funereo que vem á tona do rosto transparecendo em tom livido. Assim como o sangue, que é a vida, tingem de rosa as faces, a pallidez, que é a côr da morte, gela-as e marmorisa-as. Elle fica como de pedra e chora ; foge chorando e esconde-se. Quando despi o luto não imagina como elle ficou.

— E é por isso que queres retirar a palavra, desfazer um casamento de tanto interesse ?

— Tenho medo.

— Medo de que ?

— Elle póde morrer. A alma que nelle habita já o tortura tanto antes do crime, que será depois ? Elle é o refem, minha mãe. O morto serve-se delle para garantir a minha fidelidade. Ameaça-me com elle.

— Quanto absurdo !

— Á noite, quando o vou deitar, toma-me as mãos, beija-as com o ardor de um namorado, attrahe-me e segreda-me, com voz tremula, palavras que não pódem vir de uma criança. E com que força os seus braços debeis me apertam ! É um inconsciente, um sêr passivo que repete o que lhe dita o ciume, o ciume que sobe do tumulto. Ainda hontem á noite . . .

— Que houve ?

— Pediu-me que o não esquecesse, que o não deixasse nunca !

— É natural.

— Não, não é. Quem fala pela sua boca é o homem revoltado que se insurge contra o que reputa uma traição. E eu sei que vou commetter um adulterio.

-- Que palavras são essas, minha filha !

— Sim, minha mãe, um adulterio. Meu marido está commigo, vive aqui dentro, sinto-o. É como se estivesse encerrado em uma prisão onde eu não

pudesse chegar. Ouço-lhe a voz, elle brada por mim, não do fundo da terra, mas pela boca de meu filho ; espia-me pelos seus olhos, segue-me com os seus passos, acaricia-me com as suas mãos. É elle ! E se eu casar, se não resistir á seducção, juro-lhe que o espirito se vingará terrivelmente na criança. E antes de tudo, minha mãe, eu quero a vida de meu filho.

— Tu estás impressionada. Tens pensado no fallecido. Compreende-se : um casamento lembra o outro, mas nada disso existe. O pequeno não me pareceu triste nem está assim tão pallido e emmagrecido como dizes. O mais . . . amúos de criança. Dá-lhe brinquedos, afaga-o, leva-o a passeios e verás que tudo se dissipa. Nem elle se lembra do pai, não póde lembrar-se : era tão pequenino quando elle morreu.

— Não se lembra ! ? Chame-o, interrogue-o e verá. Passa horas e horas na sala diante de seu retrato. Realmente é bem estranho tudo que lhe digo, mas não ha nas minhas palavras uma só que não seja verdadeira. E mamãe ficaria convencida se passasse alguns dias commigo.

— Talvez seja da casa, elle morreu aqui. Porque não te mudas ?

— Não, não é a casa . . . é o pequeno. O morto possue-o, e, apesar do grande amor que por elle mostrava em vida, parece que ainda era maior o

seu amor por mim, porque não hesita em sacrificar o filho ao ciume.

-- São as tuas imaginações que voltam. Has de ser sempre a mesma. Teu marido repousa no seio de Deus e se, no além, perduram os sentimentos, elle, que tanto te amou, longe de revoltar-se com a tua resolução, ficará contente comprehendendo que ella te conduz á felicidade.

— O amor é egoista.

-- O verdadeiro amor é generoso. E quanto a teu filho, deixa-te de illusões. Ciume ! . . .

— Mas o pobresinho é irresponsavel. O seu corpo é um ninho profanado. Assim como as serpentes, subindo pelos galhos das arvores, chegam aos ninhos, devoram os passaros que encontram e agasalham-se, enrodilhadas, no abrigo usurpado, assim o espirito do morto procedeu com meu filho : a alma da criança foi absorvida, fundiu-se nalma paterna. O coitadinho é um vehiculo do espectro. Ah ! minha mãe, procure vêr o olhar dessa criança — vem de longe, de muito longe e é triste como a luz das estrellas. Já o viu ?

— Elle está dormindo.

— Venha vê-lo. Quando dorme fica ainda mais pallido, quasi que se lhe não sente a respiração, não se move : é um cadaver. Já o tenho despertado aos gritos, julgando-o morto. Quando tal acontece elle abre devagar os olhos nublados, fita-os em mim e

eu os vejo accenderem-se pouco e pouco. Aquece-se, então, agita-se, treme, balbucia e chora. Os meus beijos animam-o e o pobresinho, apertando-me nos braços, segreda-me : « Que o não deixe ! Que tem medo ! » E relanceia o quarto com os olhos assombrados, tremendo tanto que me custa a contê-lo ao collo. Por que ? Que será ? É o pai, é o vampiro amoroso, o vampiro ciumento, o horror ! o horror, minha mãe, o horror ! que o vai matando aos poucos para vingar-se. Não ! Preciso salvar meu filho. Não me casarei, guardarei fidelidade ao tumulto por amor do meu . . . filho, do meu filho. Oh ! minha mãe, é horrível !

*Rompe em desesperado pranto atirando-se aos braços da mãe.*

*No silencio da casa adormecida um relógio bate as horas, sonóra, pausadamente.*



## Amor

---

— Imagina uma creatura condemnada a viver em carcere forrado de espelhos : para qualquer lado que se voltasse veria a sua imagem multiplicada, perdendo-se na escala perpetua dos reflexos — uma e multipla, invariavel e infinita. Assim é a minha vida. Meus dias reproduzem-se sem uma variante, na triste, uniforme insistencia das imagens, com um brilho frio de crystaes fronteiros. Hontem reproduz-se no amanha, as semanas retratam-se nos mezes, os mezes prolongam-se pelos annos. Sou sempre a mesma, na immobilidade inerte de uma encarcerada, envelhecendo sem sentir, porque os olhos, por não perderem de vista as feições, não descobrem os vicios e, vendo amarellecerem os cabellos, quando os encontra embranquecidos não têm surpresa nem desgosto. Sou isto : uma em-



paredada entre espelhos. Oh! a monotonia! a monotonia . . .

— E teu marido ?

— Meu marido tirou-me da casa de meus pais com o mesmo interesse com que requereu a sua carta, depois de formado. Não sou para elle a esposa, mas a mulher do clinico : um titulo que o recomenda ao publico. Elle diz : « sou casado » no mesmo tom em que allega ser medico.

— És injusta.

— Não sou. Que horas são ? quasi onze e estamos sós. Elle jantou ás pressas e sahiu para vêr um cliente. Se ainda, á volta, esquecesse um pouco a sua sciencia e se lembrasse de mim, eu não me revoltaria e, no deserto em que fico, acharia uma distracção em preparar a alegria para recebê-lo. Mas não, entra sempre fatigado, preocupado, ás vezes com uma duvida ; encerra-se no gabinete e lá fica estudando até horas altas e, quando se recolhe, não tem uma palavra carinhosa — deita-se como se tomasse um barco para atravessar o somno. Ha uma mulher ao lado ? Boa viagem ! e adormece. Ris ?

— Sim, rio . . . E tu ? que fazes ?

— Eu ? Que hei de fazer ? A mulher é como a flôr : deixa-se colher, não se entrega. Imaginam os homens que, para a felicidade da mulher, basta o que elles chamam, com altivez, o necessario. É um engano. O ter tudo nem sempre significa possuir o

bastante. Eu não busquei no esposo apenas o fornecedor, fui trahida por um ideal, segui um sonho, e julgando encontrar uma alma que emparelhasse com a minha, achei-me ao lado de um prodigo que me accumula de riquezas, retrahindo-se sempre que minh'alma o reclama. É como se eu fôsse servida por um genio, dos que revoam nos contos maravilhosos, que me não deixa desejar, porque logo faz surgir ante meus olhos aquillo em que pensei. Mas sendo genio, é invisivel, de sorte que, tendo o superfluo, não posso, sequer, agradecer a generosidade de quem m'o traz, porque as mãos doadoras desaparecem no mysterio e eu continuo só, na consumidora tristeza desta casa cheia de opulencia e de melancolia. O que eu imaginava nas minhas meditações de virgem ainda não encontrei na vida conjugal. O homem ? Ah ! o homem . . .

— Queres o amor ?

— Sim, o amor. Dar-se-á o caso de ser mentira tudo quanto dizem do amor ? Esses beijos, essas palavras meigas, essas confidencias que são enleios d'almas, encontros de espiritos no arroubo, esses andares lentos desfolhando sonhos, tudo, tudo que os outros referem, que os poetas rimam . . . Será mentira ?

— Sim, é.

— Mentira ? !

— Mentira.

— Então, tu ? Teu marido ?

— O amor é uma illusão, como as outras illusões. É preciso aceitá-lo como um sonho, sem descer á analyse, sem aprofundar o mysterio. O amor é a avareza do coração. A mulher mais feliz julgar-se-á sempre desgraçada invejando o sorriso de outra que passe pelo braço do esposo ou do amante, como o usurario, entre bolsas de ouro, ambiciona cubiçosamente a azinhavrada moeda que o pobre recolhe aos refegos da cinta. Julgas que os outros maridos são mais meigos que o teu porque os vês em publico. Em publico todos elles são affectuosos e delicados. Sempre citamos ao nosso esposo o exemplo do que vemos em sociedade. Ah ! minha amiga, se pudessemos divisar atravéz das paredes intimas . . . A hypocrisia é uma *toilette* de cerimonia. Não creias nesses casaes extremosos que passam muito unidos, trocando beijos. Exhibem-se. Teu marido anda a vêr doentes ; o meu viaja e eu não me queixo. O que te mortifica não é propriamente a « indifferença », como lhe chamas, mas a suspeita que ella provoca, o ciúme.

— Não, affirmo-te que não tenho ciúme. O que me revolta é o desprezo. Pois é possivel que um homem ache mais encanto em um livro de sciencia, do que no rosto de sua mulher ? que se apegue mais á repugnancia de uma enfermidade do que aos braços de sua esposa ? que prefira aos beijos de quem

o ama, o halito de um moribundo ? Não compreendendo.

— E o meu ? Se eu te disser que elle ficou em verdadeiro alvoroço quando foi nomeado para aquella commissão de morte nos rios febrentos, julgarás que minto. Oh ! a vaidade dos homens . . . E são tão injustos comnosco. Acham-nos futeis porque nos preocupamos com a *toilette* que realça os nossos encantos, queixam-se porque paramos extasiadas diante de uma vitrina admirando as plumas de um chapéu ou o talhe de um corpete, murmuram que por um instante de ostentação somos capazes de sacrificar a propria vida. Mas nós temos a pequenina vaidade da belleza, insignificante se a compararmos á vaidade da gloria a que os homens tudo sacrificam. Os homens de pensamento são muito peiores do que os chamados materiaes. O tédio póde afastar os amantes, póde arrefecer a paixão, a vaidade do renome estúa e cresce dia a dia. Os « intellectuaes » não podem amar. Os proprios poetas, que cantam o amor, que o exaltam, são os que menos amam, — buscam apenas na mulher a inspiração criadora : são as abelhas doiradas que passam levando para as estrophes as impressões que colhem. Não ha amor. O amor é uma illusão, um sônho feminino, que se desfaz no dia das nupcias, um encanto que desaparece diante do altar, uma felicidade dos primeiros annos. É o canto primaveril do coração. Depois...

— Não ha amor ?

— Não ha.

— E isso ?

— Que ?

— Ouve.

— Ah ! Isso é a seducção, minha amiga : Poesia que o proprio amor dissipa. O amor não existe, é o sonho.

— Como é bom sonhar !

— E choras ? Tolinha ! Olha a noite linda, ouve a canção e sonha. É um viatico que vai passando. Quem será a infeliz ? !

— Infeliz ? !

— Sim. É mais uma illusão que vai morrer. Canto de amor, marcha funebre.

*Chegam-se á janella e calam-se ouvindo a voz que canta ao longe, á luz do luar.*

FIM



## INDICE

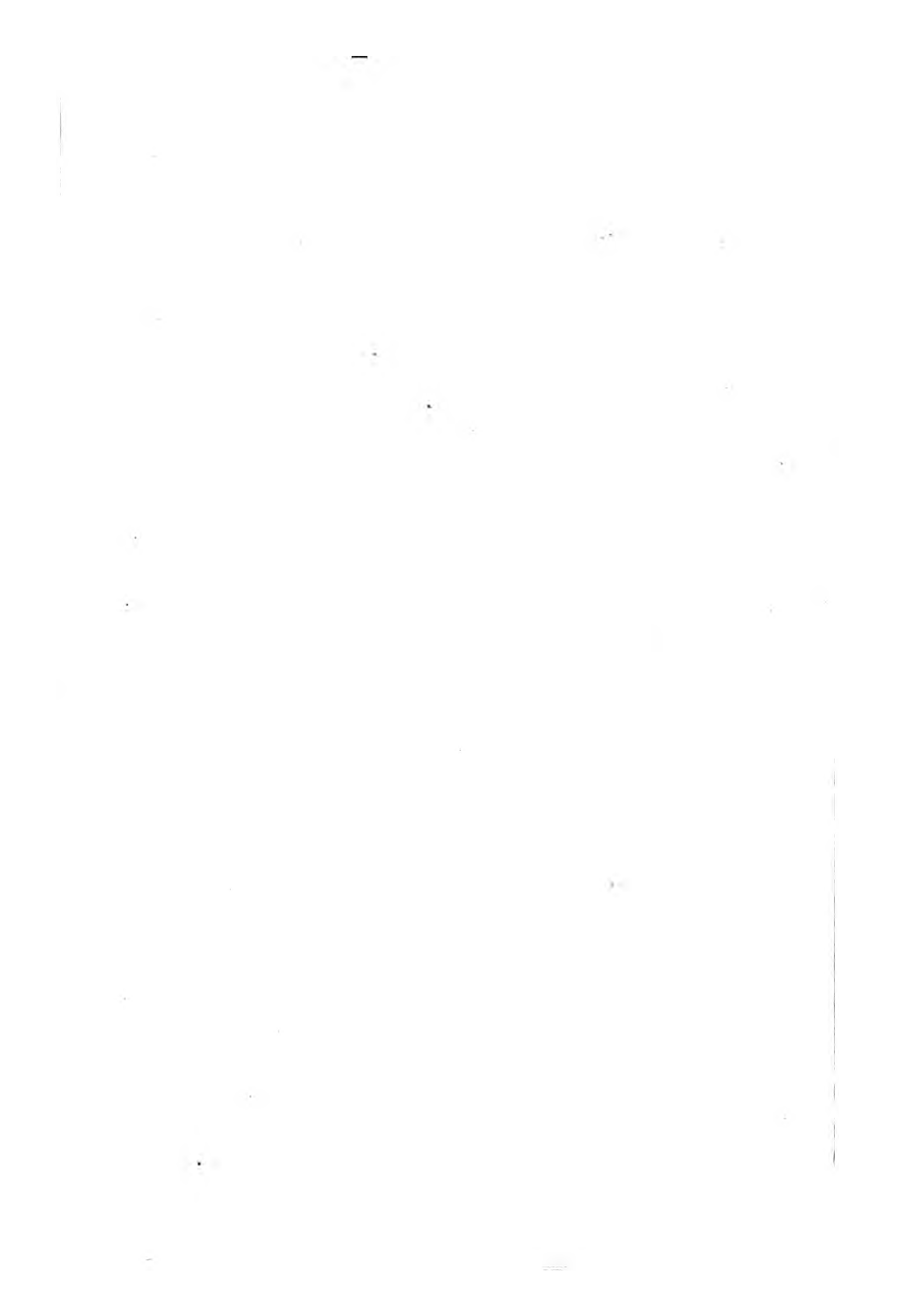
---

Alvorada . . . . .	7
O pequeno . . . . .	13
Nocturno . . . . .	21
A gloria . . . . .	27
Confidencias . . . . .	35
Ballada. . . . .	43
Serenata . . . . .	49
Mãis . . . . .	55
Cantares . . . . .	61
Claro-escuro. . . . .	69
Sursum-corda . . . . .	75
Mancenilha . . . . .	83
Sponsa-Christi. . . . .	91
Á espera . . . . .	101
Fascinação . . . . .	109
Adeus . . . . .	117
Mais forte do que a morte. . . . .	125
Remorso . . . . .	133
Depois do baile. . . . .	143
Astros mortos, . . . . .	149

In extremis.. . . . .	157
Amante . . . . .	165
Decahidos . . . . .	173
Expulsa . . . . .	181
Dolorida . . . . .	189
Duello . . . . .	197
Vampiro . . . . .	203
Amor . . . . .	211

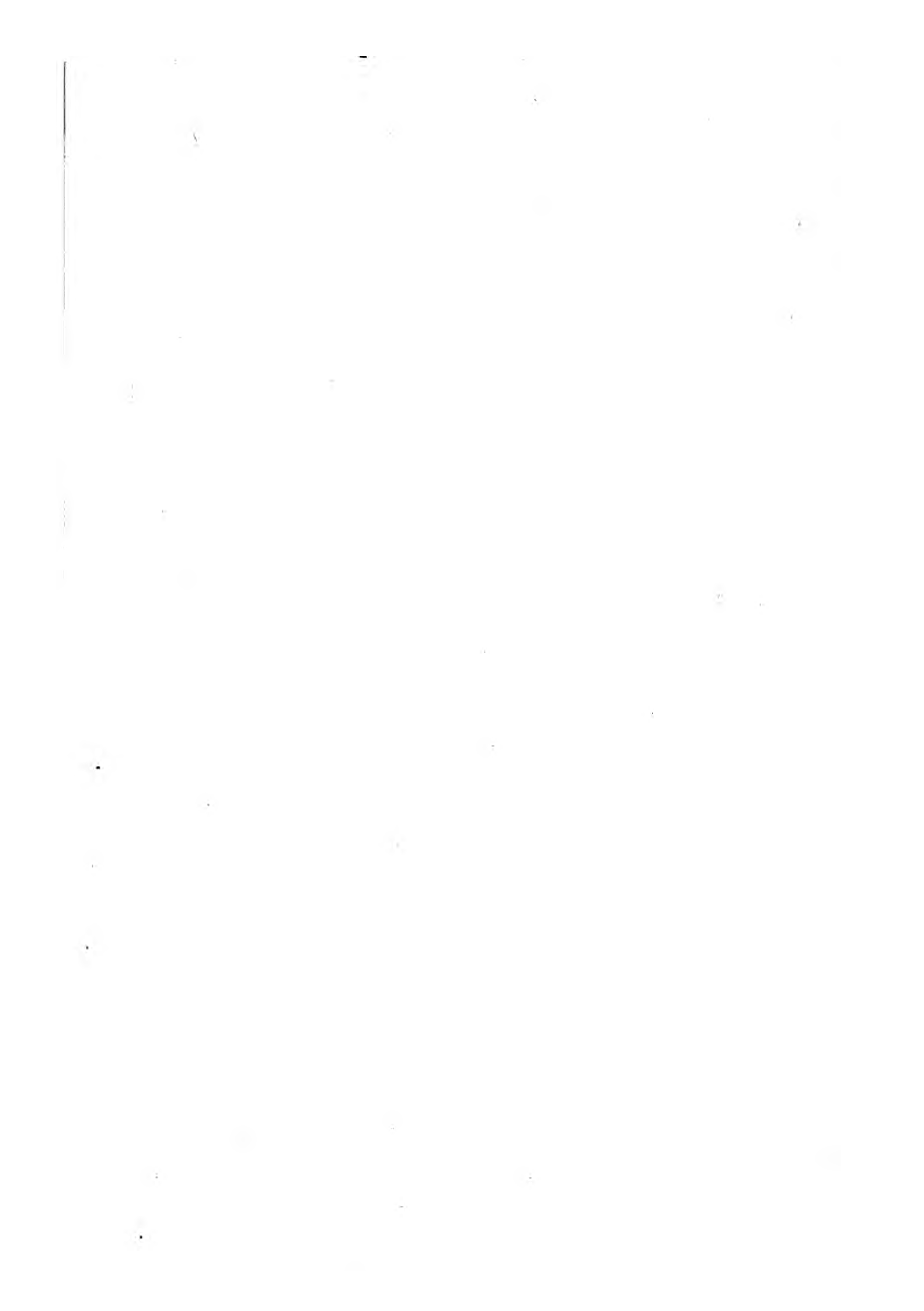
Oxfam  
 1.12.89  
 40p  
 [belly cash]

891808









**DICCIONARIO PRÁTICO  
ILLUSTRADO**

**Diccionario encyclopedico  
luzo-brazileiro**

**POR**

**JAIME DE SÉGUIER**

**2.ª EDIÇÃO**

**6.000 gravuras — 110 Quadros  
90 Mappas — 1.000  
retratos de individualidades celebres**

Letras, sciencias, artes, definições, exemplos, synonymos, antonymos, proverbios e locuções proverbiaes, pronuncia, etymologias, termos brasileiros, locuções latinas e estrangeiras, historia, biographia, geographia, mythologia, noticias bibliographicas, monographias de obras de arte, personagens e typos, formulario orthographico, etc., etc.

O Diccionario Pratico Illustrado realisa plenamente o typó perfeito do diccionario manual; devéis, pois, ter sempre á mão

**O VERDADEIRO LAROUSSE  
PORTUGUEZ.**



**Lélo & Irmão,**

EDITORES

R. das Carmelitas, 144 —

**JOÃO GRAVE**

- Os Famintos.  
A Eterna Mentira.  
O Último Fauno.  
O Passado.  
Gente Pobre.  
Jornada romântica.  
Reflorir.  
Reinado trágico.  
A Inimiga.  
O Mutilado.  
A Morte Vence.  
Vitória de Parsifal.  
Paixão e morte da Infanta.  
Os sacrificados.  
Os que amam e os que sofrem.  
Cruel Amor.  
Fogueiras de Santo António.  
Gleba.  
Vida do Espirito.  
S. Frei Gil de Santarém.  
Almas inquietas.  
O Amor e o Destino.  
Os Vivos e os Mortos.  
Memórias dos Dias Findos.  
*No prélo :*  
O Santo.

**FLAUBERT**

- Educação Sentimental.  
Salammbô.  
Tentação de Santo Antão.

**ABEL BOTELHO**

**Romances de Patologia Social**

1 — Barão de Lavos.

Beira.

o.



# COLECCÃO INFANTIL

A mais interessante das bibliotecas  
publicadas em português para as  
crianças

Tudo quanto uma criança pode  
e deve lêr

Nesta pequena biblioteca encontrareis volumes  
próprios para todas as idades e todas as indoles

Contos históricos, Contos de ani-  
mais, Contos de fadas, Os grandes  
homens, etc., etc.

## VOLUMES JÁ PUBLICADOS:

- N.º 1 — **Historia do Joãozinho, o Murganho da Cidade**, por Carlos Frederico,  
ilustrado por Rachel Roque Gameiro.
- N.º 2 — **O Cavallo encantado** (tirado das «Mil e uma Noites»), por Carlos  
Frederico, ilustrado por Raquel Roque Gameiro.
- N.º 3 — **A Batalha de Aljubarrota**, (contada ás creanças), por Carlos Frede-  
rico, ilustrado por Amoroso Lopes.
- N.º 4 — **Aladino e a Lampada Maravilhosa** (tirado das «Mil e uma Noites»),  
por Carlos Frederico, ilustrado por Raquel Roque Gameiro.

## A PUBLICAR BREVEMENTE:

<b>Historia da Cristininha e do seu cordeiro.</b>	<b>Sindbad, o Marinheiro.</b>
<b>Fabulas de Esopo</b> (contadas ás crean- ças).	<b>Ali Baba e os quarenta ladrões.</b>
	<b>O Tinzinho dos pés rombos.</b>
	<b>Fabulas de La Fontaine.</b>

**MUITOS OUTROS VOLUMES EM PREPARAÇÃO**